Diário de Lisboa

ANO 62.º N.º 21 060
Janeiro 1983
Sábado
22
20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

Comunicação de Eanes adiada para amanhã?

Homens do Presidente reunidos em Belém

Embora tudo aponte nesse sentido, não é ainda seguro que o Presidente da República faça amanhã a sua anunciada comunicação ao País, terminando com a expectativa em que têm vivido desde há mais de duas semanas milhões de portugueses. A meio da manhã de hoje começava em Belém uma reunião do Chefe de Estado com os seus principais assessores e que tudo indica se destinava a ultimar os pormenores da decisão presidencial e os seus desenvolvimentos imediatos.

Ramalho Eanes teria preferido fazer ontem a sua comunicação, mas o desenrolar de todo este processo não o permitiu. O dia de hoje não parece aos conselheiros de Belém o mais adequado. Na impossibilidade de ter sido utilizada a sexta-feira, o dia de amanhã foi considerado como melhor para o Presidente falar ao País. Segundo pudemos apurar esta manhã, tudo está agora dependente da possibilidade de o general Ramalho Eanes ter tempo para, entretanto, e tal como ontem foi divulgado, informar o Presidente da Assembleia da República e o Primeiro-Ministro demissionário, Pinto Balsemão.

Depois da sua visita ontem ao fim da tarde à ENDIEL, Ramalho Eanes manteve-se isolado e não teve contactos com ninguém, procurando fazer uma reflexão final sobre os numersos vectores que constituem a crise na busca da resultante que melhor a possa debelar com os menores custos possíveis.

A decisão final do Presidente continua envolvida por um verdadeiro muro de silêncio

Continua na pág. 24

Jornalistas encerram Congresso

Sim à independência, não ao sensacionalismo

Com duas sessões colectivamente presididas pelo secretariado da Comissão Executiva, terminou hoje na Gulbenkian o Primeiro Congresso dos Jornalistas. A «proclamação» final foi lida por Óscar Mascarenhas, depois da apresentação, por Ribeiro Cardoso, do «DL», das conclusões. À margem dos trabalhos, começaram ontem a ser preparadas as condições para que venha a realizar-se em breve um encontro de profissionais de todos os países de expressão portuguesa. Esta manhã entre as comunicações de convidados, contaram-se a do presidente da FIJ, e as de Arons de Carvalho e Adriano Duarte Rodrigues, o primeiro como deputado e o segundo na sua qualidade de responsável pelo Departamento de Comunicação Social da UNL.

As conclusões do Congresso consideram a independência atributo essencial do jornalismo, rejeitam todo o tipo de sensacionalismo, e sugerem a necessidade de criação de meios alternativos ao controlo da informação internacional. Por outro lado, salientam que deve reforçar-se o carácter vinculativo dos pareceres dos Conselhos de Redacção sobre directores e chefias em todos os meios de Comunicação. Acerca da tentativa de extinção da ANOP, dizem que «foi um acto obscuro do governo com motivações político-partidárias outras, localizadas em circuitos informativos internacionais cujo boicote aos países africanos delíngua oficial portuguesa estava a ser contrariado pela agência».

Entre as questões socioprofissionais abordadas nas conclusões, o Congresso afirma a urgência de formação profissional que substitua a «tarimba» tradicional, e a necessidade de combater o recurso sistemático das empresas a colaboradores, factor restritivo do acesso de candidatos à profissão e de profissionais a postos de trabalho. Ainda neste domínio, o Congresso «sugere a luta no sentido de que as empresas se obriguem a admitir anualmente um certo número de diplomados em Comunicação Social ou Jornalismo».

Págs. 2 e 5

Recta final de uma verdadeira maratona

"Comprar português"

O ministro da Indústria, Bayão Horta, anunciou ontem durante uma visita ao Encontro Nacional para o Desenvolvimento das Indústrias Eléctricas e Electrónicas que o seu ministério vai lançar brevemente a campanha «comprar português». Depois do «ano da exportação», o ano «comprar português» procurará melhorar a situação da nossa balança comercial. O ENDIEL/83 terminara amanhã estando patente na FIL uma larga gama de produtos das indústrias eléctricas e electrónicas (foto) Pág. 14

Hoje no Sete Ponto Sete

• Nacionalismos armados na Europa Ocidental

• Nos EUA, pais associam-se para se livrarem de filhos difíceis

"Tempo" acusou-o de continuar na Renault

Ribeiro de Almeida leva Nuno Rocha a tribunal

O semanário «Tempo» garantira na sua última edição que Leonardo Ribeiro de Almeida, presidente da Assembleia da República, «mantém o seu cargo de administrador da Renault». A resposta não se fez esperar: os autores da acusação vão ser responsabilizados perante os tribunais, uma vez que a suspensão de Ribeiro de Almeida daquele cargo até fora publicada no «Diário da República». Pág. 10

Informação na TV

Mário Castrim

1) A Informação na TV, quando corre o ano de 1983, processa-se em condições que há que ter em conta, quer internamente à própria empresa, a RTP, (a), quer exteriormente a ela (b).

a) A RTP é uma empresa pública; a Informação nela produzida equipara-se à produzida por um jornal estatizado.

b) A importância desta Informação avalia-se bem se nos lembrarmos do fraco índice de leitura de jornais diários, que é o mais baixo da Europa; da cobertura deficiente do território em termos de Informação escrita, bastando dizer que há vilas onde, por carência de transportes, não chegam jornais da tarde; e do facto de que, à maior parte do território nacional, apenas chega a Informação prestada pela Rádio e pela Televisão.

2) O carácter da estatização de órgãos de informação implica especiais normas de equilíbrio e, quando se trate de opinião, de pluralismo. A existência de opinião partidarizada, e unicamente de um sector, implica, na realidade, a existência de Censura.

3) Quais as normas que limitam a acitividade de um órgão de informação estatizado? Não são as que respeitam aos interesses de um partido, ainda que esse partido esteja no poder; não são as que interessam a um governo enquanto emanação de um partido ou de uma coligação; não são as que resultam da força desta ou daquela força social. As normas que definem a actividade de um órgão de informação estatizado são as estabelecidas para a Comunidade pela Constituição da República, cristalização da filosofia do Estado.

4) A mais que deficiente informação a que o povo português esteve sujeito durante largas décadas, impõe à Informação prestada pela TV especiais cuidados.

a) na escolha dos temas

b) no tratamento jornalístico

c) na ordenação dos horários.

4 a) O conhecimento de certos «efeitos TV» criou a fórmula segundo a qual «a televisão é que faz o acontecimento, não é o acontecimento que faz a televisão». A fórmula reflecte o poder da televisão na orientação das opiniões públicas.

Daqui a necessidade de escolher os temas que, pelo seu significado histórico ou pelo seu impacte circunstancial, estejam de acordo com a força real da televisão.

Um poder que engrandece a mediocridade assume-lhe igualmente a debilidade e o descrédito.

4 b) A atenção do telespectador é um fio de extrema vulnerabilidade. Às causas exteriores deve a TV evitar acrescentar novos elementos de perturbação.

A linguagem deve ser simples, directa, construída de frases curtas e de recorte mais falado do que escrito. Ao contrário das televisões doutros países, a nossa recebeu mais afluentes da Imprensa escrita do que da Imprensa falada. A informação televisual, entre nós, deve mais ao jornal do que à Rádio.

Ainda são frequentes, entre nós, redacções como «o clube X defrontou o clube Y no campo do primeiro e a vitória coube ao segundo por...» ou então «os ministros Fulano, Beltrano e Cicrano deslocaram-se respectivamente a Aveiro, Porto e Coimbra...»

O noticiário deve basear-se o mais possível em documentos visuais, utilizando a reportagem, o mapa, o desenho, o gráfico, etc. As legendas devem utilizar um tipo suficientemente grande para não desecorajar a leitura.

Os horários devem procurar-se de modo a obter o máximo consenso entre as conveniências das diveras regiões do país. Por outro lado, o carácter de informação deve ter em conta a situação específica de cada horário. Estão condenadas, por exemplo, no último noticiário, as informações relativas a assaltos, atentados, terrorismos, catástrofes, etc.

5) As populações estão mais interessadas, naturalmente, nas notícias domésticas e é neste sentido que o esforço de comunicação se deve intensificar.

6) Claro que não vivemos em compartimentos estanques e que o exterior deve ter a sua quota parte, a qual não será pequena. Mas uma coisa são as informações que têm a ver com o destino interligado das comunidades internacionais, outra é o acervo de informações menores que apenas servem para enchouriçar, estabelecer um processo de fuga à nossa realidade, criar situações de dependência que têm a ver mais com a curiosidade mórbida do que com o desejo de uma informação essencial, abrindo-se assim a porta à perversão da notícia.

7) A defeituosa informação, tal como se vem processando entre nós, há cerca de três anos com maior virulência, orienta-se mais no sentido da propaganda, da guerra psicológica, do que no da informação propriamente dita. Todos os esforços são exercidos para a criação de determinados reflexos que têm a ver com opções partidárias e com servidões de carácter internacional.

Monstrualizam-se determinados acontecimentos (a Polónia, o Afeganistão, a presença cubana em Angola...) enquanto outros (a cumplicidade dos Estados Unidos com Israel, as manifestações pela paz, o «apartheid», a responsabilidade dos Estados Unidos no genocídio de El Salvador, etc., etc.) são deixados cair no esquecimento. Expressões como «Europa livre», «mundo livre», «países democráticos», «regimes totalitários», etc., etc., são moeda corrente e destinam-se a orientar as opiniões públicas no sentido das «opções inconscientes» de que, depois, retiram dividendos de ordem prática.

8) Deste processo informativo, desta avalancha de notícias menores, desta saturação da agressividade de classe, resultam disfunções como a **ansiedade, a privatização** e a **apatia.**

A audiência fica perturbada, ansiosa, desestabilizada com os montes de crimes, atentados, desastres, incêndios, terrorismos. Sem uma explicação histórica de determinados fenómenos, a desestabilização adquire carácter metafísico, absoluto, que desencadeia perturbações, por vezes não claramente referenciadas, no mecanismo emocional e no comportamento social da audiência.

Agredido pela profusão de ataques ao seu equilíbrio e pela saturação de noticiário sem qualquer significado para ele, a audiência acaba por se afastar da informação, por desacreditá-la, por se refugiar nos seus problemas, nos problemas do seu meio ambiente, afastando-se do circuito social.

Depois de devorar montanhas de informação, o receptor tende a considerar-se em paz com a sociedade. Nada lhe resta fazer, porque o tipo de informação que lhe foi prestada não o motiva para a acção. Ele acredita que, por ser um cidadão muito «informado», já é um cidadão muito activo...

9) Depois do 25 de Abril abriram-se perspectivas para o «conhece-te a ti mesmo e à tua acção na História» que uma correcta Informação propicia. É a essa perspectiva que a informação na RTP deve regressar.

Habituados a usar palavras, os jornalistas tentaram tomar, durante três dias, uma palavra «outra» para reflectirem sobre a sua própria profissão. É sem dúvida cedo para avaliar os resultados do Congresso que ao princípio da tarde de hoje se encerrou na Gulbenkian, mas não é exagero afirmar que nele houve, como era natural, do melhor e do pior – tratando-se de uma iniciativa destinada ao maior número possível de profissionais. Sem pretendermos resumir em duas palavras o sentido global que dele emerge, ficámos certos de que, ao tomarem consciência da diversidade de problemáticas que, hoje, lhes dizem directamente respeito, os jornalistas portugueses se sentem um pouco como os actores do tempo do cinema mudo perante o nascimento do sonoro: ou mudam, ou...

Dois apontamentos apenas que desde já merecem o nosso destaque sobre factos «produzidos» pelo Congresso, e que se arriscam a ficar na penumbra das coberturas noticiosas: Primeiro, representantes da FIJ e da OIJ, as duas mais importantes organizações internacionais de jornalistas, que são ao mesmo tempo rivais, sentaram-se à mesma mesa para discutirem com portugueses os problemas da profissão. Segundo, convidados brasileiros salientaram que é para eles «um ponto de honra» terem conseguido que só haja acesso ao trabalho de jornalista, hoje, no Brasil, para licenciados em Comunicação Social.

Cinco profissionais do «Diário de Lisboa», Alice Nicolau, Eugénio Alves, Pedro Alvim, Mário Castrim e João Mendes apresentaram ao Congresso comunicações de trabalho que hoje aqui publicamos. Cada uma a seu modo, elas ajudarão o leitor a saber o que neste jornal se pensa sobre as condições do exercício da profissão.

J. M.

Algumas limitações da informação internacional no nosso país

Alice Nicolau

O advento do 25 de Abril trouxe para todos os sectores da informação jornalística consequências cujo estudo está longe de ser feito.

Há, no entanto, alguns efeitos da liberdade de Imprensa que são visíveis, sem qualquer estudo prévio, para os jornalistas cuja experiência abarca os tempos do fascismo. Uma primeira salta imediatamente aos olhos: os jornais portugueses não se adaptaram ainda às novas condições. E, pelo andamento da carruagem, não se vislumbram hipóteses de o virem a fazer. Outra consequência, que diz estritamente respeito ao «noticiário internacional», foi a da minimização dessa informação especializada nos grandes órgãos de comunicação social.

Antigamente os jornais que se pretendiam, tanto quanto possível, independentes do regime serviam-se das notícias internacionais com dois fins principais: encher as primeiras páginas de assuntos políticos, necessariamente do exterior, uma vez que os do nacional estavam interditos, ou quase; dar, através do internacional, a imagem de um mundo democrático, cuja propaganda, como tal, era impossível.

Hoje escolheu-se a via quase oposta, com consequências também negativas para os jornalistas e para o público leitor: preferem-se as pequenas e insignificantes intrigas da «casa de orates», em que certas forças partidárias portuguesas se transformaram, às notícias do mundo, cujas repercussões históricas são infinitamente superiores, mesmo se tivermos em vista o nosso próprio país.

Isto e a possibilidade de ajeitar telegramas, redigir textos, através dos telegramas das várias agências, escrever artigos, entrevistas ou comentários com certa soma de intervenção pessoal o acesso a informações do mundo socialista foram as únicas consequências visíveis no que toca à informação internacional dos jornais portugueses. A acrescer a estas consequências, há uma outra: as campanhas propagandísticas do imperialismo que dantes não eram trombeteadas por certos sectores democráticos (muito mais cheios de pudor que hoje) são agora acolhidas em órgãos de informação que se apresentam como «independentes da esquerda». Dantes havia entre os jornalistas contrários ao regime um acordo tácito, que se reflectia num limitado número de órgãos de informação: se neste País não podemos falar bem do socialismo nem da URSS, também não deveremos embarcar em claras manobras propagandísticas anti-socialistas e anti-soviéticas. Hoje, a pretexto da liberdade de Imprensa, deixou de haver este cuidado, esquecendo-se certos jornalistas de verificar uma realidade: a informação que é hoje teoricamente possível sobre «o lado de lá» continua a escassear nos nossos jornais. A visão unilateral das questões está ainda hoje na ordem do dia, e certos órgãos de informação, que durante estes 8 anos nunca mostraram a mínima preocupação em beneficiar das novas condições para fazerem trabalho despreconceituoso sobre as novas sociedades (quer socialistas, quer democráticas revolucionárias não hesitam em papaguear todas as campanhas organizadas a nível internacional para denegrir sociedades, das quais o povo português (e às vezes o próprio jornalista pouco ou nada sabe).

Para avaliarmos da importância da função dos órgãos de comunicação social, devemos socorrer-nos de uma comparação que, a nós pessoalmente, nos parece inteiramente válida: a Imprensa (escrita ou falada) funciona, nos dias de hoje, como os anais e as crónicas do passado. A ela compete fazer o registo da história do nosso tempo, tanto a nível nacional, como internacional. Se examinássemos cada jornal português sob essa perspectiva, chegaríamos, sem dúvida, a conclusões muito diferentes daquelas a que somos levados pela simples observação dos títulos, do aspecto gráfico e da chamada «vivacidade» dos jornais. Descobriríamos que jornais aparentemente maçudos e desinteressantes cumprem a sua função de registo da história muito mais plenamente que a maioria dos «vivaços» e dos «que se metem pelos olhos dentro».

Partindo desta concepção da Imprensa como um registo da História, temos que no nosso país raramente se conseguem transmitir aos leitores factos autênticos da História que minuto a minuto, estamos todos, neste mundo a construir.

Como se sabe, a informação internacional entre nós continua a ser exclusivamente tributária das grandes agências internacionais.

Refiro-me não à informação internacional, em geral, mas àquela que é diariamente fornecida sob a forma de notícia. Daqui decorrem logo várias consequências: nunca é sob uma perspectiva nacional, individual (do jornalista) ou de cada órgão como tal que se seleccionam as notícias. Estas chegam aos jornais em quarta ou quinta mão: segundo a selecção feita pelo primeiro informador e as selecções posteriores a que é sujeita, incluindo aquela a que procede o escritório lisboeta da agência que a transmite. Verifica-se assim que, em matéria de noticiário do dia a dia, cada jornal português (seja ele de que corrente for) só dispõe das mesmas notícias (iguais para todos eles) provindas dos mesmos seleccionadores. Estou quase certa de que, se em Portugal se realizasse um estudo igual ao que há poucos anos se efectuou na América Latina chegaríamos às mesmas conclusões: em matéria de notícias do Internacional, os jornais dão uma imagem mais à direita do que se se analisar apenas o conteúdo dos comentários feitos na redacção.

Contrariamente aos nossos jornais, paupérrimos de estruturas, deficientes em número de jornalistas, incapazes de beneficiarem da liberdade de Imprensa, as agências de que somos tributários são poderosas organizações mundiais com as quais nem o mundo socialista nem o chamado Terceiro Mundo podem competir. Isto significa que estamos inteiramente nas mãos delas. Significa que trabalhamos (gratuitamente) nas suas diárias campanhas (grandes e pequenas) por vezes com total inconsciência. Este risco é tanto maior quanto mais ignorante for o jornalista ou quanto mais aceleradamente tiver que elaborar o noticiário do dia.

Se existem campanhas visivelmente organizadas como tal, cada jornalista minimamente conhecedor, saberá acautelar-se. Mas mesmo assim o jornalista vê-se quase obrigado a fazer-se eco da campanha – ainda que reescrevendo os textos das agências – porque trabalha em jornais independentes que não podem dar-se ao luxo de ignorar sistematicamente esse tipo de noticiário. As campanhas são de facto tão habilmente programadas que, sem corresponderem à verdade, servindo apenas fins muito concretos – e por vezes assaz limitados no tempo – se transformam, elas próprias em notícia. Um exemplo: nenhum jornal do mundo poderá ignorar a campanha antibúlgara, neste momento em fase agónica, mas que, a certa altura, se transformou numa das dominantes dos noticiários internacionais. Ainda que o jornalista esteja a desmenti-la, a desmontá-la, a contrapor-lhe argumentos factuais, no fundo, está a entrar nela. É obrigado a ampliá-la quer fazendo-se eco dela, quer desmentindo-a.

O mais grave, porém, é a insídia diária, tão subtil por vezes que nem o jornalista mais experiente e mais alerta lhe consegue escapar. Já referimos a selecção de notícias. Tudo começa, realmente, por aí. Se tivessemos fontes próprias de informação na origem, muito provavelmente entre uma greve de trabalhadores num país e o casamento do herdeiro do trono desse país, optaríamos por dar destaque à greve, localizando-a historicamente, e noticiaríamos em poucas linhas o «folclore» do casamento porque há leitores interessados nesse tipo de notícias, as quais ão à sua maneira, são também notícias.

No entanto, as agências internacionais consagram milhares de palavras a um casamento principesco, deixando no esquecimento ou condenando a pequenas linhas desconexas, factos, por vezes, de grande importância histórica, económica, social.

Não conhecendo nós as notícias não podemos dá-las nem, ao fazer um comentário, podemos contar com elas para avaliar da situação real de um dado país.

Depois, há outras distorções gravíssimas dessa selecção: o mundo socialista e o chamado Terceiro Mundo são os grandes ausentes dos noticiários. Esses dois mundos só dão notícia quando há grandes realizações internas ou internacionais que os têm por palco ou quando corre sangue e há agitação. Somos assim levados a dar ao leitor a seguinte imagem: nos países socialistas e no Terceiro Mundo não acontece nada durante meses e meses. A vida está parada. E as pessoas só se mexem para andarem aos tiros umas às outras ou para contestarem violentamente o regime. As revoluções só interessam também pelo sangue que fazem correr, por aquele cortejo de horrores, que, desde a revolução capitalista da França no século XVII, se associa a tudo quanto se possa denominar de «revolução». Quando as situações se estabilizam e começa a verdadeira revolução,

Continua na pág. 4

Universidade e Formação Profissional

João Mendes

NO ano lectivo de 1981-1982, o Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa tomou a iniciativa de criar um ensino especialmente dirigido a profissionais da Informação.

Tratava-se de testar uma «deriva» no quadro da licenciatura que o Departamento fornece, instituindo um diploma de frequência mas, sobretudo, oferecendo as condições de possibilidades institucionais para um diálogo entre a pulsão universitária, vocacionada para a reflexão fundamental, e profissionais desejosos de restabelecer laços com essa reflexão ou de se distanciarem das suas práticas para a elas regressarem depois um largo «passeio» teórico.

A experiência não resultou e foi suspensa pelo Departamento; vale a pena demorarmo-nos alguns instantes sobre o que a levou ao fracasso.

Há um velho equívoco na formulação do «desejo de universidade» por parte dos profissionais da Informação; dada a quase total inexistência de formação profissionalizante fora do quadro das empresas propriamente ditas, os «fabricantes de actualidade» que somos sentem, a um tempo, a falta de instituições que reciclem os seus saberes e a falta de um ensino iniciático, próximo do antigo «ensino técnico secundário», que constituísse uma aprendizagem da profissão. A experiência leva provavelmente a maioria dos profissionais a adivinharem, de forma mais ou menos vaga, que tal ensino não seria senão um simulacro de aprendizagem: a reprodução em «atelier», de condições que mimassem o exercício de algumas práticas. Creio que a ideia de «formação profissional» que domina o nosso meio é ainda corporatista: a iniciação faz-se nas empresas, segundo um itinerário consagrado onde se é aprendiz, oficial, mestre de ofício...

Por isso, se diz tradicionalmente que um licenciado em Economia ou um sociólogo que se inicia no jornalismo deve absolutamente percorrer o labirinto iniciático desde o seu princípio; aí encontram geralmente os jornalistas motivo para estranharem que uma administração aceite valorizar o trabalho de um licenciado a quem falte o mitológico «traquejo», a «tarimba» tida como obrigatória.

Mas ao mesmo tempo, os profissionais da Informação sabem que a relativa especialização, a subida do índice de competência no tratamento das matérias que fazem a «actualidade», o surgimento de uma opinião pública mais crítica e mais exigente, requerem novos saberes, novos vocabulários, novos códigos, que tornem possivel a expressão de realidades cada vez mais complexas.

A multiplicação de profissões no campo da Comunicação Social, cada uma delas supondo um conjunto de saberes relativamente elaborados, agrava a falta de formação específica da maioria.

Não estamos longe do tempo em que a instrução primária completa era considerada suficiente para o exercício da profissão, e o facto de hoje cerca de 40 por cento dos profissionais «terem frequência universitária» não aliviou o sentimento de que «falta» formação específica.

Criou-se, assim, um círculo vicioso: os mesmos profissionais que se sentem vítimas da falta de uma escolarização própria, «sabem» por experiência que «nenhuma escola forma um jornalista»; esta tensão exprime o compreensível conflito entre a ideologia do «feeling», da «vocação», e o reconhecimento de que estes são inteiramente insuficientes por si sós, para se produzir «actualidade» no campo dos «media» contemporâneos.

O ensino criado pelo Departamento de Comunicação Social da Universidade Nova de Lisboa com o objectivo de ser um complemento da formação dos profissionais não se afastava, essencialmente, do quadro de reflexão da sua licenciatura; enraizada nas matrizes epistemológicas das ciências humanas, esta licenciatura parte para uma «viagem» através do sentido, através da emergência dos códigos que o exprimem da economia e da sintaxe das narratividades contemporâneas no campo dos «media». A tentativa então feita, de adaptar estas problemáticas às matrizes de comportamento ao quadro de preocupações de profissionais «desejosos de universidade» cedo demonstrou poder ser um lugar de eleição para a expressão do círculo vicioso que descrevi: o ensino que ali se ministrou viu-se apelidado de «teórico», de «abstracto» e de «pouco aplicável às práticas» que ocupavam predominantemente os profissionais.

Alguns dos profissionais que tinham desejado fazer a experiência acabaram por preferir dar os passos que os conduziriam ao primeiro ano da licenciatura. Assim se fechava, mas percorrido no sentido inverso, o anel iniciático; do mesmo modo que uma redacção trata um economista experimentado de «caloiro» da profissão quando ele decide reconverter-se em jornalista, também a Universidade reconduzia à aula de primeiro ano o jornalista com anos de experiência. Este duplo movimento de recondução a um início de caminhada corresponde ao actual estado de coisas, ao espartilho, institucional, em que nos movemos e moveremos nos anos mais próximos, e parece difícil modificá-lo com vista a um quadro alternativo respeitável, eficaz e crível.

Que resta da experiência, em termos de projecto?

A certeza de que o regime de seminário livre, sem valor curricular, ou de frequência livre de determinadas disciplinas, continua a ser desejado por um número considerável de profissionais. Certamente a Universidade o proporcionará, por iniciativa própria ou motivada por solicitação exterior em que ela reconheça o seu interesse. O diálogo e o intercâmbio são possíveis e desejáveis na diferença, sem fusão voluntarista de destinos.

A questão do ensino pôr-se-á, no entanto, inevitavelmente, durante este congresso. E pôr-se-á num momento em que a sedimentação dos projectos institucionais já não aponta para a criação de uma «Faculdade de Jornalismo» numa das universidades existentes.

A reciclagem e a formação profissionalizante requeridas pelos jornalistas dificilmente poderão exercer-se fora do quadro de um ensino intermédio, politécnico. E se ao poder político compete instituí-lo e situá-lo, do ponto de vista do valor do diploma a fornecer, no leque de ensinos praticados na sociedade portuguesa contemporânea, aos jornalistas compete sem dúvida caminhar no sentido da criação de Centros de Formação que actualizem conhecimentos, redimensionem linguagens e problemáticas em função da prática profissional.

Ensino médio? Ensino politécnico? Repescagem do antigo ensino «Industrial», nos últimos anos definido como «Ensino Superior Curto»? Seja qual for a designação encontrada, a formação profissional desejada pelos jornalistas acabará quase certamente por se situar, como numerosas outras, algures entre o secundário e o universitário. É sem dúvida desejável que a iniciativa não dependa das possibilidades de um eventual grupo privado, o que faria decerto subir excessivamente os seus custos, e que ela não se limite à igualmente eventual constituição de cooperativas, de vida financeira incerta e pouco estável.

Na sequência dos trabalhos do congresso haverá certamente que estudar o modo de envolver o Estado na sua criação.

A Universidade poderá sem dúvida satisfazer a sede de enquadramento que, na Comunicação Social como em outros domínios da actividade, é manifestada por profissionais que desejam manter-se próximos dela, através das iniciativas em «regime livre». Mas dificilmente as licenciaturas que ela fornece na área das Ciências Humanas serão, em breve, «profissionalizantes». A Universidade poderá colaborar utilmente com um ensino médio de jornalismo, cedendo docentes ou animando, como «partner», iniciativas pedagógicas. Mas seria vantajoso acabar com a ilusão de que a licenciatura em Comunicação, precedida da actual iniciação genérica no ensino secundário, «serve para fabricar jornalistas prontos a servir nas redacções».

Informação: onde a dúvida metódica...?

Pedro Alvim

I – O velho moço dos recados

OUTROS são os tempos – e não mais a informação entre nós deverá ser encarada como um simples recado. Porque já houve um tempo (o tempo da Censura, o tempo de Salazar, o tempo de Marcelo) em que as coisas, em termos de notícia, se processavam do seguinte modo: o jornalista deslocava-se ao acontecimento, tirava notas do acontecimento e passivamente transmitia o acontecimento ao público.

Era, na verdade, um moço de recados.

Os acontecimentos, porque inseridos num quadro subserviente face ao poder constituído, impunham-se ao jornalista como algo não susceptível de qualquer posição crítica. Dir-se-ia que os acontecimentos ocorriam à semelhança do dia que nasce ou da noite que cai: tinham de ser aceites mecanicamente, sem perguntas, sem interrogações, sem um ponto (sequer) de exclamação...

Aí está: sem um ponto (sequer) de exclamação. Porque não havia espanto, um grito mais alto, uma surpresa: na lenta engrenagem da rotina, no hábito que obscurece, na cómoda conformidade de tudo – eis que o jornalista de então havia perdido a capacidade de espanto, a coragem de soltar um grito, o acto generoso, enfim, de se surpreender com a vida em todas as suas formas. Os acontecimentos eram como os dias no calendário: 1..., 2..., 3..., 31. E vinha depois outro mês, e vinha depois outro ano. Tudo fatal como a certeza: de nada havia que duvidar.

E porque assim era, e porque a dúvida ainda não irrompia no jornalista, este, entre o acontecimento e a escrita do acontecimento, nada mais era (naqueles tempos passados) do que um velho moço de recados.

Por outras palavras: os acontecimentos tinham razões que a razão do jornalista tinha de aceitar. Não pensar era a palavra de ordem – palavra de ordem que se ia imiscuindo no jornalista através da censura, da polícia política, da cumplicidade também dos donos da Informação. Para um mais completo juízo da actividade noticiosa de então, refira-se ainda que o jornalista, como moço de recados, nem sempre conseguia transmitir ao público todos os recados: uns passavam, outros ficavam na gaveta.

II – O novo moço de recados

Em linhas muito breves, eis pois como era (e o obrigavam a ser) o jornalista de então.

Veio depois um outro tempo – e no decurso desse novo tempo, ao longo de etapas necessárias, o jornalista foi-se dando conta de que fazia parte dos acontecimentos que noticiava, de que também afectava os acontecimentos, de que podia provocar inclusive acontecimentos. Em suma: ele, o jornalista, era igualmente um acontecimento entre acontecimentos – e (num raciocínio mais amplo) uma parcela de todos os acontecimentos.

Esta demorada e súbita evidência verificou-se quando o jornalista se tornou cidadão eleitor, conquistou direitos e aceitou deveres, se localizou na democracia, pôde optar em liberdade por esta ou aquela ideologia, etc., etc., etc. Como habitante da cidade de todos, o jornalista deixava de ser o velho moço de recados de antigamente. Eis, no entanto, que algo de estranho lhe começou a suceder...

O quê...?

Em linhas também muito breves, diremos que o jornalista se foi tornando dependente daquilo que foi criando ou daquilo em que foi participando. Exemplifi-

Continua na pag. 4

No Ano Internacional das Comunicações

Eugénio Alves

PROCLAMADO, em Novembro passado, pela Assembleia Geral das Nações Unidas, como «Ano Internacional das Comunicações», 1983 poderá marcar para os jornalistas portugueses uma nova etapa nas relações com camaradas de outros países e continentes e, concretamente, com os profissionais de expressão oficial portuguesa.

A presença dos nossos companheiros de Angola, Cabo-Verde, Guiné, Moçambique e S. Tomé e Príncipe, neste nosso primeiro congresso constitui a oportunidade há anos desejada para relações mais abertas e fecundas e (porque não?) o passo decisivo para um grande encontro de jornalistas de língua portuguesa.

Temos ainda, entre nós, companheiros dos organismos representativos dos jornalistas árabes, espanhóis, franceses e italianos. Será pois, também, uma boa ocasião para cimentar contactos e debater questões comuns de âmbito profissional, como é o caso da Nova Ordem Internacional de Informação.

Representados, desde Outubro passado, pelo seu sindicato na Comissão Nacional da UNESCO, os jornalistas portugueses poderão contribuir, através desse órgão e em ligação com os principais organismos internacionais de classe (FIJ e OIJ) para um maior debate e compreensão do gritante problema da desigualdade mundial na Informação e dos seus efeitos (económicos, sociais e culturais) nos países em vias de desenvolvimento.

Conhecemos as estatísticas. Sabemos que 80 por cento da Informação que circula no mundo é produzida e influenciada por um número restrito de países, objectivamente interessados na consolidação dos seus interesses económicos e políticos. Combater esse domínio, denunciar esses interesses e fortalecer as relações com os profissionais dos países mais afectados, será – pensamos – uma maneira também de defendermos no nosso próprio país, uma Informação mais honesta e mais próxima dos interesses do povo.

É curta ainda a história das relações internacionais dos jornalistas portugueses. Antes do 25 de Abril pouco houve. O primeiro contacto ocorreu em 1935 e traduziu-se num acordo do nosso sindicato – criado um ano antes – com a Associação Brasileira de Imprensa. Condicionado pelo regime (António Ferro presidia então ao SNJ), o acordo, sem efeitos práticos visíveis, tinha uma disposição curiosa: estabelecia a reciprocidade de direitos e deveres entre os jornalistas brasileiros e portugueses.

Muitos anos mais tarde, em Junho de 1973, uma delegação sindical, constituída por Luís de Barros (presidente) e Figueiredo Filipe (tesoureiro) participou em Capri no 2.º Congresso Internacional dos Jornalistas Europeus. Apesar da polémica então levantada, numa assembleia geral, essa presença em Itália quebrou, de facto, o sistemático isolamento internacional dos jornalistas portugueses.

Sabe-se que os anos imediatamente posteriores ao 25 de Abril não favoreceram, lamentavelmente, o desenvolvimento dessas relações. Foram anos de divisões e sectarismos profundos, que enfraqueceram consideravelmente a capacidade de intervenção, interna e externa do nosso organismo de classe.

Passados esses primeiros anos post-Abril, e encontrada uma solução mais ampla e representativa para a direcção do SJ, reabriu-se o processo das relações internacionais e 1978 marcou uma etapa histórica, com a ligação formal do nosso sindicato às grandes organizações internacionais, FIJ e OIJ. A partir daí foram numerosas e diversificadas as participações de jornalistas portugueses em encontros e debates de âmbito internacional.

Apesar das dificuldades surgidas em 1981 na sucessão directiva do SJ, a necessidade de aprofundamenoo e alargamento das relações internacionais foi seriamente encarada.

O SJ esteve presente nos congressos da OIJ (Setembro-81) e da FIJ (Maio-82) e fez-se representar, por convite, pela primeira vez, nos congressos dos nossos camaradas brasileiros (Setembro-82) e espanhóis (Dezembro-82). Um nosso representante participou ainda, em Julho de 1981, em Roma, na Conferência Internacional de Solidariedade com os escritores e jornalistas palestinianos, tendo sido convidado a integrar o Comité Internacional de Apoio, composto, entre outros, por Garaudy e Vanessa Readgrave.

Recebemos ainda no decorrer dos últimos dois anos, as visitas de representantes da Guiné-Bissau, de Moçambique, da OIJ e da FIJ e da Federação dos Jornalistas Árabes. Uma delegação do SJ esteve em Praga, em Fevereiro de 1982; a convite da OIJ, com quem debateu formas concretas de cooperação. Por convite também daquela organização, um representante do SJ passou a integrar o Conselho Editorial da OIJ. Outra presença significativa do SJ ocorreu em Outubro de 1982, no Encontro Internacional sobre a Protecção de Jornalistas, promovido pela UNESCO e pela FIJ.

Em Novembro do mesmo ano, outro representante do SJ esteve em Tunes, num encontro promovido pela Federação dos Jornalistas Árabes. Uma delegação da FJA foi ainda recebida em Lisboa, em Outubro de 1982, pelo SJ que convocou uma conferência de Imprensa destinada a informar a opinião pública portuguesa sobre os problemas dos jornalistas palestinianos detidos no Líbano, na sequência da ocupação israelita.

O SJ apoiou e acompanhou, por outro lado, a presença de dezena e meia de profissionais da Imprensa num curso de formação em Paris. Em contacto estabelecido com responsáveis do CPJ (Curso de Aperfeiçoamento de Jornalistas) de Paris, ficou acordada uma futura cooperação em cursos de reciclagem e aperfeiçoamento a levar a cabo entre nós. Tais cursos, já em fase adiantada de preparação, deverão iniciar-se em breve.

Manter contactos, reforçar as relações existentes, são, julgamos, questões da maior importância para todos nós. O «caso Anop» é prova exemplar da necessidade de uma intensa ligação internacional dos jornalistas portugueses. Foi, para muitos, um caso perdido à partida. Já lá vão, porém, seis meses desde que o secretário de Estado José Alfaia anunciou a extinção, pura e simples, da prestigiosa agência de informação portuguesa (veículo e arma importante na luta por uma Nova Ordem Informativa Internacional) e a ANOP continua, existe e produz (nas condições que se conhecem) um trabalho isento e de qualidade.

Quem sabe se um apoio tão vasto, a nível nacional e internacional, como o que suscitou o caso ANOP, não teria impedido outros tristes e lamentáveis crimes na Informação portuguesa. Boa parte dos jornalistas portugueses não esquece a liquidação sumária, discreta e indigna de prestigiadas publicações como «O Século», «Vida Mundial», «Século Ilustrado», «Modas e Bordados», «Jornal do Comércio», etc...

Que 1983, «Ano Internacional das Comunicações» e ano do nosso I Congresso, seja também um marco mais no aprofundamento das relações dos jornalistas portugueses com os profissionais de outros países e continentes. Que se realize o Encontro de Jornalistas de Língua Portuguesa... e que não haja mais casos «Século» ou «Anop», nem as perseguições ou pancadaria de Rossio, Porto e Vizela, nem prateleiras, nem sub ou sobremprego. Que os jornalistas portugueses se entendam mais e melhor, e sejam capazes da unidade nas questões fundamentais (materiais, profissionais e deontológicas).

Trata-se da dignidade... Uma ideia quase perdida.

Congresso dos Jornalistas • Congresso dos Jornalistas • Congresso dos Jornalistas • Congresso dos

Onde a dúvida metódica?

Continuação da pág. 3

cando: o jornalista elegeu uma maioria de que resultou um governo; o jornalista está inscrito num partido que é a própria maioria ou parte dessa mesma maioria; o jornalista é filiado num sindicato afecto ao Executivo que ajudou a erguer; etc., etc., etc. Com o passar do tempo (e servindo-nos de um só exemplo), o governo para cuja implantação contribuiu o jornalista começa a ser malquisto da população. Ora bem: deverá o jornalista averiguar das causas que levam os eleitores a não querer mais esse governo...? Deverá o jornalista ajuizar da razão que assiste à crítica da população ao governo...? Deverá o jornalista escrever um artigo, devidamente assinado, no qual confesse que votou mal...?

A resposta só poderá ser uma: **sim.**

Mas (salvo raras excepções) quando essas perguntas se põem com carácter de urgência e de necessidade, operou-se já no jornalista uma transferência de independência. Isto é: o governo já não depende dele (do seu voto, da sua militância, da sua actividade sindical) – **e é ele que depende do governo.** Por outras palavras: o que ele construiu pelo seu esforço, pelo seu saber, pela sua opção – eis que lhe saiu por assim dizer das mãos, se transformou num corpo estranho, girando num outro espaço que nada tem a ver com o país real... Muitos são os satélites, então, desse corpo estranho – e o nosso jornalista lá andará descrevendo órbitras em torno desse mesmíssimo corpo estranho, sempre e sempre, incapaz de se aperceber que é prisioneiro de si próprio, pois foi ele quem criou tal «planeta» que tão bizarramente o transforma em «lua».

Enquanto não se libertar de semelhante «satelitização» mais uma vez o jornalista nos surge como moço de recados: ele só reflecte para o público as leis internas do monstruoso corpo estranho que lhe saiu das mãos e o subjuga de maneira cega. Ora que notícia, que novidade, que espanto, nos poderá oferecer tão longínquo e vago jornalista...?

III – Olhos nos olhos

Só o esclarecimento da nossa vontade, enquanto jornalistas e cidadãos, nos pode libertar do indigno papel de moço de recados. Tendo o público na mira da nossa atenção (e o público são os nossos compatriotas), há que existir em nós uma insaciável curiosidade individual, um desejo de utilidade e um sentimento de acção social.

Se agirmos como jornalistas dentro de tais princípios, seremos levados a formular juízos sólidos e verdadeiros sobre quanto nos for dado observar e viver. Para isso, no entanto, impõe-se o estudo da natureza e da conduta da nossa inteligência – e ainda o conhecermo-nos a nós mesmos no exercício que fazemos da nossa razão.

Tarefa difícil...? Sem dúvida. É uma tarefa que exige que repudiemos, quando na posse de uma justa argumentação, qualquer princípio de autoridade – e isso porque nenhum poder constituído pode dispensar o nosso espírito do cumprimento do seu dever, que é dar conta a si mesmo de todos os passos que realizar.

Mais ainda: o jornalista não se torna um claro cidadão caso busque justificações em argumentos vagos, obscuros ou ambíguos. Numa linha cartesiana, poder-se-ia dizer que «só poderá ser invocado pelo espírito no julgamento de si mesmo, em todos os instantes, o que o próprio espírito tiver percebido clara e distintamente.»

Optemos, pois pela evidência, que o mesmo é dizer por ideias claras e distintas. E também pela análise, que mais não é do que «dividir cada uma das dificuldades a examinar em tantas parcelas quantas for possível e necessário para bem a resolver». E também ainda pelo ordenamento das coisas, das mais simples às mais complexas. Finalmente, façamos sempre «enumerações tão completas e revisões tão gerais que se tenha a certeza de nada omitir».

E porque outros, na verdade, são os tempos, não façamos da Informação um simples recado. No pleno exercício da nossa inteligência, utilizemos aquela sábia dúvida metódica que, de certeza, em certeza, nos leva à possível verdade das coisas. Sem dúvida que este nosso profundo dever será o mais belo brinde que poderemos oferecer aos olhos que buscam a nossa escrita: e são os olhos de um povo que só há escassos anos principiou a ler em democracia e liberdade... Olhos que não querem recados, olhos que querem olhos! Olhos que captem evidências, analisem, sintetizem – e não pequem por omissão.

LOUVOR

Considerando o bom trabalho desenvolvido por todos os trabalhadores Municipais no cumprimento das actividades do Plano de 1982, conseguindo assim levar às populações as resoluções dos problemas (água; estradas; habitação; escoasd; electrificação; etc.) que há muito as afectam.

Considerando que toda a actividade desenvolvida contribui de molde a engrandecer não só o bom nome do Concelho, como o de todos os Coruchenses.

Considerando que a todos os Trabalhadores Municipais, dia a dia, são exigidas mais responsabilidades e por esta Câmara acreditar na capacidade dos mesmos com certeza que as deficiências e insuficiências ainda existentes, serão sanadas num próximo futuro (1983) deliberou por unanimidade em sua reunião de 07.01.83, aprovar o presente louvor.

Mais deliberou, por unanimidade, que este louvor seja extensivo a todos os trabalhadores da EDP; Federação dos Municípios do Ribatejo; Cooperativas de Construção; Bombeiros e GAT que directamente trabalharam no Concelho.

Coruche, 10 de Janeiro de 1983

Algumas limitações à informação internacional

Continuação da pág. 2

esses países, por passe de mágica, deixam de existir. A alfabetização, o desenvolvimento económico, as dificuldades, as sabotagens, as ameaças, o valor dos dirigentes e das populações? Que interessa isso? Isso não é notícia. Notícia é o sr. X estar na lista dos mais bem vestidos, por exemplo. Porque o sr. X é um respeitável governante de um respeitável país capitalista e de raça branca, europeizado, filho da civilização judaico-cristã. O resto é barbárie que serve apenas para dar a corzinha do sangue necessária para animar o leitor e fazer vender papel.

Mas será que do mundo capitalista, que fornece a esmagadora maioria das notícias, nós conseguimos dar uma imagem mais verdadeira? Também não. A quantidade nunca foi sinónimo de qualidade. E em matéria noticiosa, menos ainda. Um exemplo: de quando em quando, na Europa Ocidental um Estado muda de um regime pró-capitalista mais à esquerda para outro mais à direita. Apressam-se as agências a verificar uma tendência para a direitização do Velho Continente. Quando a verdade é outra bem diferente: existe uma crise em democracias parlamentares de regime idêntico. Existem partidos rotulados de esquerda ou de direita, cuja tarefa é apenas gerir a crise em termos capitalistas. Quanto mais aguda for a crise, mais instabilidade existirá no poder político. Se o governo A é democrata-cristão, é muito natural que as populações votem nos sociais-democratas ou vice-versa. Também há que notar que ninguém pode com verdade, falar numa Europa Ocidental ou numa América Latina, como se os fenómenos que se produzem em determinados países desses subcontinentes fossem de raiz idêntica aos que se produzem noutros. Mesmo em Estados há muito sob regime democrático-parlamentar, a regra acima generalizada (do «alcatruz») pode ter raízes diferentes e significar coisas muito distintas. Se se pretendem aplicar regras desse tipo a países extravagantes da mesma área (ex.; Portugal e Espanha) está-se a manipular a opinião pública, dando-lhe uma noção da política nacional e internacional completamente errada.

Falámos até aqui da selecção original. Refiramos agora aquela que se produz já no nosso país. Aqui as agências fazem, por sua vez, outra selecção. Para quem sabe como trabalham as agências, não é difícil entender que muitas vezes se trata de uma selecção operada por verdadeiros ignorantes, condicionada por critérios absurdos como, por exemplo, o do espaço que as agências emissoras consagram a certas notícias em comparação com outras. Acontece em muitos casos que as grandes notícias cabem em meia dúzia de linhas de um telegrama, e talvez ocorra por vezes, o desastre de certas notícias importantes serem desaproveitadas pelos terminais portugueses. Pressões de vária ordem condicionam também o trabalho das agências receptoras em Portugal. Um exemplo: o que se passa presentamente com a Anop, cujo desmantelamento, segundo alguns, é consequência das pressões internaconais sobre Lisboa para que entre outras coisas, a África lusófona seja «noticiada» segundo os critérios que as multinacionais preferem.

Correndo embora o risco de desautorizar-mos muitos jornalistas competentes, capazes, que trabalham na Anop e na France Presse (não conheço nem nunca vi produtos de uma outra agência que parece existir), não podemos deixar de lamentar a ligeireza com que certas traduções são feitas, com que se saltam linhas, com que se confundem factos diferentes e o modo como determinadas notícias são transmitidas sem levar em conta o público português.

Que nos seja permitido abordar agora outro aspecto da questão: a insidiosa e diária campanha a que já aludimos. A escolha do vocabulário, servilmente traduzido para português, é um dos elementos mais decisivos dessa propaganda. Porque os vocábulos exprimem não as realidades, mas configuram, já por si, uma interpretação ideológica, tendenciosa, propagandística dessa realidade. E os jornalistas cheios de pressa ou não advertidos chamam no seu jornal terroristas aos guerrilheiros de libertação nacional, guerrilheiros aos homens financiados pela África do Sul para combaterem os regimes progressistas do continente africano, invasores aos soviéticos que estão no Afeganistão, agressores aos isrealitas que cometeram os piores crimes para usurparem o Líbano, ditadores aos chefes de Estado de regimes unipartidários socialistas ou do Terceiro Mundo, dirigentes (sem classificação pejorativa) aos pinochets que enxameiam o dito Mundo Livre...

Quanto ao problema mais decisivo dos nossos dias – a guerra nuclear ou a sobrevivência da Humanidade – a propaganda belicista dos EUA e da NATO, os pretensos desequilíbrios,têm acolhimento quase unânime na Imprensa portuguesa. Nem sequer nessa questão fulcral os jornais do nosso país conseguem pensar por si próprios. Em muitos casos, por manifesto espírito propagandístico. Noutros, por incapacidade total dos jornalistas, mesmo de alguns que se consideram democratas e de esquerda.

Certos jornais tentam romper este cerco, através do envio de jornalistas próprios ao estrangeiro ou através de correspondentes em determinadas capitais. Não deixa de ser louvável tal esforço. Mas é muitas vezes inglório. Os enviados especiais nada podem fazer, a não ser reportagens impressionistas . No país aonde se deslocam ficam nas mãos das fontes que encontram **ad hoc.** Em muitos casos nem sequer conhecem a língua nem podem, por conseguinte, consultar a Imprensa e fazer os ajustes à informação assim obtida. No caso dos correspondentes, ou são jornalistas profissionais muito competentes e sabedores, tão despreconceituosos quanto possível, conhecedores profuhdos da realidade nacional que os envolve e das necessidades do público português, e o remédio encontrado é satisfatório naquela capital, ou são diplomatas de carreira (logo suspeitos, à partida) ou pessoas com pouca (ou nenhuma) experiência que realizam o seu trabalho, consoante as primeiras «bocas» que lhes são sopradas.

É evidente que não se esgotam aqui as fontes de informação para o material internacional em geral. Todos os jornalistas do sector sabem que nada sabem, se se limitarem à leitura dos telegramas de agências. Há que consultar outro tipo de agências, revistas tão diversificadas quanto possível, ter uma rede própria de informações e contactos, conhecer várias línguas estrangeiras, fazer viagens de estudo.

Mas não basta. Há também que não se se deixar iludir pelos preconceitos de esquerda. E esses são igualmente difíceis de combater. Em primeiro lugar, tudo depende da atitude pessoal do jornalista. Depois há que ter em conta que, confrontados com agências superpoderosas que enxameiam todo o mundo, que controlam a quase totalidade da informação no globo, os países socialistas e os do chamado Terceiro Mundo tendem a preocupar-se, por vezes excessivamente, com as consequências progandísticas que certas notícias verdadeiras poderão vir a ter. Esses países, de certo modo compreensivelmente, são avessos a dar informações que possam servir de armas à campanha imperialista. E o jornalista que pretende fazer a história mais exacta que seja possível do seu tempo, corre assim o risco de ocultar dados importantes – que lhe não são fornecidos – para a integral compreensão do processo histórico.

Vai muito longa a comunicação. Mas seja-me consentido abordar ainda mais dois pontos: um, relativo à estrutura dos jornais portugueses, outro – interligado – referente à formação dos jornalistas.

Importantíssimo seria que cada jornalista do internacional se especializasse em grandes áreas e que levasse a sua especialização realmente a sério. Inclusivamente com o conhecimento de línguas importantes – se não decisivas – para o entendimento do que se passa nessas grandes zonas. Ora tal desejo, tal imperativo é impossível nos jornais portugueses. E chega a ser um luxo quase desnecessário para quem tem de viver cumprindo horários e respeitando os absurdos processos de feitura dos nossos jornais. Por outro lado, a tendência actual em alguns jornais portugueses é a da leviandade. Qualquer um chega hoje a um jornal e bota prosa, sem ter atrás de si nem preparação específica, nem, ao menos, a escola extraordinária da experiência vivida com humildade e desejo de aprender. Isto surge num momento histórico em que no jornalismo, como nos demais ramos, a especialização e a preparação se tornam condição **sine qua non** de exercício autorizado duma profissão. Ser autodidacta enquanto se adquire experiência e depois dela? Sim, porque não? Mas sê-lo, para estes jornais que, na sua esmagadora maioria, não valorizam nem o jornalista nem as notícias nem os comentários? Sê-lo nesta classe mal paga, minimizada, que se vê obrigada a recorrer a segundos empregos para sobreviver? não estaremos a recomendar utopias?

Alguns de nós tentam remar contra essas marés. Mas trata-se de esforços isolados, que podem individualmente resultar ou não. Para o progresso do país, da informação, dos leitores, para o conhecimento da história dos nossos dias, isso de pouco serve. São os poderes públicos, as empresas jornalísticas, a classe jornalística e o seu sindicato que devem saber o valor da Informação e actuar em conjunto para que o nosso povo, tão **pessoamente** orgulhoso de ter descoberto o caminho marítimo para a Índia, consiga aprender hoje aquilo que ignora totalmente porque o pouco que acaso sabe, sabe-o distorcido e fragmentarizado: a história do seu tempo.

Congresso dos Jornalistas • Congresso dos Jornalistas • Congresso dos Jornalistas • Congresso dos

Jornalistas de expressão portuguesa têm encontro em preparação

À hora em que encerramos a nossa edição estava ainda a decorrer a sessão de encerramento do I Congresso dos Jornalistas, durante a qual foram debatidas e votadas as conclusões. Os cerca de 800 participantes do Congresso tiveram, entretanto, a possibilidade de conhecer as conclusões das quatro secções, cujos trabalhos se desenrolaram durante quinta e sexta-feira passadas, e que foram hoje apresentadas na sessão plenária, que precedeu a de encerramento do encontro dos profissionais da informação. A sessão foi também dedicada à leitura das mensagens dos convidados estrangeiros ao Congresso e de personalidades do jornalismo como Wilfred Burchett, Claude Julien, Juan Cebian, Barbosa Sobrinho e Bob Woodsward (respectivamente jornalista e escritor conhecido internacionalment por trabalhos sobre o sueste asiático, director do «Le Monde Diplomatique», director do «El País», presidente da Associação Brasileira de Imprensa e um dos dois jornalistas do «The Washington Post» protagonistas do caso Watergate).

O presidente da Federação Internacional de Jornalismo e os convidados portugueses Arons de Carvalho (deputado socialista) e Adriano Rodrigues (responsável do departamento de Comunicação Social da Universidade Nova) intervieram igualmente durante a sessão plenária. Entretanto, os representantes de organizações de jornalistas de sete países de língua portuguesa, presentes no Congresso, anunciaram ontem a realização, em breve, do primeiro encontro de jornalistas dos países de expressão oficial portuguesa.

Com cerca de 30 comunicações, que se debruçaram, fundamentalmente, sobre a nova ordem internacional da comunicação, o caso ANOP, a Imprensa feminina e a ligação entre informação e cultura, terminaram ontem os trabalhos das quatro secções, onde se desenvolveu o essencial do debate do I Congresso dos Jornalistas Portugueses.

Dedicadas a temas considerados fundamentais numa reflexão sobre a actividade dos profissionais da informação («questões gerais sobre o direito à informação», «exercício do jornalismo em Portugal», «questões socioprofissionais» e «formas específicas do jornalismo») as secções foram, sem dúvida, o espelho da realidade do Congresso: o primeiro encontro de uma classe dividida, mas commumente preocupada com os ataques dos sucessivos poderes contra os órgãos de Comunicação Social, uma classe onde coexiste o melhor e o pior e onde o debate sobre a sua actividade e o produto que dela sai mal começou a ser aprofundado.

Dois dias, onde diversos participantes se ficaram pelo «hall» da Gulbenkian, concretizando uma vez mais, a espécie de «encontro social que as concentrações dos profissionais da informação reproduzem, há anos, nas sucessivas coberturas das noites eleitorais. Mas, dois dias, que tiveram também o mérito de proporcionarem, nos diferentes debates, o encontro entre a futura geração de profissionais, (os estudantes da Comunicação Social) e os que hoje são possuidores de carteira profissional. Aliás, foram os primeiros, os que talvez mais assiduamente seguiram os trabalhos do Congresso, não arredando pé das secções, enchendo os balcões do Secretariado do Congresso em busca de novas comunicações e que fizeram com que o encontro que hoje, termina fosse marcado com uma forte presença jovem.

As mediocridades

«Relações do poder político com os órgãos de Comunicação Social» foi o tema do Clube de Imprensa ontem gravado ao vivo na Gulbenkian, e que irá para o ar no próximo dia 31. Silva Marques, do PSD, José Niza, do PS, e Aurélio Santos do PCP (Ribeiro e Castro do CDS, não pôde comparecer) foram os participantes do programa que, na sua primeira parte, teve como questionadores os jornalistas Pires Aurélio e Óscar Mascarenhas, sendo moderador Carlos Pinto Coelho.

Intercalados por depoimentos televisivos de jornalistas que, em princípio, lançariam as perguntas a pôr, no momento, aos três dirigentes partidários e, mais tarde, «animado» com as perguntas dos 9 primeiros que, presentes na sala, chegassem aos microfones, o «Clube de Imprensa» foi, a todos os níveis, a encenação da(s) mediocridade(s), a receita de melhor transformar em farsa um tema que constitui uma das preocupações-chave dos que pretendem informar e dos que da informação fazem «ponte» para a cativação da chamada «opinião pública».

Os dirigentes partidários concordaram que não estão «contentes» com a actual Informação portuguesa. Os jornalistas eram unânimes na constatação de que todas as forças «que se sucederam no poder desde o 25 de Abril têm sido ávidas e implacáveis para a Comunicação Social»... Duas constatações sempre presentes, mas que não passaram de pano de fundo para acusações mútuas dos primeiros e a representação do papel de vítimas dos segundos.

Teorias elaboradas à pressa: «da mesma forma que um jornalista pode rescindir do seu contrato com o jornal se este mudar a linha editorial, o jornal também pode prescindir do jornalista se este mudar de opinião» (Aurélio Santos). Desculpas, em si, provocadoras: «O PS cometeu erros na extinção do «Século» e o fundamental deles foi o não pagamento de indemnizações» (José Niza). Os despedimentos, as «prateleiras» interpretadas como renovação: «A mudança de certos jornalistas é que me permitiu conhecer outros que também são bons» (Silva Marques).

Enfim... um triste final para um terceiro dia do Congresso reclamado e que foi de facto, o dos Jornalistas portugueses, quanto mais não seja pela presença massiva dos profissionais da Informação.

C.V.

No Brasil o jornalista tem de ser licenciado

Encontrar o ponto de equilíbrio entre cursos com uma exclusiva vocação académica e a aprendizagem prática como «única via de formação profissional», é um dos muitos desafios que hoje se apresentam aos jornalistas portugueses e às instituições que têm a seu cargo a administração do saber.

Esse foi um desafio que os jornalistas brasileiros enfrentaram e julgam ter ultrapassado: no Brasil existem hoje 64 cursos universitários de Comunicação Social, com duração média de 4 anos, onde a par da problemática teórica relacionada com o campo da Comunicação, tem lugar uma espécie de «ensino laboratorial». Ele traduz-se na obrigatoriedade de, por um lado, os estudantes produzirem um jornal próprio durante os anos de licenciatura e, por outro, trabalharem em «miniestúdios» da Rádio e Televisão instalados nas próprias faculdades.

Tudo isto nos diziam, ontem, jornalistas brasileiros convidados para o Congresso da Gulbenkian.

«Pode afirmar-se, diziam-nos, que a condição «n.° 1» para o exercício da actividade jornalística no Brasil, hoje, é ter uma licenciatura em Comunicação Social. De facto, desde 1969, é essa a «habilitação literária» mínima exigida, ali, a quem pretende ingressar na profissão. Esta obrigação – acrescentavam – não é por nós vivida como um constrangimento, mas sim como uma conquista nossa. Aliás, apesar de ainda existir na classe quem discorde desta exigência, são sobretudo os proprietários de meios de Comunicação que se opõem a ela.» Porquê? «Porque eles são agora obrigados ao pagamento de salários bastante superiores aos praticados na época em que o jornalista não tinha de «vir» da Faculdade! Hoje, o salário mínimo do profissional da Informação, no Brasil, é quatro vezes superior ao salário mínimo nacional.»

Os representantes da FIJ e da OIJ sentados à mesa por força do congresso. Entre eles, usando da palavra, o nosso camarada de trabalho Eugénio Alves

Segundo nos disseram os nossos interlocutores, os jornalistas brasileiros consideram que o curso universitário fomenta uma visão crítica que só seria possível alcançar, através da prática, ao fim de muito mais tempo. Por outro lado, o ensino superior permite questionar, teoricamente, as questões vividas no exercício da profissão.

«No Brasil, a experiência do ensino universitário da Comunicação Social remonta à década de 40. Contudo, só a partir de 1969, devido às habilitações mínimas exigidas desde então, este ensino começou a expandir-se até ser hoje fornecido por universidades estatais, privadas ou católicas. As 64 licenciaturas actuais integram a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa de Comunicação, e a constituição dos seus corpos docentes reflecte, por su turno, o equilíbrio entre o staff de 'académicos' e o de 'profissionais'.»

Se a situação dos jornalistas brasileiros é diferente da dos portugueses no que respeita à obrigatoriedade de formação universitária, ela é, no entanto, semelhante no que toca ao caminho a percorrer no seio da profissão: de «repórter de sector» (categoria mínima) a «redactor» (categoria máxima), os profissionais acabam, por vezes, por desembocar em assessorias e gabinetes ministeriais, ou como nos foi dito com alguma ironia, em «assessorias de porra nenhuma» (na gíria brasileira, «porra nenhuma» parece significar o que, na nossa, são o «tacho» e, simultaneamente, a «prateleira»).

Aliás, os brasileiros parecem ter também de comum connosco a vivência, exactamente, das «prateleiras»: tendo exercido a sua actividade, durante longos anos, sob um feroz regime ditatorial, os jornalistas brasileiros viram na «abertura» a possibilidade de quebrar, como nos dizem, «certos medos». Afinal, as mudanças «deram-se apenas na superfície, e hoje os activistas sindicais, os jornalistas considerados incómodos no tempo da ditadura, são afastados dos lugares de responsabilidade». Nota: O Governo continua, no Brasil, a ter a possibilidade de demitir as direcções sindicais, e a polícia continua a poder invadir as instalações de um jornal para, por exemplo, assaltar e pilhar o seu arquivo de fotografias.

Clara Viana

em duas palavras

● **Alexandre Manuel:** «A soma dos semanários por que esse País fora se publica é duas vezes superior à tornada pública por aqueles que, de Redacção localizada em Lisboa, são habitualmente classificados de grande expansão.»

● **Maria Estrela Serrano:** «Objectivos de maximização de audiência, obtenção de lucros comerciais a todo o custo, decadência verbal, acentuação do 'fait-divers' e do chamado 'porreirismo nacional' têm conduzido a Rádio portuguesa a um lamentável empobrecimento.»

● **Helena Neves:** «O público feminino mais do que qualquer outro foi intoxicado pela religião do consumo. A mulher só encontra uma identidade enquanto consumidora, e sob a esfera do consumo é levada a consumir a sua vida, é apresentada ela própria como estímulo ao consumo.»

● **Maria João Leitão Múrias:** «Enquanto em Fleet Street, por exemplo, existe equipamento informático ultramoderno estudado para apoiar as Redacções, aqui em Portugal, em 1983, pretendemos ainda organizar centros de documentação **pelo menos** com base em recortes de jornal, ficheiros metálicos e pastas de cartolina.»

● **Manuel José Lopes:** «O número de jornalistas portugueses que trabalham no estrangeiro para meios de Comunicação Social portugueses é quase insignificante e em condições profissionais e económicas de tal maneira precárias que afectam o produto final.»

● **Maria Antónia Fiadeiro:** «O 'Modas e Bordados' foi o primeiro órgão de Informação, em geral, a abrir as suas páginas ao levantamento do que foi, para os portugueses, a guerra colonial, abrindo uma secção de recolha de depoimentos que intitulou Guerra Ainda.»

● **Fernando Correia:** «Ronald Reagan é importante, os Pink Floyd também, ainda que, obviamente, por razões bem diferentes. Mas onde está, em grande parte da nossa Comunicação Social, esse País real que tantos invocam e tão poucos conhecem?»

● **Jorge Heitor:** «Se cinco séculos de vivência africana não podem ser esquecidos, pelo peso que tiveram em oito séculos de independência nacional, como recordou o Presidente Ramalho Eanes, a ANOP pode e deve ser um veículo privilegiado para um melhor conhecimento mútuo entre portugueses e africanos.»

● **A.G. Santos e Sousa:** «Sinceramente, eu próprio (muito embora tenha dado algumas vezes colaboração activa a órgãos de Imprensa, em Portugal e em Angola, e tenha sido chefe de Redacção de um semanário português na África do Sul) nunca me sinto à vontade quando me apelidam de jornalista, tal o respeito que sinto por qualquer jornalista de verdade.»

● **José Jorge Letria:** «É comum os jornais, os da especialidade e os não especializados, lembrarem-se de um actor, de um cantor, de um músico, de um grupo de teatro independente apenas depois de a Televisão ou a Rádio falarem nele ou divulgarem o seu trabalho.»

● **Carlos Pinhão:** «Propriamente quanto ao conteúdo, pensamos que 'A Bola' cumpre a sua missão informativa e, digamos, recreativa, mas poderá ir mais longe na sua missão formativa, diríamos mesmo: na sua missão cultural.»

● **Alberto Villaverde Cabral:** «Não ser chato, não falar só de política, são duas regras que se ouvem com frequência e que, se tidas na devida (e só nessa) conta, podem ajudar não apenas a vender, mas também a tornar mais atractivo o meio, não só para quem o consome, mas igualmente para quem nele trabalha.»

● **Dias Lourenço:** «O específico do jornalismo militante de carácter partidário colide com os princípios da ética jornalística no Estado democrático? A resposta só pode ser não – há especificidade e não colisão deontológica. Na sua natureza intrínseca a Imprensa partidária e tão livre como a Imprensa não comprometida.»

● **Miguel Serrano:** «De Goethe a John Reed um imenso caminho foi percorrido na relação literatura/jornalismo, ao contrário do que sucedeu na trajectória Fernão Mendes Pinto/Augusto de Castro».

● **Nunes Cordeiro e Carlos Pinto Santos:** «A hostilidade para com os Estados africanos que foram colónias de Portugal é uma atitude antinacional, porque compromete relações que nos são altamente vantajosas e cada vez mais necessárias».

● **Cáceres Monteiro:** «Os jornalistas portugueses estão hoje numa situação de relativo isolamento internacional. De novo fechados na concha».

● **Carlos Magno:** «Quando ouvem falar de cultura, certos jornalistas puxam logo pela página dos espectáculos».

● **Homero Serpa:** «Não quero adiantar números; afirmo porém ser provável que «A Bola» venda em Paris exemplares que alguns periódicos terão deficuldade em fazer escoar aqui, em Lisboa».

● **Mário Dias Ramos:** «O jornalista cultural, desde que identificado primeiro pelo seu **curriculum** e depois pela sua competência e habilitações técnico-profissionais, deve ser, **ab initio,** integrado no III Grupo».

● **Mesquita Brenn:** «Parece não oferecer dúvidas a ninguém que a Comunicação Social representa, nos tempos de hoje, a forma psicossociológica decisiva que incide nas diversas metodologias empregues na aproximação dos povos».

● **António dos Santos:** «Os problemas fundamentais dos jornalistas em matéria de segurança social resultam da extrema precaridade do actual sistema de assistência médica da classe, a todo o momento ameaçado de extinção por falta de enquadramento legal, e, por outro lado, a questão da reforma por invalidez ou velhice, concedida aos 65 anos e com valores que andam à volta de 50 por cento do salário à data da aposentação».

● **Elisabete França e Guiomar Belo Marques:** «Sem nome nem conhecimentos que os introduzam no meio, os jovens que hoje em dia pretendem ingressar na profissão são os primeiros a constatar uma realidade já há muitos anos denunciada por Joaquim Manso ao escritor José Cardoso Pires: 'O jornalismo, meu rapaz, é uma troca de favores'».

Freitas Cruz contestado como director do "JN"

A Comissão de Trabalhadores o matutino portuense «Jornal e Notícias» manifestou a sua tranheza pela nomeação de eitas Cruz para director interi- daquele periódico. A CT, em municado, salienta que o me de Freitas Cruz foi apre- ntado há «escassos meses lo Conselho de Administração ra director do «JN», tendo merecido a rejeição da esmaga- ra maioria dos seus jornalis- as.»

Para além disso, a CT pensa que esta nomeação significa, em relação ao «Noticias da Tarde», como que «o abandono do barco que se estaria a afundar».

Por sua vez, o Sindicato dos Jornalistas considera a designação de Freitas Cruz para director interino do «Jornal de Noticias» como «um golpe palaciano».

Para o SJ trata-se de impor aos trabalhadores daquele matutino um director já recusado pelo Conselho de Redacção e vetado num referendo efectuado entre os jornalistas.

Aquela nomeação surge na sequência de uma greve em que os jornalistas do «JN» defenderam um camarada injustamente despedido, Alípio Ferreira, e no momento em que deverão efectuar-se eleições para o Conselho de Redacção».

O Sindicato alerta ainda a classe «para a necessidade de uma forte mobilização em torno de um apoio claro aos jornalistas do 'JN».

Também o PCP considera que a nomeação de António Freitas Cruz para director interino do «Jornal de Notícias» visa garantir à AD o «controlo e manipulação deste influente diário, no momento em que se antevêem eleições antecipadas cujos resultados essas forças temem» – salienta um comunicado da DORP do Partido Comunista Português.

Contactada pela ANOP, a jornalista Fernanda Gomes, do Conselho de Redacção do «JN», disse a título pessoal que o Conselho ainda não reunira para tomar posição perante a nomeação de Freitras Cruz.

«A única coisa que posso afirmar com certeza é que o CR ainda não se reuniu para tomar uma posição» – disse aquele membro do CR.

Refira-se que a nomeação de Freitas Cruz já fora tentada em Maio de 1982 pela Administração do «JN», tendo sido na altura vetada pelo Conselho.

Aquela direcção regional do PCP considera que Freitas Cruz, «que integrou a Comissão de Honra da candidatura à Presidência de Soares Carneiro, não reúne o mínimo de condições nem dá o mínimo de garantias de dirigir um jornal com o respeito de legalidade democrática, designadamente do pluralismo político e ideológico, da liberdade de expressão e da objectividade informativa.»

ANOP-ANGOP

O director do Departamento de Redacção da agência angolana ANGOP, Raimundo Sotto-Mayor, teve já oportunidade de declarar à ANOP que a abertura de uma linha permanente de «telex» entre estes dois órgãos vai servir a aproximação Luanda-Lisboa.

Sotto-Mayor que na passada segunda-feira assistiu à entrada em funcionamento da ligação permanente entre a ANOP e a ANGOP, nos dois sentidos, disse que esta nova linha «vai fortalecer os laços de amizade entre os povos português e angolano».

A existência de uma comunicação constante entre órgãos de Comunicação Social de um e outro país vai servir para «um maior conhecimento mútuo e reforço da cooperação bilateral, a todos os níveis» – acrescentou o responsável pela Redacção da ANGOP.

Trata-se da concretização de um projecto que datava de há sete anos, praticamente desde a criação oficial da ANGOP, no fim de 1975, logo a seguir à proclamação da República Popular de Angola – sublinharia ainda Sotto-Mayor.

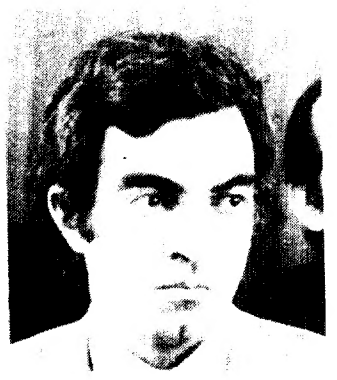
Quando, ainda no decorrer de 1983, começar a funcionar a Agência Noticiosa Pan-Africana (PANA), a ANGOP garantirá para a Imprensa portuguesa, via ANOP, informações sobre a actualidade de todos os países da África.

«Correio de Macau»

«Correio de Macau» é o título do novo matutino macaense de língua portuguesa cuja publicação se iniciou na segunda-feira passada.

O novo jornal apresenta-se em formato tablóide, com doze páginas, bom aspecto gráfico e noticiário sobre temas locais, de Portugal e do mundo.

ponto a ponto



● **João Salgueiro,** ministro das Finanças e do Plano em fim de funções, é o chefe da delegação que se desloca a Bruxelas para participar, na terça-feira, numa reunião, com vista à entrada de Portugal na CEE. A delegação integra ainda o vice-presidente da Comissão de Integração Europeia, António Marta.

● A convite do Partido Socialista, visitarão Lisboa, em 1983, Helmut Schmidt e Jim Callaghan. O secretário-geral do PS conta realizar com cada um daqueles dirigentes da Internacional Socialista uma conferência sobre o socialismo democrático.

● **Nandim de Carvalho** contra **Cabrita Neto** por causa dos aldeamentos turísticos. Cabrita Neto condenara a posição de alguns deputados sobre aquela matéria. O secretário de Estado diz que nunca se referiu às posições dos deputados a propósito. Ou seja, Nandim de Carvalho diz que só reuniu com deputados para «clarificar o objectivo do diploma que é compatibilizar os interesses dos proprietários com o interesse nacional».

● A comida vai mal pelos quartéis, incluindo a Escola Prática de Engenharia, em Tancos, onde os soldados fizeram um levantamento de rancho no dia 12. Recusando comer ao almoço e ao jantar daquele dia os soldados protestaram contra «a degradação das condições da comida». A má qualidade da alimentação nos quartéis parece ser generalizada, por as hierarquias terem feito recair sobre o serviço militar obrigatório as dificuldades financeiras resultantes de sucessivos cortes no OGE.

● Completam-se hoje dois anos sobre a data da morte do prof. dr. **Luís Ernani Dias Amado** que foi no campo do ensino universitário, da investigação científica e na actividade cultural e política uma grande figura de intelectual e de homem político. O prof. Dias Amado, democrata e combatente antifascista, pertenceu ao Comité da Frente Popular e ao Conselho Nacional de Unidade Antifascita, apoiou as candidaturas à Presidência da República do general Norton de Matos, do almirante Quintão Meireles e do general Humberto Delgado. À data do seu falecimento (22 de Janeiro de 1981), exercia o alto cargo de Grão-Mestre da Maçonaria (Grande Oriente Lusitano Unido).

● O MDP/CDE reúne hoje e amanhã as suas organizações distritais com o objectivo de analisar a actual situação política. A reunião, que se realiza em Lisboa, terá a participação de **José Manuel Tengarrinha,** Helena Cidade Moura, Herberto Goulart, Luís Catarino e Raul de Castro, membros da Presidência da Comissão Nacional do partido.

● Mário Soares parte na próxima semana para o Líbano, chefiando uma delegação da Internacional Socialista que também visitará outros países do Médio Oriente. A delegação da IS inclui 14 representantes de outros tantos partidos seus filiados. Soares terá contactos com Kamal Jumblad, em Beirute, de onde seguirá para a Jordânia, tendo conversações marcadas com o rei Hussein. Uma viatura levá-lo-á depois a Televive, para conferenciar com Shimon Perez. Por fim, irá a Tunis para contactar Yasser Arafat, líder da OLP.

SPORT LISBOA E BENFICA - - ROMA ASSOCIAZIONE SPORTIVA

(TAÇA UEFA)

16 DE MARÇO DE 1983

ÀS 21.00 HORAS

NO ESTÁDIO DO BENFICA

PREÇO DOS BILHETES

SÓCIOS	300$00
GERAL	750$00
SUPERIOR CENTRAL	1200$00
BANCADA LATERAL	1750$00
BANCADA CENTRAL	2500$00
SENHAS DE CAMAROTE	1750$00

Bilhetes à venda na Comissão Central do Sport Lisboa e Benfica, das 9.30 às 12.00 e das 14.00 às 18.00 horas.

18/23 JAN 1983

FIL · PRAÇA DAS INDÚSTRIAS · LISBOA

visite o

ENDIEL/83

3° ENCONTRO NACIONAL PARA O DESENVOLVIMENTO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS E ELECTRÓNICAS

Exposição de produtos
2º Salão de Electrodomésticos
Prémio de Criatividade e Inovação
(Salão de inventores)

Horário para o público
Dia 21 JAN (6°feira) das 18 às 24 horas
Dias 22/23 JAN (SAB. e DOM.) das 15 às 24 horas

ANIMEE

associação nacional dos industriais de material eléctrico e electrónico

Electricidade de Portugal EDP/Empresa Pública

DODS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO DE ALMADA
RUA FRANCISCO DE ANDRADE, 22 — 2800 ALMADA

AVISO
AOS CONSUMIDORES

PARA REALIZAÇÃO DE TRABALHOS NAS INSTALAÇÕES DESTA EMPRESA, NO PRÓXIMO DOMINGO, 23 DE JANEIRO, SERÁ INTERROMPIDO O FORNECIMENTO DE ENERGIA ELÉCTRICA EM BAIXA TENSÃO NAS SEGUINTES ZONAS;

CONSELHO DE ALMADA; MONTE DE CAPARICA (BICHEIRO, QUADRO, ÂNCORA) DAS 8 H 30 M ÀS 18 H 00 M
SOBREDA DE CAPARICA (SOBREDA DE CAPARICA) DAS 9 H 00 M ÀS 12 H 00 M

CONCELHO DE SEIXAL; CASAL DO MARCO (Qt.ª DA PRATA, PINHAL DOS FRADES), ARRENTELA (ARRENTELA) DAS 8 H 30 M ÀS 15 H 30 M
MARCO DO GRILO (CASAL DO SAPO), FERNÃO FERRO (MORGADO) DAS 7 H 00 M ÀS 16 M 00 M

CONCELHO DE SESIMBRA; COINA (CARVOEIROS) DAS 7 H 00 M ÀS 16 M 00 M

ALMADA, 18 DE JANEIRO DE 1983
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO ALMADA

JOSÉ P. R. NASCIMENTO

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
12.º JUÍZO
ANÚNCIO
2.ª Publicação

Pelo 12.º Juízo Cível da Comarca de Lisboa — 3.ª Secção, na acção com processo sumário movida pela autora DISEPAL — Distribuidora de Papéis, Ld.ª, com sede em Lisboa na Travessa do Giestal, n.º 52 contra Raposo & Vasques Vale, Ld.ª, com sede em parte incerta e com última sede conhecida em Lisboa no Largo do Calvário, n.º 16 r/c, e esta Ré citada na pessoa do seu legal representante, para contestar, apresentando a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, sob a cominação de vir a ser condenada no pedido que a autora deduz naquele processo e que consiste em a Ré ser condenada a pagar à Autora a quantia de 315 610$00 acrescida de juros e despesas legais.

Lisboa, 18 de Janeiro de 1983
O Juiz de Direito
José Alberto de Azevedo Moura Cruz
A Escrivão Adjunta
M.ª José da Silva Jorge

assembleia da república

Jornalismo debateu-se também no Parlamento

"A culpa é só do Poder?"

O jornalista esteve ontem **dentro** do hemiciclo da Assembleia da República: foi defendido, criticado, particularizado ou mesmo ressuscitado. A meia dúzia de quilómetros, na Gulbenkian, o Congresso de Jornalistas prosseguia os seus trabalhos.

Uma intervenção do deputado do MDP/CDE (e jornalista) João Corregedor, desencadeou um polémico debate no Parlamento, com intervenções de outros homens da Informação e representantes de outros partidos: Raul Rego do PS (director da ex-«República»), Sousa Tavares, PSD (director da «Capital»), Adelaide Paiva, também do PSD, e ligada há muitos anos à Imprensa Não-Diária. A estes nomes, juntar-se-ia Silva Marques (PSD) e director do jornal oficial do partido, «O Povo Livre» e Jorge Lemos, deputado comunista e membro de Conselhos de Informação.

«Quando um Governo se isola da Informação, é sinal de que se isolou da sociedade» – diria, a certa altura, o deputado João Corregedor. Diga-se mais: este Governo AD não só se «isolou» como «afrontou» e interviu directamente nos órgãos de informação. O deputado do MDP-//CDE – a propósito do Congresso de Jornalistas – lembraria a tentativa que ainda prossegue de extinção da ANOP, «o escândalo da TV» com uma miserável campanha propagandística. E conclui João Corregedor: «Sabemos perfeitamente que o Congresso não agrada a certos sectores da área do Poder. Quem está habituado a usar a Imprensa escrita, a rádio e a televisão, apenas como meros meios de propaganda, sabe que um Congresso desta natureza joga contra eles. Mas esqueceram-se de um aspecto fundamental: esqueceram-se da unidade dos jornalistas...»

A isto, respondeu Adelaide Paiva, insurgindo-se contra os ataques ao Governo AD, sublinhando que este Executivo «tem tido o mérito de se afastar de qualquer politização da Comunicação Social». À liça veio Sousa Tavares para realçar o papel da Imprensa estatizada, – «um exemplo claro de seriedade jornalística» e lembrou a João Corregedor as suas responsabilidades na extinção do «Século» (era um dos chefes de redacção). O jornal foi encerrado pelo Governo socialista, um dos mais graves erros do PS. Quanto a Raul Rego veio lembrar o «Caso República», que tinha sido «chamado», ali ao hemiciclo por Silva Marques e não por João Corregedor...

Ficou, ali, por fazer, um debate profundo sobre Comunicação Social. Não, porque não seja a Assembleia da República, o local privilegiado para esse debate:

A infomação e o Poder. Mas a alguns quilómetros, na Gulbenkian, esse debate começou a ser feito. Esperamos que em nome de uma «unidade artificial» da classe, não se vá ao fundo das questões.

A unidade, essa vem depois. Os jornalistas fazem a informação que querem ou que lhes deixam? Optam pela «prateleira» – alguns são lá postos – pela informação «possível» ou pela subserviência?

Quem tem culpa do que se passa na informaçao da RTP? O dr. Proença de Carvalho ou o senhor Eduardo Moniz? O poder ou também o jornalista? Protestamos só contra Proença de Carvalho? Talvez seja mais cómodo, mas não chega. Miguel Sousa Tavares dizia ontem na rádio que **as promoções são feitas por critérios políticos, técnicos ou de Cama...».**

Terminou esta manhã o I Congresso de Jornalistas. Foram dias importantes de debate, espera-se que tenha consequências práticas. Na Assembleia da República, o debate prosseguirá. Os jornalistas e o Poder será sempre um tema em foco. Na sessão inaugural estava o Presidente da República. Um homem que também representa o Poder. E na sala da Gulbenkian, alguns jornalistas afastados com o 25 de Novembro. Mas agora, quem está no Governo é a AD; quem se segue quem vai querer dominar a Informação?

Os aldeamentos turísticos

Já no período da Ordem do Dia, não se chegou a discutir o pedido de ratificação, pedido pelo Partido Socialista, do decreto-lei que estabelece normas sobre a classificação dos aldeamentos turísticos. Este diploma tem provocado também forte polémica na bancada social-democrata. O plenário da Assembleia da República volta a reunir na próxima terça-feira.

Fernanda Mestrinho

Expressamente confidencial

● **Até à hora** *de fecharmos esta edição não foram feitas «reservas» em Seteais (Sintra) para a realização do conclave social-democrata proposto pelo dr. Alberto João Jardim, presidente do Governo Regional da Madeira e dirigente do PSD. Não se sabe, portanto, quando se iniciará o processo de reconstituição da liderança do Partido Social Democrata.*

● **O professôr Mota Pinto,** *que tem sido indigitado para a presidência do PSD, ainda não tomou uma decisão. Custa-lhe muito deixar Coimbra, a Faculdade e o Choupal, o Penedo da Meditação e o Penedo da Saudade, para se instalar em Buenos Aires. E não lhe parece possível dirigir o PSD à distância. O dr. Balsemão, morando em Cascais, tem tido enormes dificuldades.*

● **O professor** *Freitas do Amaral entrou num período de reflexão. Também ele tem pressa, mas não se precipita.*

● **O dr. Leonardo** *Ribeiro de Almeida, como presidente da Assembleia da República, vai promover um inquérito sobre os vencimentos que os deputados auferem de empresas privadas.*

● **O dr. Meneres** *Pimentel não confirma, nem desmente, a possibilidade de se candidatar à presidência da Comissão Parlamentar de Inquérito ao «acidente de Camarate», no caso de regressar à Assembleia da República.*

● **Fala-se da iminente** *publicação de um grande semanário cultural e político, mas não está ainda assente se Vítor Cunha Rego será o director do semanário de Marcelo Rebelo de Sousa, ou se Marcelo Rebelo de Sousa será o director do semanário de Vítor Cunha Rego.*

● **No caso** *de ser convidado para organizar governo, o dr. Mário Soares já tomou disposições para adiar as suas viagens à América do Sul e ao Médio Oriente. Infelizmente não poderá ser substituído como primeiro-ministro pelo dr. Almeida Santos, dado que este se encontra em período de reflexão com vista à carreira partidária.*

● **As listas** *de inscrição para o novo partido liberal conservador que se situará na área do centro, serão postas à disposição dos aderentes em Lisboa e não na Quinta da Marinha, em Cascais, como chegou a ser anunciado.*

● **Não se confirma** *a realização de um jantar de saudade que teria sido oferecido ao professor Freitas do Amaral pelo pessoal do Estado-Maior do Exército.*

● **O general Kaúlza** *de Arriaga ainda não desistiu de promover a organização do Grande Partido da Direita Portuguesa, mais vulgarmente conhecido por MIRN. Neste momento está, segundo consta nos meios políticos, a estudar a possibilidade de uma candidatura à Presidência da República. O nome do candidato é conservado em confidência e reputado segredo de organização. Mas supõe-se que seja o próprio general Kaúlza de Arriaga no caso do professor Freitas do Amaral continuar a afirmar que não pertence à «direita conservadora».*

● **Não é verdade** *que o jornalista Nuno Rocha, conhecido e muito apreciado especialista dos problemas internacionais de turismo, esteja a preparar um volume polémico sobre a política de turismo do dr. Nandim de Carvalho.*

● **Espera-se,** *a todo o momento, o regresso ao Algarve do dr. José Vitorino. Em Lisboa, os meios diplomáticos, lamentam que ele tenha recusado um convite do professor Vítor Crespo para ser secretário de Estado itinerante.*

● **Ainda se encontram** *à disposição dos coleccionadores alguns exemplares do livro: «Balsemão: o Retrato».*

no pavilhão 1 da FIL

CENTREL

O maior Grupo Português de Telecomunicações e Electrónica com tecnologia própria, somos uma organização 100% nacional assegurando mais de 3.700 postos de trabalho.

Centrais Telefónicas, Telefones, Rádio, Transmissão, Sistemas, Televisão, Metalomecânica, Instalações.

A qualidade de nossos produtos é reconhecida nos cinco Continentes: Hong Kong, Iraque, Malta, Nova Guiné, Venezuela, Angola, Moçambique, Zimbawe, Irlanda, Reino Unido, Papua...

AUTOMATICA ELECTRICA PORTUGUESA S.A.R.L.

CENTREL

Av. Infante D. Henrique, 333 – 1800 LISBOA Telef. 31 31 71 33 10 51 (9 linhas) Telex 12190 CAEPCR P

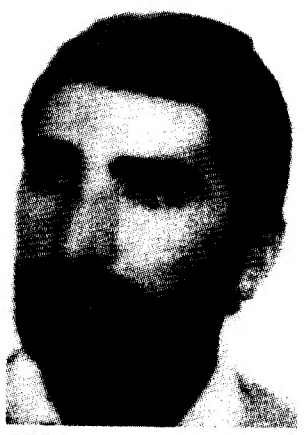
LATINA

de ontem para hoje

«Rápido» Porto-Lisboa: incêndio no restaurante

UM foco de incêndio, detectado na carruagem-restaurante do comboio directo Porto-Lisboa, quando este chegou cerca das 21 e 30 de ontem à estação de Pombal, Leiria, foi rapidamente extinto. Os bombeiros, que rapidamente acorreram ao local, afirmaram que o incidente deveria ter sido provocado pelo mau funcionamento da conduta de aquecimento da composição. O comboio seguiu para Lisboa com cerca de meia-hora de atraso, sendo os prejuízos materiais de pouca monta.

PRP contra «Comissão de Luta»



A direcção do PRP, Isabel do Carmo e Carlos Antunes, acusou «uma certa» Comissão de Luta contra a Repressão (CLCR) de «uso abusivo da sigla» daquele partido.

Segundo um comunicado da direcção do PRP a CLCR fala, em documentos distribuídos aos órgãos de Comunicação Social e a propósito de presos políticos, em «presos do PRP não contemplados pelos indultos da Presidência da República». A este propósito a direcção do PRP afirma que os presos do partido que ainda se encontram nas cadeias – José Manuel Pinto, Amílcar Romano (foto) e João Rodarte – foram abrangidos pelo indulto do Presidente da República de 22 de Dezembro último e a sua libertação é aguardada para breve. Depois de salientar que a libertação dos presos do PRP foi consequência da luta por eles travada, que passou por sucessivas greves de fome, a direcção daquele partido afirma «não aceitar que outros se aproveitem oportunisticamente da sigla do partido e da sua acção».

Suicídio de ex-emigrante em Viseu

Um ex-emigrante na Alemanha Federal, Armando da Cruz Rodrigues, de 45 anos, comerciante em Tondela (Viseu), pôs termo à vida por enforcamento na sua residência. Considerado pelos familiares e amigos como uma «pessoa profundamente pessimista» Armando Rodrigues já tinha atentado outras vezes contra a existência.

Português ferido em Espanha

O português José Eusébio Pires Oliveira, de 31 anos, foi ontem ferido a tiro pela Polícia espanhola, ao «tentar passar pela força» o controlo policial na fronteira de Irun. O Governo Civil da província basca informou que Pires Oliveira viajava num «Peugeot 505», de matrícula francesa, tendo forçado a passagem nos controlos fronteiriços – por razões desconhecidas – sem obedecer aos sinais de paragem que lhe foram feitos pelas autoridades. Em consequência dos disparos, ficaram estilhaçados o vidro de trás e o pára-brisas do automóvel. O português foi atingido por dois tiros, tendo sido assistido numa clínica de San Sebastian. O veículo, que se deteve a poucos metros da fronteira, foi revistado pelas autoridades, que nada encontraram que justificasse a precipitada fuga de Pires Oliveira.

Pesqueiro de Setúbal apresado

O barco de pesca «Ludy», da praça de Setúbal, foi apresado quando operava, ao que se presume ilegalmente, nas águas marroquinas. Com 32 tripulantes a bordo o «Ludy» foi transportado para o porto de Agadir, onde, há dois meses, se encontra retido outro barco português, o «Helma», ameaçado de perder a nacionalidade, por não pagamento da multa a que foi condenado pelas autoridades marroquinas, acusado de reincidência na pesca ilegal.

Disparos sobre contrabandistas

A Guarda Fiscal do posto de Vilarinho de Galegos, no concelho de Mogadouro, Bragança, apreendeu ontem 23 cabeças de gado suíno e duas viaturas que as transportavam, vindas de Espanha. Os suínos, de boa raça e com peso médio de 20 a 30 quilos por cabeça, foram passados de Espanha para Portugal num barco que, de madrugada, atravessou o Douro. A GF, no acto da apreensão teve de usar armas de fogo, o que levou os contrabandistas a fugir deixando no local duas viaturas. Os suínos, segundo a opinião de técnicos da JNPP, destinavam-se à reprodução.

Mais um camião «desviado»

O «desvio» de camiões parece estar na ordem do dia: a semana passada roubaram, no Carregado, um camião com sacos de adubo e, na passada quarta-feira, levaram uma camioneta com meia centena de suínos. O seu proprietário Manuel Gomes Henriques, negociante de gado, encontrava-se na altura a jantar no restaurante «Noite e Dia», no lugar de Barracão (Leiria).

a palavra com...

Pedro Martins

Base Aérea de Beja

Trampolim para o holocausto?

As notícias sobre a possibilidade de instalação de armas nucleares em Portugal são cada vez mais inquietantes. Com efeito, há pouco mais de dois anos, logo após a visita a Portugal de uma missão militar americana, foi aventada a hipótese da instalação de um porta-aviões com armas nucleares em águas territoriais portuguesas. Houve, então, forte reacção da opinião pública e sobre o assunto caiu, pelo menos aparentemente, o mando do esquecimento.

Pouco depois, concretamente, no início de 1982, a RTP referiu a visita a Portugal de uma outra missão militar americana para negociar a utilização da base aérea de Beja e o semanário «Expresso», propriedade de Francisco Pinto Balsemão, na sua edição de 20 de Fevereiro do mesmo ano avançava com novos dados: «Portugal poder-se-á transformar numa espécie de placa giratória para a Europa e o Médio-Oriente no seio da Aliança Atlântica e da estratégia da nova política da administração Reagan».

E o referido semanário acrescentava: «Fontes fidedignas adiantaram ao «Expresso» ser intenção dos Estados Unidos virem a escalar as Lajes e Beja. Deste modo aquele informador sublinhou que as duas bases poderão vir a servir de pontos de apoio quer à Força de Internveção Rápida a ser constituída para o Médio Oriente, quer para Força de Intervenção norte-americana, na Europa».

«Entretanto, a cedência da base de Beja aos Estados Unidos, passa pelo prévio consentimento da República Federal da Alemanha, que utiliza aquela base para centro de treino dos seus pilotos. No entnto, os militares de Saclant (comando da NATO, situado nos Estados Unidos) têm insistido junto da administração Reagan, no sentido de se estabelecer um acordo com Portugal, de forma a que aquela base possa ser cedida aos EUA. Os mesmos militares consideram Beja como a melhor base da Península Ibérica e uma das melhores da Europa, podendo a sua utilização ser necessária num eventual cenário de conflito na Europa».

No final do ano as notícias não eram mais animadoras e a «Associated Press», após a visita a Lisboa de Frank Carlucci (ex-embaixador americano em Portugal, ex-número dois da CIA, cidadão de acções controversas e de não menos controversas amizades), confirmava: «As autoridades norte-americanas, procurando novas bases para as suas Forças de Intervenção Rápida, olham para Portugal como possível escala de aviões militares». As posições do novo governo socialista espanhol e dos dirigentes gregos face à NATO não serão, certamente, estranhas a este redobrado interesse americano por bases aéreas situadas em Portugal continental.

A recente viagem de Pinto Balsemão aos Estados Unidos (nas vésperas da apresentação do seu pedido de demissão de Primeiro-Ministro) e as conversações que manteve com Ronald Reagan e Caspar Weinberger (secretário da Defesa), durante as quais a utilização da base aérea de Beja foi tema, constituem factos importantes e perigosos, verdadeiras achas no fogo da nossa inquietação. Inquietação que aumenta quando se sabe que «a RFA não levanta obstáculos a que Portugal e os EUA cheguem a um acordo bilateral quanto à utilização da base de Beja pela Força de Intervenção Rápida». Notícia veiculada pelo semanário «O Jornal» que cita fonte diplomática em Lisboa.

Mísseis de cruzeiro e segurança nacional

A «teoria» da utilização da base de Beja como ponto de apoio para a Força de Intervenção Rápida a ser constituída para o Médio Oriente ou para força de Intervenção americana na Europa era, para muitos, pouco consistente dada a existência, em Espanha, de uma base americana justamente destinada a esse apoio. Assim, o interesse dos americanos pela base aérea de Beja seria justificado pela perspectiva de instalação de armas nucleares e respectivos meios de lançamento: aviões FB-111 para transporte de mísseis de cruzeiro AGM-86B.

Entretanto, a atitude do governo espanhol que exige o desmantelamento da Base Aérea de Torrejon de Ardoz (a cerca de vinte quilómetros de Madrid) introduz novos dados no problema mas não torna menos sombrias (bem pelo contrário) as perspectivas portuguesas em matéria de segurança nacional. A propósito, recordemos as firmações do marechal Costa Gomes em entrevista ao «Diário de Lisboa»: «No que toca às Forças de Intervençãõ Rápida, convém não esquecer que elas são também dotadas de armas nucleares. Logo, tudo quanto acima dissemos, se aplica por inteiro nesta questão. A utilização das nossas bases para estacionamento ou trânsito dessas forças representa igualmente uma possibilidae de introduzir no nosso território, ou por ele fazer transitar armas nucleares». E o ex-Presidente da República que pertenceu a um quartel-general da NATO alertou: «Não há compensações em tempo de paz que possam dar uma justificação (por mínima que seja) para as consequências que poderão advir em caso de guerra. Qualquer país está mais defendido se não consentir armas atómicas no seu território.» Por outro lado, será, igualmente, bom recordar um artigo assinado por Dieter Dillinger e distribuído pelo «Movimento Nacional de Opinião Pública não às Armas Nucleares em Portugal»: «A facilidade de uso do míssil de cruzeiro permite a utilização de qualquer base aérea para a sua vectorização por muitos tipos de aviões. Assim, a simples utilização de Beja por pessoal da Força Aérea americana poderá significar a preparação da base para albergar as tenebrosas cargas nucleares poucas horas após o início de uma situação de tensão militar. Os FB-111 poderão voar dos Estados Unidos da América para Beja em pouco mais de seis horas e se tiverem lá pessoal de manutenção, mísseis de reserva e radares de condução, em cerca de meia hora estarão aptos para iniciarem a sua holocáustica missão. Saliente-se que o míssil de cruzeiro mede seis metros de comprimento, pelo que é perfeitamente encaixotável e armazenável em espaço coberto. A única defesa eficaz soviética seria o bombardeamento nuclear de Beja com uma das ogivas do SS-20».

Resta acrescentar que a nossa segurança colectiva foi negociada por um Primeiro-Ministro já com intenções de se demitir (e posteriormente demitido) e teve um preço: noventa e três milhões de dólares a título de «ajuda» militar. A bem da Nação, evidentemente, e da civilização cristã ocidental.

O sonho salazarista

Os acordos para a construção da Base Aérea de Beja foram assinados em pleno consulado salazarista e previam a sua utilização por aviões «Starfighters» com armamento nuclear. No entanto, o sonho salazarista não teve concretização porque a Espanha proibiu a passagem dos «Starfighters» pelo seu espaço aéreo. As forças do Pacto de Varaóvia não seriam atacadas a partir de Beja mas, entretanto, a base tornou-se um alvo vulnerável aos SS-20 que a poderão atingir com extrema precisão e com efeitos devastadores para a população alentejana.

Curiosamente, ou talvez não... o sonho do velho ditador de Santa Comba foi retomado pelo Governo da chamada Aliança Democrática que se mostrou disposto a ceder a Base Aérea de Beja aos americanos com absoluto desprezo pela Constituição da República já (in)devidamente revista e que estipula no n.º 2 do seu Artigo 273.º: «A defesa nacional tem por objectivos garantir, no respeito pelas instituições democráticas, a independência nacional, a integridade do território e a liberdade e a segurança das populações contra qualquer agressão ou ameaça externas» e como os actos do Estado só são válidos se conformes com a Constituição, nenhum Governo poderá celebrar um acordo que ponha em causa a segurança das populações, como acontece com o «cozinhado» que se prepara para a Base Aérea de Beja. Mas há ainda que contar com a vontade e determinação das populações locais. E, a propósito, recorda-se uma frase recente de um autarca da velha Pax Julia: «Se os comboios não passam por Vizela, por vontade dos vizelenses, os americanos não passarão por Beja, por vontade dos bejenses.» Assim seja.

"Depois do Modernismo"

Colóquios na SNBA

Abriu hoje na Escola Superior de Belas Artes de Lisboa uma série de colóquios sobre arquitectura e artes visuais integrada na iniciativa «Depois do Modernismo».

Inaugurada no dia 7 e com termo marcado para 30, a exposição «Depois do Modernismo» tem atraído um elevado número de visitantes à Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA), onde estão patentes mostras de arquitectura, artes visuais e moda.

Luís Serpa, um dos coordenadores da iniciativa, assinalou que, até quinta-feira, tinham visitado a exposição 6 500 pessoas, um total que ultrapassou em muito as expectativas dos organizadores. O mesmo informador indicou terem havido até agora 13 visitas guiadas à SNBA de estabelecimentos de ensino de diferentes pontos do País e de níveis que vão do Ciclo Preparatório ao Universitário.

O primeiro colóquio do ciclo, esta tarde, procurará responder à pergunta-tema «O Movimento Moderno morreu?».

No domingo de manhã falar-se-á de «Arquitectura agora» e, à tarde, o colóquio terá por tema a «Arquitectura e o Resto».

Participarão nos três colóquios referidos, como oradores convidados, Eduardo Prado Coelho, João Vieira Caldas, Maria João Madeira Rodrigues, Manuel Graça Dias e Pedro Vieira de Almeida.

No dia 24, Ernesto de Sousa, José Barrias e José Luís Porfírio apresentarão comunicações subordinadas ao tema «Depois do Modernismo». Cerveira Pinto, Leonel Moura e Mário Varela terão a seu cargo, no dia 25, a condução do debate sobre «A Má Pintura e a Ideia de Arte».

O último colóquio – Depois do Modernismoll – realiza-se no dia 26 com a presença do crítico italiano Germano Celant, o principal guia teórico do movimento da «Arte Povera» e co-organizador, com Rudi Fuchs, da Sétima Documenta de Kassel, realizada em 1982.

Confirma "El Pais"

Português obrigatório em Olivença

O ensino de português poderá vir a ser obrigatório nas escolas de Olivença, na província de Badajoz, se a petição – de que o «DL» dá notícia na sua edição de quinta-feira, dirigida pelo Município daquela cidade nesse sentido às autoridades espanholas, for aceite – diz o jornal madrileno «El País».

A iniciativa municipal deve-se ao desejo expresso há muito pela população de Olivença, que pretende, assim, conservar o idioma português como parte dos bens culturais legados pelo nosso país quando, durante quatro séculos, esta cidade pertenceu ao território português.

Segundo o «El País», ensinar o idioma português seria uma das medidas para reduzir os efeitos de deteriorização do dialecto.

Estremoz quer apoio para Casa da Cultura

Um dos principais objectivos do Plano de Actividades da Casa da Cultura de Estremoz (CCE) para o primeiro semestre de 1983 é a obtenção de uma sede condigna – disse à ANOP o presidente da direcção, José Sena.

José Sena referiu que a Casa de Cultura de Estremoz vai desenvolver uma intensa actividade que permite sensibilizar a população local e os órgãos autárquicos para o problema das suas instalações, e revelou que aquela associação cultural está instalada em precárias condições que não permitem desenvolver um trabalho condigno.

De acordo com o responsável pela CCE, foi já elaborado um projecto, aprovado pela Câmara local, para a construção da nova sede da colectividade que não teve cobertura financeira da Direcção-Geral do Equipamento Rural e Urbano, que considerou a obra uma casa de espectáculos e não uma sede de uma associação cultural.

A Casa da Cultura de Estremoz prevê ainda, entre outras realizações, um espectáculo para o 25 de Abril.

Cartas e telefones também vão subir

Viana Baptista anuncia aumentos ao inaugurar CTT de Cabo Ruivo

Terminal de Beirolas operacional em 1985

Viana Baptista anunciou ontem em Cabo Ruivo que as tarifas dos correios e telecomunicações aumentarão a curto prazo. O ministro cessante das Obras Públicas, Habitação e Comunicações referiu que «qualquer atraso na subida dessas tarifas se irá traduzir num agravamento desses aumentos».

Viana Baptista baseou essa sua opinião no facto do conjunto da empresa CTT/TLP, com especial incidência nos telefones, ter um investimento de cerca de 18 milhões, considerado pelo ministro demissionário como muito volumoso, mesmo a preços de 1983 e que inclui a modernização das telecomunicações – sector essencial para o desenvolvimento do País.

Tal medida foi justificada pela insuficiência de cobertura dos custos dos correios (8,8 milhões de contos) e pelas receitas obtidas (7,5 milhões), cuja compensação terá igualmente de ser obtida através de uma maior união entre os correios e as telecomunicações – empresas que poderão equilibrar-se uma e outra em matéria de activos e passivos, pois em ambas são inexistentes os subsídios estatais.

Viana Baptista referiu ainda aos jornalistas, no final da sua visita ao novo edifício central dos Correios de Lisboa, que outras das medidas compensatórias seria o desenvolvimento da adequada exploração da função financeira postal, de uma tarifação adequada e de melhorias de produtividade.

Realçou, concretamente que a função financeira postal, com a aprovação possível do cheque postal, retirado aos correios em 1935 para reforçar a Caixa Geral de Depósitos, era uma medida que estava a ser estudada há algum tempo como forma de servir a transferência de fundos.

Beirolas: o salto

Viana Baptista sublinhou que tal medida terá de obter o acordo das autoridades financeiras, em particular do Banco de Portugal e, relativamente ao anunciado projecto de construção da Estação Central Rodo-Ferroviária de Beirolas, declarou que se inscreve no âmbito de um vasto plano ministerial de «interpasses modais», destinado a fazer frente à liberalização dos transportes de mercadorias resultante da entrada de Portugal no Mercado Comum. Tal plano permitirá, numa fase mais avançada, o aperfeiçoamento em termos de concorrência internacional, das ligações dos terminais dos diversos tipos de transportes, possibilitando aos correios a ligação directa com o caminho-de-ferro. «É nesses interpasses de modalidade de transporte que se ganha tempo e se torna rentável a exploração do sistema em matéria de rapidez, segurança e eficácia», disse Viana Baptista.

A estação Rodo-Ferroviária de Beirolas será um primeiro passo nesse plano, estando já construída a infra-estrutura ferroviária que envolveu muitas centenas de milhares de contos. A fase seguinte custará poucas centenas de milhares de contos e poderá permitir o funcionamento de todo o empreendimento em 1985 – referiu o ministro das Obras Públicas e Transportes.

Três milhões de encomendas e cerca de 430 milhões de correspondências anuais representam actualmente o volume de manipulação postal dos CTT portugueses. Cabo Ruivo processa hoje, com mil e quinhentos trabalhadores, cerca de 3/4 dessa correspondência e é responsável pela prontidão com que o destinatário a recebe. A principal inovação da Estação Central de Cabo Ruivo é a mecanização no tratamento da correspondência. A Central de Coimbra, em 1984, e do terminal Rodo-Ferroviário de Beirolas, em 1985, permitirão aumentar a capacidade de resposta dos Correios.

Dose custa 900$00 e dá para duas pessoas

Lampreia apanhada no Minho provoca "bichas" em Lisboa

É o absurdo entre a produção e o consumo: nos restaurantes fronteiros ao rio Minho, de Valença a Caminha ou a Vila Nova de Cerveira, não se vendeu este ano uma única lampreia. Mas é nesta linha que esta espécie é capturada – além de Entre-os--Rios (rio Douro), Sever e Pessegueiro do Vouga (rio Vouga), Tomar (rio Nabão) e Pomarão (Guadiana), entre outros pontos.

A lampreia do Minho desce em camionetas até Lisboa, havendo restaurantes da capital que até já tiveram bichas desde os primeiros dias de Janeiro – apesar de se afirmar constantemente que cada vez há menos dinheiro e que a vida está mais cara. É claro que só come lampreia (uma dose ronda os novecentos escudos) quem pode, e não se poderá dizer (com propriedade) quem trabalha. Mas esta última situação também ocorre.

«O Solar dos Presuntos», a fama do Minho instalada na Anunciada e propagandeada por toda a Lisboa e arredores, esperava esta manhã mais uma carrada de lampreia, que nem sempre chega. O homem que nos atendeu – do outro lado do fio – disse que se tem vendido bem e que o preço, pelo menos até agora, não tem variado: 300 escudos. «Mas dá para duas pessoas», acrescentou.

Ribeirinhos: nem vê-la...

Os ribeirinhos do Minho, esses, é que não capturaram ainda uma única saxível, como Camões chamava às lampreias (por imaginar que se fixavam às pedras com as suas ventosas). Mas já se vendem na estrada que ladeia o Douro, Entre-os-Rios, por algo como três mil escudos o quilo.

Nos mercados do Porto, o seu preço orça os 2 400$00 por quilo, preço que baixa em Braga, já bem longe de qualquer rio produtor, para os 1750 escudos.

No Porto e em Braga, informam-nos que as lampreias foram capturadas no rio Lima. Mas não notícia delas, curiosamente, em Viana do Castelo ou em Ponte de Lima.

Em Lisboa, os raros restaurantes (aliás, directamente ligados ao Alto Minho pela origem dos proprietários) estão a vender a lampreia a 900 escudos a dose, preço, de resto, variável comforme os dias. O principal retalhista de Lisboa, que não abdica de expor a lampreia nas suas montras do Chiado, não conseguiu obter este ano uma só.

Em Coimbra os preços são mais baixos: lampreia não falta e paga-se apenas 520 escudos por dose. Esta inesperada (embora dispendiosa) abundância de lampreia levanta aos ribeirinhos do Minho, perplexos e ansiosos, o problema das origens de tanto ciclóstomo. «Só se forem congeladas e guardadas do ano passado. Por cá, ainda não».

O que contraria o velho rifão galego de que os cozinheiros e comensais não devem esquercer-se: lampreia para o amo em Janeiro, e em Março para o jornaleiro.

Por este andar e para arrelia de muitos minhotos, talvez o «grande prato» este ano da Casa do Minho em Lisboa, instituição a que Artur Maciel impulsionou e que hoje Albérico Fernandes dinamiza, não seja «lampreia à moda do Minho». Mas há quem a cozinhe, também, à bordalesa.

Versteeg chega hoje de Joanesburgo

Enviado de Moçambique explicou "caso da Beira"

O incidente com o consul-geral de Portugal na Beira, cuja retirada foi pedida pelas autoridades moçambicanas, «está em boas vias para ser resolvido», disse um porta-voz da Presidência da República.

Um enviado especial moçambicano, o embaixador ISaac Muradali, foi ontem recebido por um assessor do Presidente da República a quem transmitiu uma explicação oficial do seu Governo sobre o incidente.

Na quinta-feira, Maradali entregou pessoalmente ao ministro português dos Negócios Estrangeiros, Futscher Pereira, uma mensagem do seu ministro, Joaquim Chissano, de que era portador.

As autoridades moçambicanas pediram a retirada de Versteeg, a quem chegaram a reter, na sua residência, invocando o facto de terem sido encontradas armas no jardim da residência do consul.

Versteeg deverá chegar hoje a Lisboa.

Outro português detido na Beira

Um português, António Martins da Silva Guerra, foi detido na Beira por suspeita de implicação na sabotagem dos depósitos de combustível da cidade, soube ontem a ANOP de fontes oficiosas.

A detenção de António Guerra, funcionário dos escritórios da Easter African Shipping, na Beira, ocorreu no dia 15 e fez elevar para oito o número de portugueses detidos até agora pelas mesmas razões.

As autoridades diplomáticas e consulares portuguesas estão a proceder a diligências com vista a obterem autorização para que um funcionário qualificado da embaixada visite os detidos.

Nas vésperas do Natal, o consul português na Beira, João Versteeg, tinha já visitado as cinco pessoas inicialmente detidas, a que nas semanas seguintes se juntariam as restantes.

As autoridades moçambicanas têm situado as detenções «no quadro das investigações sobre a sabotagem dos depósitos de combustível» – um acto reivindicado pelos rebeldes da resistência e que se registou em Dezembro.

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

PS quer lançar raízes mais fortes nos Açores

O Secretariado Regional do PS açoriano e o presidente da Fundação Antero de Quental analisaram a viabilidade da abertura de uma delegação da Fundação nos Açores.

Uma nota de Imprensa do PS afirma que a abertura da delegação terá em vista o apoio jurídico, técnico e administrativo aos autarcas «de área da esquerda democrática».

O Secretariado Regional do PS, que esteve reunido toda a tarde em Angra do Heroísmo, considerou, por outro lado, que a «mini-remodelação do Executivo de Mota Amaral apenas veio demonstrar a falta de quadros qualificados com que se debate o PSD nos Açores».

Os socialistas condenaram ainda a «desastrosa crise política em que a AD lançou o País» e lastimaram a «irresponsabilidade com que o Governo Regional tem vindo a encarar a deterioração da situação económica Regional».

ensino

Indicação de Crespo repudiada por delegados da G. Lisboa

Delegados do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa reunidos recentemente em assembleia geral, repudiaram com veemência a indicação de Vítor Crespo para Primeiro-Ministro.

«Não serve para presidir a um governo no Portugal de hoje um homem cuja passagem pelo Ministério da Educação deixou uma imagem de prepotência, autoritarismo, incompetência, reaccionarismo e mediocridade, só comparáveis às dos ministros do regime fascista», afirmam numa moção aprovada por unanimidade.

No documento reclamam também os representantes dos professores da Grande Lisboa que a AD seja «de uma vez por todas» afastada da área do poder e «seja posto cobro à sua política de desastre que arrasta o País, incluindo, obviamente, o sector da educação e do ensino para uma situação de catástrofe nacional».

A imediata dissolução da Assembleia da República e a convocação de eleições gerais antecipadas são as restantes reivindicações dos delegados sindicais quanto a esta matéria.

A assembleia debruçou-se igualmente sobre a situação salarial dos professores, exigindo a aprovação imediata do Decreto de revisão dos salários dos trabalhadores da Função Pública, preparado pelo Ministério da Reforma Administrativa, e o seu envio ao PR para promulgação.

Consideram os delegados sindicais que se o Governo ainda tem poder para aumentar preços, também tem poder para alterar os salários dos professores e dos restantes trabalhadores da Função Pública e que a alteração imediata dos salários é possível mesmo no quadro da situação actual, sem aprovação do novo OGE.

Os delegados mantêm a exigência de aumentos salariaif para 83 «que reponham o poder de compra dos trabalhadores da FP» e mandataram a Direcção do SPGL para, em conjunto com as direcções dos restantes sindicatos da FP» prosseguir e desenvolver as acções de sensibilização da Assembleia da República e da Presidência da República «para a gravidade desta questão e os efeitos catastróficos do seu protelamento».

Degrada-se o ensino na Faculdade de Letras de Lisboa

Os alunos do curso de História da Faculdade de Letras de Lisboa deram um prazo até ao próximo dia 27 à Comissão Científica do Curso para resolver o problema dos alunos que nesta altura do ano ainda não têm aulas. Findo o prazo, e se não houver solução satisfatória, será convocada uma reunião geral de alunos para debater e decidir formas de luta que poderão chegar à greve.

Divulgaram os estudantes em conferência de Imprensa que cerca de 300 alunos do curso de História não podem frequentar ainda as aulas na totalidade porque algumas cadeiras não têm professor. O órgão com competência para resolver o problema seria a Comissão Científica de História que não cumpriu os trâmites necessários à abertura de concurso para preenchimento dos lugares vagos, apesar de – dizem os alunos – haver verba para contratar os professores.

A agravar a situação surge o facto de, devido às peripécias do computador (e não só) introduzido este ano lectivo no processo de ingresso no ensino superior, o «numerus clausus» do curso ter sido largamente ultrapassado: os cerca de 30 alunos previstos passaram a 190 no primeiro ano. É exactamente nos dois primeiros anos do curso de História que a falta de professores é mais gravosa.

Outros cursos da Faculdade de Letras estão a ser afectados pela falta de professores, como sejam os de Filosofia e de Linguas e Literaturas Modernas. Falta de pessoal, auxiliar e redução de verbas são outros factores responsáveis pela degradação da situação da maior Faculdade de Lisboa.

"Aprender Setúbal para ensinar"

No âmbito do projecto «Aprender Setúbal para Ensinar», o município setubalense promove a partir de hoje uma série de acções.

Às 15 horas, o professor Américo Peças, de Évora, dirige no salão nobre da Câmara Municipal de Setúbal, uma sessão sobre o tema «Uma experiência escolar».

A 26 de Fevereiro, o conservador do Museu da Cidade dirigirá uma visita àquela instituição; segue-se a 26 de Abril uma visita guiada à reserva natural do estuário do Sado, orientada pelo respectivo director, Antunes Dias; a 28 de Maio, decorrerá uma visita guiada às ruínas romanas de Tróia, orientada por Carlos Tavares da Silva; a sessão de encerramento deste projecto experimental, concebido a partir do insucesso escolar, está prevista para 25 de Junho, e nela será abordado o tema «A Autarquia e a Escola».

Eleitos vice-reitores da UL

Os quatro vice-reitores da Universidade Livre foram ontem eleitos pelo Conselho Universitário daquele estabelecimento privado de ensino superior.

Foram os seguintes os resultados da eleição: prof. José Maria Gaspar, 87 votos a favor, 45 contra e 4 votos brancos; prof. Eduardo Alexandre Borges Nunes, 86 votos a favor, 47 contra e 3 brancos; prof. Humberto Moreno, 41 votos a favor, 40 contra e 3 brancos e prof. Fernando Reis Lima, 90 votos a favor, 41 contra 20 brancos. Os dois primeiros vice-reitores prestarão serviço em Lisboa, os dois últimos no Porto.

O Reitor da Universidade Livre, também recentemente eleito, é o prof. Francisco da Costa Durão.

● Recrutas da Armada juraram bandeira

Realizou-se ontem em Vila Franca de Xira, no Grupo Um das Escolas da Armada, o juramento de bandeira de 640 novos recrutas da 3.ª incorporação de 1982. Assistiram à cerimónia altas entidades dos

três ramos das Forças Armadas que foi presidida pelo vice-almirante Ziegler Patkoczy, superintendente dos Serviços de Pessoal da Armada. Para além dos actos habituais e de circunstância procedeu-se à atribuição de condecorações e realizaram-se demonstrações militares e desportivas.

● Autocarros articulados em Lisboa

A Carris abrirá um concurso em Novembro para a compra de conjunto de autocarros articulados, informou sexta-feira o vogal da comissão administrativa, Consiglieri Pedroso. O mesmo elemento revelou que a rede de tráfego da Carris «suporta pelo menos 200 autocarros desse tipo, se bem que a primeira encomenda seja de um número menor de unidades». Actualmente circulam em Lisboa oito autocarros articulados de seis marcas diferentes em regime experimental, a fim de se verificar qual das marcas se adapta melhor às características da rede viária da cidade.

● Bombeiros de Mora

A inauguração do novo quartel dos Bombeiros Voluntários de Mora, distrito de Évora, está prevista para Março do ano em curso – disse ontem uma fonte próxima daquela corporação. De acordo com a mesma fonte, o novo quartel importa em 16 milhões e 500 mil escudos e a corporação será ainda equipada com novo material, nomeadamente um autotanque para todo o terreno e uma ambulância. O material será subsidiado pelo Serviço Nacional de Bombeiros, Câmara Municipal de Mora e Misericórdia Local.

● Associação URSS-Portugal

Uma secção da Associação URSS-Portugal foi criada na cidade de Tiraspol, República Soviética da Moldávia, anunciou a agência Tass. Andrei Khariton, director do Instituto Pedagógico de Tiraspol, foi eleito presidente da nova secção. Tiraspol é uma cidade gémea de Santarém, contando presentemente com 150 mil habitantes. É um dos maiores centros industriais e culturais da Moldávia. A sua produção é exportada para quase 50 países. Existem nesta cidade um instituto pedagógico, o mais velho na República, algumas escolas técnicas e um teatro dramático.

● Pescas: Portugal-Espanha

O Secretário de Estado espanhol das Pescas afirmou ontem que recebeu de manhã a contra-proposta portuguesa de acordo provisório de pescas entre Portugal e a Espanha. Em declarações ao jornal da tarde da Antena-Um, aquele membro do Governo espanhol acrescentou que só se pronunciará sobre a proposta portuguesa na segunda-feira.

● Estradas do Nordeste Transmontano

A Junta Autónoma de Estradas concluiu em 55 anos, 627 quilómetros de novas estradas no distrito de Bragança – revelou uma fonte daquele organismo. Este distrito – acrescentou a mesma fonte – era o mais atrasado do País em 1927, altura em que a rede de estradas em Portugal era apenas de 497 quilómetros. Um técnico da JAE disse que «o distrito de Bragança é hoje servido por estradas de pavimento betuminado em 98 por cento e somente 2 por cento das estradas se apresentam em velho macadame». Sublinhou que «apesar do muito que já foi feito, a rede viária do Nordeste Transmontano ainda não satisfaz». «Será atribuir à JAE do distrito de Bragança os meios necessários ao prosseguimento das obras que lhe competem, visando o desenvolvimento da região, que continua a ser a mais desfavorecida do País» acrescentou.

● Jornadas médicas no Porto

Cerca de 150 médicos de todo o País participam nas Jornadas de Endocrinologia e Doenças Metabólicas que ontem se iniciaram no Salão Nobre do Hospital Militar do Porto. Nesta reunião, que se prolonga até sábado, serão apresentadas 18 comunicações, quatro das quais por especialistas estrangeiros, sobre temas relacionados com o funcionamento das glândulas. A iniciativa partiu do Hospital Militar, com a colaboração do Centro Nacional de Endocrinologia, e, segundo um dos promotores, Camilo de Morais, «tem como principal objectivo proporcionar a formação dos médicos jovens e a actualização dos mais antigos». O Hospital Militar do Porto organizou em 1980 e 1981 dois simpósios nacionais sobre diabetologia e obesidade, respectivamente, concluindo o ciclo de iniciativas desta natureza com as jornadas que agora se iniciaram.

Presidência da AR processa o "Tempo"

A Presidência da Assembleia da República anunciou que vai responsabilizar, perante os tribunais competentes, os autores de um texto publicado no semanário «Tempo», publicado na quinta-feira.

«O dr. Leonardo Ribeiro de Almeida, presidente da Assembleia da República por decisão do ex-Primeiro-Ministro, mantém o seu cargo de administrador da Renault» – dizia, em substância, o «Tempo» na secção «Confidencial».

«Os meios políticos assombram-se com o que se passa no reino do dr. Balsemão» – comentava o semanário, acrescentando a propósito do cargo da Renault: «O ordenado deve ser óptimo mas há dignidades, como a de Presidente da Assembleia da República, que não se compadecem com indignidades».

As informações assim veiculadas são, contudo, desmentidas pela Presidência da Assembleia da República. Para tanto baseia-se num despacho conjunto da Presidência do Conselho de Ministros e do Ministério das Finanças, publicado na II série do «Diário da República» no dia 4 de Novembro do ano passado.

«Tendo o dr. Leonardo Ribeiro de Almeida sido eleito para a Presidência da Assembleia da República e havendo por esse motivo requerido a suspensão do seu mandato como gerente da parte do Estado na Coframpor, é nomeado interinamente para o exercício dessas funções e durante o período da suspensão de mandato o engenheiro Matos de Morais» – lê-se no referido despacho.

Vinte mil horas de condução

"Mobil" premeia motorista que não sabe o que é um acidente

Fernando Barata Neves, motorista da «Mobil Oil Portuguesa» há 22 anos, completou agora vinte mil horas de condução sem acidentes, sendo por tal premiado pela empresa.

No decurso da cerimónia foram igualmente galardoados mais catorze motoristas de pesados da Mobil que receberam prémios de «Condução por Mérito». Este plano de reconhecimento dos méritos dos profissionais de condução na «Mobil Oil Portuguesa» data de 1969.

O objectivo do plano é «motivar os motoristas da Mobil para uma operação segura das viaturas pesadas que distribuem os combustíveis, os lubrificantes e os produtos químicos em que a Mobil negoceia».

As regras são bastante simples: «a cada hora sem acidentes corresponde um ponto e a escala tem diversos escalões. A entrada do motorista para o primeiro escalão dá-se quando atinja as 1800 horas. A partir desta base o premiado sobe de escalão por cada 1500 pontos que alcança», explicou o director de operações da Mobil, Januário Martins.

NESTE NÚMERO:

Dallas...
Sue Ellen diz: «eu amo JR»!
Entrega de prémios às agências de publicidade:
Concurso «Por uma nova imagem da mulher»
AS BATALHAS DO ANO: CADERNO DESTACÁVEL
Beja Santos:
«Quando a transpiração é negócio»
Maria Ondina Braga:
Crónica de Pequim
II Jornadas de Planeamento Familiar
Mutilações sexuais: 100 milhões de mulheres!
Jane Fonda:
«Como estar em forma»
Pensões alimentares.
O escândalo!
Christian F.:
«sou uma rapariga como as outras»
Yoko Ono, uma mulher de coragem
Livros • Cinema
ET. • Televisão

MULHERES

O número de Janeiro à venda

MAIS PÁGINAS, MAIS TEMAS
A MAIOR REVISTA CADA VEZ MELHOR

• TINTAS LEME = COR + QUALIDADE •

«COMPRAR PORTUGUÊS» LEMA DE 1983

PÓ EPOXY
Agora diga:

TINTAS Leme
PRIMEIRO E UNICO FABRICANTE NACIONAL DE PÓ EPOXY

LEMECOAT
(TINTA EM PÓ TERMOENDURECÍVEL)

- ☐ Conseguimos atingir os nossos objectivos!
- ☐ As maiores indústrias estão já a utilizar com plena satisfação a nossa tinta em pó que é inteiramente de fabricação nacional.
- ☐ Temos uma capacidade instalada para abastecer toda a indústria metalomecânica do País.
- ☐ Deste modo estamos a contribuir para o equilíbrio da nossa balança de pagamentos, minorando as importações deste produto.
- ☐ Consulte-nos e resolveremos o seu problema.

FÁBRICA DE TINTAS LEME

APARTADO 20 – CASTELO DA MAIA – 4474 MAIA CODEX
TELEFONES: 9810540/9810548/9810558/9810763/9810764
TELEG. LEME PORTO – TELEX – 22838 LEME P

• TINTAS LEME = COR + QUALIDADE •

Quinta-feira não há comboios

A Federação dos Sindicatos Ferroviários anunciou ontem a convocação de uma greve da CP, das zero às 24 horas de quinta-feira.

Assinam esta convocatória a Federação dos Sindicatos Ferroviários, os sindicatos federados de Norte, Centro e Sul, os Sindicatos dos Transportes Fluviais, Enfermeiros, Ajudantes Técnicos de Farmácia, Técnicos de Desenho e Professores da Grande Lisboa.

«Decorrido um mês desde o início das negociações do acordo de empresa da CP, o conselho de gerência continua sem alterar as suas posições iniciais que representam um aumento de 12 por cento, distribuído pela tabela salarial, e o subsídio de refeição de 20 escudos.

A tabela salarial em revisão já vigora há 13 meses e o salário base dos trabalhadores da CP, de acordo com aquela federação, é dos mais baixos das empresas deste país.

Caima/ /Silvicaima

A Federação Sindical da Celulose, Papel Gráfica e Imprensa deverá propor aos trabalhadores da Caima/Silvicaima a aprovação de greves a concretizar nos primeiros dias de Fevereiro.

Um porta-voz da Federação disse que a Comissão Negociadora Sindical estava mandatada pelos trabalhadores para concretizar formas de luta, mas optou por convocar plenários para o princípio da próxima semana para discutir a realização das paralisações.

Precisou que os trabalhadores não aceitam aumentos salariais inferiores a 23 por cento no âmbito da revisão do acordo de empresa (AE) da Caima-/Silvicaima e exigem a actualização dos subsídios de alimentação e de turno.

Acrescentou que em reunião realizada quarta-feira a administração das empresas propôs aumentos salariais de 20 por cento e um acréscimo de apenas 10 escudos no subsídio de alimentação.

A Caima/Silvicaima são empresas de celulose, com administração comum, com fábricas em Constância e Albergaria e que empregam mais de 700 trabalhadores.

Tecto salarial

A CGTP/Intersindical acusou o Governo de pretender impor um tecto salarial «que viola escandalosamente o direito de contratação colectiva, consagrado na Constituição».

Diz a CGTP, em comunicado, que o Governo diligência estabelecer um tecto salarial de dezassete por cento.

O comunicado enuncia uma série de iniciativas do Executivo alegadamente apontadas para aquele objectivo.

Atraso no pagamento de salários e subsídios e redução de regalias caracteriza actuação do patronato

— *afirma a USL*

«A dominante da actuação patronal continua a ser o atraso de dias ou de meses no pagamento dos salários, o não pagamento do 13.º mês e mesmo do subsídio de férias, começando a surgir também a redução salarial e de outras regalias por acordos firmados, sob evidente coacção, entre a entidade patronal e cada trabalhador» afirma, em comunicado, a União dos Sindicatos de Lisboa (USL).

Num balanço da situação social no distrito de Lisboa, ontem divulgado, aquela estrutura sindical adianta que «as falências de pequenas e até médias empresas, em consequência da crise, têm-se mantido e, em alguns casos, sob forte suspeita de serem fraudulentas».

A USL acrescenta que, a «par do contínuo agravamento dos contratos a prazo», se têm registado, em várias empresas, redução do pessoal e reformas antecipadas.

No balanço, a USL afirma, no entanto, que «têm sido obtidas vitórias que é justo realçar», acrescentando que «a simples perspectiva de viragem política» está já «a levar o patronato aqui e ali a abrandar a repressão selectiva ou generalizada, nas empresas».

Aquela união de sindicatos salientou que se avizinham greves com forte impacte na opinião pública, como é o caso das paralisações dos transportes urbanos de Lisboa previstas para a próxima semana.

Considerou que os recentes aumentos de preços nos transportes provam que «não são os salários que fazem aumentar os preços dos transportes», sublinhando que o custo percentual dos salários nos encargos daquelas empresas têm diminuído.

Por fim, a União dos Sindicatos de Lisboa apelou «à compreensão e solidariedade dos trabalhadores e população» com as greves da Carris e do Metro.

Verdadeira calamidade

Porto, 22 – Um plenário de delegados sindicais e membros de comissões de trabalhadores das empresas do distrito do Porto com salários em atraso ou que, em muitos casos, ainda não pagaram o 13.º mês deliberou ontem intensificar as formas de luta, que poderão traduzir-se em acções conjuntas de paralisação até à satisfação dos seus direitos. O plenário deliberou ainda exigir das entidades patronais «o imediato pagamento dos salários» e ainda «o pagamento integral do 13.º mês aos trabalhadores do sector têxtil e vestuário que tiveram cortes ilegais nestes vencimentos». A propósito desta última reivindicação, o plenário denunciou o acordo entre o Sindetex/UGT e o patronato, a quem acusa de responsável por esse corte nos subsídios. O plenário exigiu também que os organismos competentes «intervenham eficazmente no sentido de pôr cobro a esta ilegalidade».

Na reunião com a Imprensa, após o plenário, os delegados sindicais e as CT's afirmaram que esta situação, que afecta mais de 10 mil trabalhadores, é já uma «verdadeira calamidade social» com reflexos gravíssimos na vida de algumas dezenas de milhares de pessoas.

De acordo com os dados fornecidos encontram-se nestas condições 17 empresas do sector metalúrgico, sete do têxtil, incluindo a CIFA, duas de vestuário, três de gráficos, duas de madeiras, incluindo a Tabopan e quatro de conservas, entre elas a Benito Garcia. Por outro lado, no que se refere a cortes no 13.º mês que atingem os quatro e até mais de cinco contos, foram apontadas dezoito empresas do sector têxtil e doze de vestuário, entre estas a Mondex, pertencente ao Grupo Mello.

Segundo dirigente sindical

Condições de trabalho na nova central dos correios não são as melhores

O secretário-geral do Sindicato dos Correios (SNTCT), José Vicente, declarou que os CTT não estão a cumprir as condições postas pelos trabalhadores que participaram na concretização da Estação Central de Cabo Ruivo, ontem inaugurada.

«A estação teve muitas fases e há cinco anos que os trabalhadores são sujeitos a mudanças constantes de local de trabalho, que só há seis meses se tornou definitivo», disse José Vicente.

O dirigente sindical, que se dirigiu aos jornalistas no final da visita às instalações da nova central dos Correios, referiu concretamente que os trabalhadores tinham aceitado o desafio da construção da central, não deixando no entanto de pôr condições.

«Aceitámos o desafio, pois não vamos contra o progresso, mas pusemos condições que não estão a ser cumpridas», declarou.

«A satisfação dessas condições foi-nos prometida por escrito, e, no entanto, a cantina serve mal e caro, o ar condicionadm está sistematicamente avariado e não tem variante de arejamento natural, o cais é frio e desprotegido e temos de acender fogueiras para nos aquecermos», sublinhou o dirigente sindical.

José Vicente salientou que a falta de ar condicionado obriga a sustentar um ambiente de grande densidade de poeiras, para além do frio, que se faz sentir na parte principal do sector produtivo.

O dirigente sindical referiu ainda que a instalação sonora não funciona, obrigando a grandes deslocações no interior do vasto edifício, para um trabalhador ser chamado ao telefone ou receber uma mensagem.

Quinta-feira, um plenário de trabalhadores que reuniu cerca de 800 elementos, pôs o problema em termos concretos, exigindo a rapidez na satisfação dessas condições, sem o que teriam de ser encetadas formas de luta.

Os trabalhadores puseram igualmente em destaque os problemas dos transportes da Carris, para aqueles que saem da empresa, perto das 23 horas, pois a essa hora os autocarros são escassos e «a empresa comprometera-se a resolver essa questão».

Em foco ainda a recusa da empresa em promover trabalhadores antigos que chegam a atingir a reforma sem serem promovidos, quando estão quase a chegar ao limite das suas carreiras profissionais.

«Hoje mesmo, foram lançadas 500 promoções de quadros técnicos superiores. Naõ contestamos a justeza dessas promoções, mas achamos que os trabalhadores mais antigos da produção também têm direito a promoções, especialmente quando estão quase a atingir a reforma e lhes faltam um ou dois passos para atingir a última fase das suas carreiras», disse José Vicente.

«A empresa tem-se recusado a promover esses trabalhadores e uma das nossas fases de luta, é exigir tratamento semelhante ao que é aplicado aos quadros técnicos.»

José Vicente, reforçado pelo dirigente do Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações dos CTT, referiu ainda que o progresso implica algumas compensações a quem nele participa, na parte produtiva.

Por falta de encomendas

Siderurgia Nacional reduziu tempo de laboração

A preocupação pela situação que se vive na Siderurgia Nacional é expressa num comunicado dos respectivos organismos sindicais no qual se afirma que o baixo volume de encomendas obrigou já à redução do tempo de laboração em diversos sectores da empresa.

Por outrm lado, prossegue a comissão de trabalhadores e a comissão intersindical, daquela empresa pública, «a carteira de encomendas é tão baixa que, em vez de estarmos a fabricar material para satisfação das encomendas que já deveriam ter sido colocadas em Novembro-/Dezembro, como seria normal, já estamos a fabricar material referente ás encomendas de Janeiro e Fevereiro, não se vislumbrando perspectivas para que a curto prazo a situação venha a melhorar». Para os trabalhadores da Siderurgia, a responsabilidade da situação não cabe à crise internacional (como diz o Governo), nem ao mercado interno (como afiança o conselho de gerência da empresa), mas, sobretudo, ao Executivo da AD.

E isto porque o Governo «nem sequer tenta fazer cumprir a regulamentação existente quanto à importação de produtos da gama de fabrico da SN»; não reprime o contrabando de aço; permite que a CP importe carril, quando a SN o está a produzir; abre as portas a interesses privados como é o caso da «Cosider», da «Ferpinta» ou dos «Produtos Corticeiros». E interrogam: «Como se explica que, teoricamente, não se importe chapa galvanizada, mas que, paradoxalmente, a Ferpinta coloque este tipo de produto no mercado a preços inferiores aos da SN, se o teve que comprar à nossa empresa, lhe incorporou valor acrescentado e ainda o coloca à porta do cliente? Contrabando? Ou importa-se gato por lebre?

As comissões sindicais criticam ainda a política da direcção comercial, que, tal como a política dos governos AD, «é lesiva dos interesses da economia nacional e Siderurgia Nacional».

Desconvocada greve na BIS

Os trabalhadores da Sociedade Industrial de Borrachas (BIS) retomaram a laboração por terem chegado a acordo com a administração sobre o caderno reivindicativo.

Um porta-voz do Sindicato dos Químicos do Centro e Ilhas anunciou que foi acordado um aumento de massa salarial global, de 21 por cento, retroactivo a 1 de Janeiro, o aumento do subsídio de alimentação de 70 para 120 escudos e algumas questões relativas a carreiras profissionais.

Precisou que os salários dos operários semi-especializados aumentaram 25,7 por cento, os ordenados dos especializados subiram 24,9 por cento e os especialistas obtiveram um acréscimo salarial de 22,9 por cento.

Os cerca de 200 trabalhadores da BIS, fábrica de borrachas situada na Venda Nova, efectuaram uma paralisação no dia 6 de Janeiro e mantiveram-se em greve desde 10 de Janeiro, com uma adesão de 90 por cento dos abrangidos, segundo dados sindicais.

Manobras ilegais

O Sindicato dos Trbalhadores dos Transportes Rodoviários e Urbanos acusou o Governo e os conselhos de gerência das empresas públicas de enveredarem, por «manobras ilegais em vez de resolverem os problemas económicos do país».

No comunicado que ontem divulgou, o sindicato diz ter havido, em relação ao «Centro de Actividades Comerciais (CAC) – resultante da nacionalização directa das empresas EVA-STAL, Arboricultora e várias tentativas de entrega ao sector privado».

Defraudados os esforços que, nesse sentido, têm feito não só governantes como o conselho de gerência – diz o sindicato – foi recentemente criada uma empresa paralela e juridicamente distinta da RN.

O documento acrescenta que essa empresa, criada pelo CG da Rodoviária Nacional dentro da área de trabalho do CAC, pretende, «numa manobra inqualificável», transferir para ela os trabalhadores do «Centro de Actividades Comerciais, para o que lhes deu 15 dias a fim de «apresentarem os créditos a que se achem com direito».

A transferência desses trabalhadores, segundo o sindicato, levaria a que perdessem direitos de antiguidade e regalias no CAC que continua a existir.

Soltas

● Os trabalhadores da Empresa Pública Notícias/Capital (EPNC) decidiram ontem, em plenário, realizar, na próxima segunda-feira, em frente às instalações do «Diário de Notícias», um almoço de luta. Foi igualmente aprovada uma paralisação de 24 horas, para o dia 26, caso a administração da empresa mantenha a sua recusa em negociar com os trabalhadores o preço das refeições a pagar nos refeitórios da EPNC. Recorde-se que os trabalhadores viram agravado em cerca de 170 por cento o custo das refeições.

O pessoal da EPNC exigiu também a demissão do administrador do pelouro do pessoal, Vieira de Sousa, do director de produção da zona 2, eng. Borralho e do director do serviço de pessoal, Silveira de Azevedo. Desde o princípio da semana passada que os trabalhadores daquela empresa pública se recusam a tomar refeições nos refeitórios da empresa.

● A não aplicação do decreto de carreiras, oficialmente aprovado em Agosto passado, está na origem da greve que os médicos do Hospital de Portalegre vão cumprir na próxima quarta-feira. A paralisação, por tempo indeterminado, só não afectará os serviços de urgência do hospital. Entretanto, e para explicarem mais profundamente as razões da sualuta, os clínicos daquele centro hospitalar convocaram uma conferência de Imprensa para a tarde do dia da greve.

● Mantém-se a situação na empresa CIFA, de Valongo, com ocupação das instalações pelos trabalhadores em luta pelos salários de Novembro, Dezembro e 13.º mês. As diligências ontem efectuadas pelos sindicatos não deram resultados visíveis. Os responsáveis da empresa continuam em Lisboa e os trabalhadores não sabem quando lhes será feita proposta para desbloquear a situação.

● Com o objectivo de reforçar e consolidar a organização sindical na empresa, debater as condições de vida e de trabalho e pela revisão do AE, vai realizar-se no próximo dia 5, a partir das 10 e 30 horas, no Centro Social dos Trabalhadores do Comércio, o 1.º Encontro Sindical Nacional dos trabalhadores da EPAC. Este encontro enquadra-se na preparação do 4.º Congresso da CGTP que se realiza no próximo mês de Março.

● Também o Sindicato dos Bancários do Norte, convocou para os dias 26 e 27 de Janeiro, o seu congresso. Da ordem de trabalhos constam a apreciação e votação do orçamento para o corrente ano e das Bases Gerais e Programa de Acção Global; e a eleição do Conselho Fiscalizador de Contas e do Conselho Disciplinar.

● Chega a Lisboa, na próxima segunda-feira, uma delegação oficial do conselho central dos sindicatos búlgaros, que até dia 28 do corrente mês visitará o nosso país a convite da CGTP. Esta delegação, que é chefiada pelo presidente dos sindicatos da Bulgária, que é simultaneamente membro do Conselho de Estado da República Popular da Bulgária e do Bureau Político do Partido Comunista Búlgaro, cumprirá um vasto programa de contactos no nosso país durante a sua visita.

● Os trabalhadores da fábrica de conservas Benito Garcia, do lugar de Sampaio, Gaia, encontram-se em greve desde o passado dia 14, com uma adesão de 100 por cento, reivindicando o pagamento do salário de Dezembro e respectivo subsídio de Natal. De acordo com uma informação dada pelo sindicato do sector, os problemas salariais têm-se agravado na empresa, desde há 2 anos o que tem estado na origem de algumas paralisações

Cubanos e Namíbia

Luanda e Pretória reunidas já na próxima semana

A África do Sul e Angola voltarão a encontrar-se, provavelmente antes do fim de Janeiro, para travarem novas negociações, indicou ontem o «Star» de Joanesburgo, citado pela AFP.

Segundo o jornal sul-africano, o novo encontro inscreve-se no âmbito de conversações iniciadas há vários meses entre Pretória e Luanda para a assinatura de acordos de não-agressão e de cooperação económica, ainda segundo a AFP.

O «Star» acrescenta que tais acordos não podem entrar em vigor sem uma retirada das tropas cubanas de Angola, condição prévia, segundo Pretória, para qualquer solução do problema namibiano.

Delegações angolanas e sul-africanas iniciaram negociações sobre o futuro da Namíbia no passado mês de Dezembro na ilha do Sal, em Cabo Verde. Tratava-se do primeiro encontro oficial entre representantes dos dois países desde a independência de Angola, em 1975.

Citando fontes bem informadas, o jornal precisa ainda que o encontro da ilha do Sal foi antecedido, pelo menos, por duas reuniões preparatórias em Paris durante o ano de 1982.

Pretória – Harare

A África do Sul e o Zimbawe vão iniciar conversações com vista à renegociação de um acordo comercial preferencial, soube a ANOP de fontes diplomáticas no Maputo.

O acordo, concluído ainda durante o regime de Ian Smith, caducou em Março de 1982, já em plena Administração Mugabe, e a África do Sul anunciou na altura que não procederia à sua renovação.

A mudança de atitude de África do Sul seguiu-se a uma série de visitas a Pretória de funcionários zimbabweanos, e nos últimos dias uma missão sul-africana esteve, por sua vez, em Harare.

O acordo, na sua versão anterior, concedia à antiga Rodésia múltiplos benefícios próprios do estatuto de nação mais favorecida.

Saboatagem na RPA

A sabotagem da barragem de Lomaun, no início da semana, provocou dez mortos e numerosos feridos e o corte da energia eléctrica nas cidades de Lobito e Benguela – noticiou ontem a agência angolana ANGOP.

Autoridades provinciais disseram à ANGOP que um comando destruiu com cargas de plástico algumas condutas e transformadores da barragem – sobre o rio Catumbela – o que provocou uma inundação e causou dez mortos e numerosos feridos.

A ANGOP refere tratar-se de «um comando de mercenários ao serviço da África do Sul» e que alguns dos sobreviventes disseram ser composto «por brancos, com longas barbas, que falavam português». Fontes afectas à barragem disseram à agência angolana que a reparação da barragem poderá levar anos. A facilidade com que o comando se movimentou no interior da barragem leva a crer que todos os seus elementos conheciam perfeitamente o local – acrescenta a ANGOP.

Siad Barre

O presidente da Somália, Mohamed Siad Barre, declarou-se disposto a avistar-se com o seu homólogo etíope, Mengistu Haile Marian, para abordarem a situação no Corno de África. Num discurso em Mogadoxo, Siad Barre defendeu o diálogo entre o seu país e a Etíopa «na base da confiança recíproca».

China-SWAPO

A SWAPO, o movimento de libertação da Namíbia vai solicitar à China fornecimentos de armas e a abertura de uma representação em Pequim – previam fontes diplomáticas da capital chinesa, ontem citadas pela ANOP.

O presidente da SWAPO, Sam Nujoma, realizará nos próximos dias uma visita à China.

Durante a sua recente visita a dez países africanos, o primeiro-ministro chinês, Zhao Zhiyang, teve contactos em Lusaca e Harare com Dirigentes da SWAPO, a quem prometeu apoio político e material na sua luta pela independência da Namíbia.

Se houver "euromísseis" dos EUA

URSS poderá retira das negociações ST

A URSS ameaçou retirar-se das negociações START sobre as armas estratégicas, caso sejam instalados os euromísseis americanos na Europa, indicou ontem Paul Nitze, chefe da delegação norte-americana às negociações sobre os euromísseis.

«Os soviéticos disseram que poderiam retirar-se da negociações START» declarou Nitze durante uma conferência de Imprensa, no termo duma entrevista com o presidente Ronald Reagan.

O presidente reafirmou a sua determinação em instalar os euromísseis americanos na Europa, se as negociações não dessem resultados até ao fim deste ano.

Edward Rownx, encarregado das negociações START, limitou-se a declarar que «os soviéticos afirmaram publicamente» que não podiam reduzir o seu arsenal se fossem instalados novos sistemas na Europa. Acrescentou que leva essa ameaça «a sério».

Enquanto isto, o especialista polaco Adam Rotfeld, declarou que os países do Pacto de Varsóvia se preparam para apresentar, sob a forma de um «projecto de tratado detalhado», as propostas que adoptaram recentemente em Praga a favor da conclusão com os países da NATO de um pacto de não agressão.

Os sociais-democratas da RFA

O Partido Social-Democrata alemão federal propôs à NATO que renuncie à instalação na Europa de metade dos mísseis Cruzeiro e da totalidade dos Pershing-2, em troca da destruição pela URSS de metade dos SS-20.

O vice-presidente do grupo parlamentar do SPD, Horst Ehmke, sugeriu em Bona que a NATO respondesse com esta proposta às mais recentes ofertas da União Soviética relativas ao controlo de armas nucleares de médio alcance.

Ehmke pediu concretamente aos Estados Unidos que não recusem as propostas soviéticas, sem apresentar contrapropostas de modo a tornar possível chegar a um acordo nas negociações de Genebra sobre controlo de armamentos.

Simultaneamente, rejeitou a «opção zero» proposta pela NATO nas negociações de Genebra e já recusada pelo ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromico.

Ehmke considerou irrealista a «opção zero» alegando que o presidente francês, o socialista François Mitterrand, recordou em Bona, que o governo de Paris não está disposto a permitir a inclusão das suas armas nucleares no cômputo da NATO.

Isto significa – assinalaram especialistas do SPD – que não há zero no ocidente e que, portanto, não pode havê-lo no Leste.

Por sua vez o antigo chanceler alemão federal Helmut Schmidt e o candidato do SPD a esse cargo nas próximas eleições, Hans Jochen Vogel, criticaram a opção Zero proposta por Washington.

Schmidt e Vogel falavam no decurso do Congresso Eleitoral do SPD realizado em Dortmunu, onde apelaram aos soviéticos e norte-americanos para que cheguem a um compromisso que torne desnecessários os 572 novos mísseis da NATO.

Referindo-se à «Opção Zero», apoiada também pelo governo de Bona chefiado por Helmut Kohl, Schmidt disse que se se tivesse colocado desde o princípio essa opção como inegociável, não faria sentido ter-se fixado um prazo de quatro anos para negociar com os soviéticos como o fez a NATO em 1979.

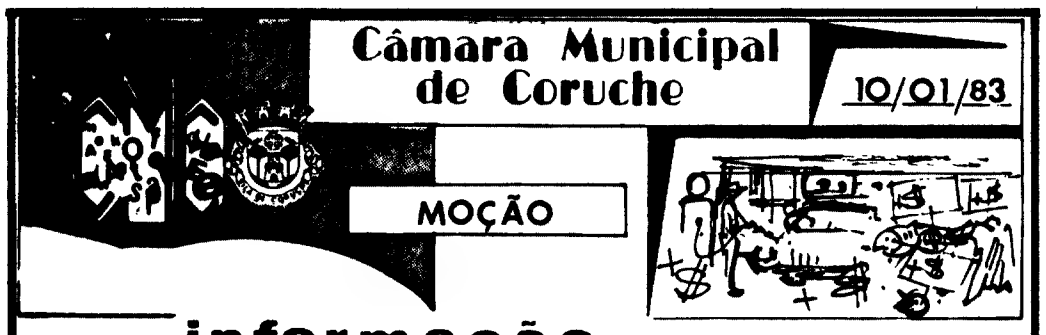
O antigo chanceler alemão federal advertiu Khol de que tivesse cuidado para não ser o último a aperceber-se da necessidade de chegar a um compromisso.

O candidato Vogel destacou alguns elementos construtivos nas últimas propostas soviéticas sobre desarmamento e exigiu a Washington, em nome do seu partido, que tenha uma oferta para Moscovo igualmente construtiva.

Comunicado

A República Democrática Alemã e a União Soviética apelaram aos Estados Unidos para que desistam da sua estratégia dilatória nas negociações de desarmamento nuclear na Euro, e dêem provas de interesse por «acordos justos».

No comunicado conjunto, di-



MOÇÃO

Considerando que a política levada à prática por este Governo, não resolve, não resolveu, nem pretende resolver os problemas dos Portugueses e em especial das classes mais desfavorecidas.

Os aumentos dos produtos de consumo são constantes — medicamentos; combustíveis; electricidade; pão; carne; peixe; transportes; etc. (o gasóleo durante a governação AD passou em 2 anos de esc. 17$50 para 35$00 (aumentou o dobro).

Estes aumentos agora verificados da electricidade e combustíveis põem em causa a gestão das Autarquias Locais.

A Câmara Municipal de Coruche em sua reunião de 7-01-83 deliberou por unanimidade aprovar a presente moção:

1. **Exigir do Governo as devidas bonificações para o gasóleo destinado à Agricultura e Autarquias Locais.**
2. **Apoiar as justas reivindicações dos pequenos e médios agricultores na bonificação do preço do gasóleo.**
3. **Exigir do Governo e demais Órgãos de Soberania as necessárias medidas afim de cessar o galopante aumento do custo de vida.**
4. **Solidarizar-se com a justa luta de todos os trabalhadores portugueses pela defesa de regalias já alcançadas e pelo aumento das respectivas condições salariais.**
5. **Perante o fracasso desta política exigimos a sua mudança por uma nova política patriótica ao serviço das camadas laboriosas da população.**

Coruche, 10 de Janeiro de 1983.

Recontros nas Filipinas

O comandante de um batalhão do Exército filipino e oito soldados foram mortos hoje e outros doze ficaram seriamente feridos, durante recontros com o «Novo Exército do Povo», anunciou o diário «B. Today».

O jornal acrescenta que cerca de 60 membros do «Novo Exército do Povo» (NEP) ramo militar do Partido Comunista das Filipinas, atacaram um comboio das forças regulares, comandado pelo tenente-coronel Jaime Somera, chefe do Batalhão de Infantaria Ligeira, na província de Misamis Ocidental, acção que causou 5 mortos.

As outras vítimas foram mortas e feridas pela explosão de uma granada, e, entre os mortos encontrava-se um membro das Forças Civis de Defesa e o presidente do município de Mindanao.

Afeganistão

O emissário do secretário-geral das Nações Unidas para a questão afegã, Diego Cordovez, chegou ontem à tarde a Teerão, anunciou a Rádio iraniana, citada pela AFP.

Cordovez empreende um novo périplo que o levará igualmente ao Paquistão e ao Afeganistão.

A finalidade desta acção de Cordovez consiste em obter, sob os auspícios da ONU a retomada das negociações indirectas de Genebra sobre o conflito afegão, entre estes dois últimos países.

O Irão não participou das negociações de Genebra em Junho de 1982, mas manteve-se informado da sua evolução.

Pista búlgara montada p

A «pista búlgara», no caso do atentado de 1981 contra o Papa é «uma montagem da CIA» – afirma o porta-voz oficial do governo de Sofia, em entrevista ontem publicada pelo diário madrileno «ABC».

Bojan Trajkov, porta-voz do governo búlgaro, disse que a política do seu país consiste em «promover uma activa participação na luta contra o terrorismo e que deu «provas práticas» desta determinação, considerando absurdas as acusações de envolvimento dos Serviços Secretos do governo de Sofia no atentado de 13 de Maio de 1981 contra João Paulo II.

Acrescentou que as acusações formuladas contra Antonov, o chefe de escala da Companhia Aérea Búlgara em Roma, se baseiam unicamente nas declarações do turco Ali Acca, autor do atentado mas que este não produziu ainda «nenhuma prova definitiva para sustentar as acusações».

Trajkov afirmou que «a análise dos dados de que dispõem as autoridades búlgaras permitem-me assegurar que a

Exigido em Berlim

Cancelamento de setenç

A Associação dos Advogados de Berlim, RFA, difundiu hoje uma delcaração em que exige o cancelamento de todas as penas sentenciadas pelos tribunais especiais fascistas na época hitleriana na Alemanha.

As penas canceladas deverão ser acompanhadas de recompensas pelo prejuízo causado e de compensações às vítimas das arbitrariedades nazis ou às suas famílias.

Visita do Papa à Polónia ser

A eventualidade da anulação da viagem que o Papa João Paulo II deverá fazer à Polónia no próximo mês de Junho, foi ontem evocada, pela primeira vez, na Imprensa polaca que atribui desde já a responsabilidade do facto à «propaganda ocidental».

Referindo-se designadamente às actividades da estação de Rádio americana «Europa Livre» que emite em polaco a partir da RFA o jornal católico pró-governamental «Slowo Powszechbe», citado pela agência PAP acusou, com efeito, os «centros ocidentais de subversão antipolaca» de comprometerem essa viagem.

«Os centros ocidentais de subversão antipolaca – escreve o jornal – sabem bem quais são as condições que devem ser reunidas para que a peregrinação que o Papa tenciona fazer à

ar-se
TART

vulgado ontem no termo da visita do ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, os dois países responsabilizam o Governo norte-americano e alguns Estados ocidentais pela grave situação internacional, por desejarem obter a superioridade militar sobre os países socialistas e buscare o caminho da confrontação.

Gromyko e o chefe do Estado da RDA, Erich Honecker, afirmam, no documento, que os seus países «continuarão a fazer todos os esforços para reduzir o perigo da guerra, inverter as tendências negativas das relações internacionais e restituí-las à normalidade».

Ambos manifestaram a sua confiança em que a RFA se recapacitará das consequências da instalação de novos mísseis de médio alcance no seu solo e advogam a redução dos efectivos militares na Europa Central, sublinhando que se pode chegar a uma solução «se os negociadores ocidentais demonstrarem vontade política».

Honecker e Gromyko pronunciaram-se a favor da conclusão positiva da Conferência de Segurança e Cooperação Europeia de Madrid, que recomeça em 8 de Fevereiro, e reiteram a conveniência da convocação de uma Conferência Europeia sobre o Desarmamento.

Segundo o comunicado, as conversações entre o ministro soviético e os dirigentes da RDA confirmaram a total coincidência de pontos de vista entre os dois países em todos os assuntos discutidos.

pela CIA

impressão oficial do governo búlgaro» é que a agência norte-americana de informações (CIA) está implicada na operação destinada a «desprestigiar os governos de Leste e provocar o repúdio dos povos ocidentais contra a comunidade socialista, isolando os partidos comunistas ocidentais».

Nas suas declarações ao «ABC» Trajkov confirma que os países de Leste estão interessados «na existência de uma Europa forte que não tenha nunca a necessidade de buscar apoio em Washington».

ças nazis

A declaração contém também a exigência de chamar à responsabilidades os antigos juízes nazis, pois ainda nenhum deles foi convocado pelos tribunais de delito comum.

erá anulada?

Polónia se possa efectuar», e é por isso que se apressam a publicar «tudo o que é de molde a impedir essa peregrinação».

O «Slowo Poeszechne» insurge-se particularmente contra «o ex-presidente da antiga Associação dos Jornalistas Polacos», Stefan Braykowski, por este ter apelado à «resistência contra as autoridades» numa conferência pública dada numa igreja próximo de Varsóvia.

Bolívia

Agrava-se crise política

O presidente boliviano, Hernan Siles Suazo, iniciou diligências para resolver a crise política que ameaça a estabilidade da democracia restabelecida há três meses no país, após a renúncia dos militares ao poder.

Fontes do «Movimento Nacional Revolucionário de Esquerda» (MNRI) de Siles Suazo revelaram que o próximo Governo incluirá, além de representantes do MNRI, militantes do Partido Comunista (PCB), também membro da coligação «União Democrática Popular» (UDP), democratas cristãos e «outras forças situadas à direita da UDP».

O «Movimento da Esquerda Revolucionária» (MIR), segundo partido da coligação de esquerda, maioritária no Parlamento de La Paz será excluído do próximo governo.

O vice-presidente boliviano, Jaime Paz Zamora, líder do MIR, realizou uma conferência de Imprensa para anunciar o fracasso das negociações entre o seu partido e o movimento de Siles Suazo.

Criticou severamente o Governo demissionário que acusou de ter «desvirtuado» o programa da UDP, de não defender «os interesses populares» e de «enfraquecer o processo democrático».

Afirmou também que, apesar da insistência do MIR, Siles Suazo foi «incapaz de implementar uma política eficaz de repressão contra o tráfico de droga».

Paz Zamora anunciou que o MIR assumirá, a partir de agora, uma atitude de «oposição interna dentro da coligação, para lutar contra o perigo de direita» representado por um sector do partido de Siles Suazo que obrigou o Presidente, contra a sua vontade, a excluir o MIR do elenco govenamental.

Humanos muito humanos

O Departamento de Estado dos EUA recomendou ontem ao Congresso que mantenha o auxílio militar a El Salvador devido aos «progressos substanciais» desse país nos domínios dos direitos do homem e reformas políticas.

Um relatório submetido ao Congresso pelo secretário de Estado George Shultz indica, contudo, que a situação em El Salvador «melhorou sensivelmente nos últimos seis meses mas está longe de ser perfeita».

Eleições na RFA

Sondagens não apontam para maiorias absolutas

A seis semanas antes das eleições parlamentares de 6 de Março, nenhum dos grandes partidos nem a União Democrata Cristã (CDU – no governo), nem a oposição social democrata (SPD), dispõem da maioria absoluta, segundo indicam as últimas sondagens, afirma a agência IPS.

Os dois institutos de investigação social mais conhecidos, o «INFAS» e o «EMNID» divulgaram resultados coincidentes: segundo eles, a CDU oscila entre os 47,5 e os 48 por cento dos votos, o SPD entre 42 e 42,5 por cento, o movimentm ecologista, «Verdes» obterá 6 por cento e o co-governante partido Liberal (FDP) 4 por cento das preferências do eleitorado.

Tanto para a CDU como para o SPD este resultado reflecte uma estabilização de previsões anteriores, ao passo que no caso dos «Verdes» se regista uma diminuição e no dos Liberais um aumento das possibilidades eleitorais.

Para este último partido é determinante obter 5 por cento, percentagem necessária para se manter como força com representação parlamentar. Sondagens difundidas nos últimos meses atribuíam ao FDP uma votação rondando os 3 por cento.

Segundo os últimos dados o resultado previsível continua a ser o mais temido pelos partidos políticos tradicionais: isto é, aquele em que nem a CDU nem o SPD dispõem de maioria para governar, recaindo a chave para as decisões políticas sobre os ecologistas em virtude de o FDP se encontrar fora do Parlamento.

Mas a publicação de sondagens leva-nos a recordar que, pelo menos nas três últimas eleições regionais, no Hesse Baviera, e Hamburgo, estas não reflectiram com fidelidade os resultados posteriores, que acabaram por dar mais votos ao SPD do que os previstos pelas sondagens de opinião.

Os sociais-democratas estão dispostos a arrebatar todos os eleitores possíveis aos «Verdes» e aos liberais, eliminando para esses dois grupos a possibilidade de entrarem para o Parlamento. Com isso, o SPD confia poder superar a CDU e formar um governo maioritário em Bona.

Helmuth Kohl (à direita) e Franz Josef Strauss: a democracia-cristã poderá manter-se no poder?

Os liberais em contrapartida, assinalaram que em face de a CDU não obter a maioria absoluta, o seu partido torna-se imprescindível para garantir a estabilidade do sistema político germano-ocidental.

O principal partido de governo, por seu lado, continua interessado em governar sozinho, embora tenha confirmado que manterá a coligação com os liberais no caso destes conseguirem manter-se no Parlamento.

Entretanto, num congresso realizado no passado fim-de-semana, os «verdes» manifestaram-se dispostos a tolerar um governo social democrata em minoria, desde que este cumpra certos requisitos, tais como a renúncia ao estacionamento de foguetes nucleares e à utilização da energia atómica.

Nas eleições de 1980, altura em que ainda vigorava a coligação de governo entre sociais democratas e liberais, a CDU obteve 45 por cento, o SPD 43 e o FDP 10 por cento dos sufrágios. Os «Verdes» obtiveram nestas eleições apenas 1,5 por cento dos sufrágios.

Por causa das "dívidas" de alguns países

Problemas financeiros também atingem a ONU

A ONU tem este ano um défice de 85 milhões de dólares, acumulado principalmente pelas contribuições para o orçamento retidas por alguns países – revelaram ontem fontes da organização em Nova Iorque.

O vice-secretário-geral do Departamento de Gestão e Finanças, Patrício Rueda, disse numa entrevista televisionada que se o défice chegar aos cem milhões, será preciso pedir mais dinheiro à Assembleia Geral.

O Orçamento de 1981-82 da ONU foi de 1,4 mil milhões de dólares, obtidos principalmente das cotas pagas pelos 157 Estados membros.

Além dos muitos programas financiados pela ONU à escala internacional e que absorvem grande parte do orçamento, os salários dos 15 500 funcionários da organização (de 145 nacionalidades) e as despesas das 154 dependências espalhadas pelo mundo representam quase metade dos 700 milhões que a organização gastou no ano passado.

A propósito da retenção pelos Estados Unidos, da sua contribuição para o financiamento da comissão preparatória da lei do mar (600 mil dólares), Rueda disse que ela representa 25 por cento da soma total, pelo que a organização suportará o montante em falta.

Explicou que o artigo 19 da carta das nações Unidas estabelece que quando um país membro deve uma quantia equivalente a dois anos de contribuições regulares, perde o seu direito de voto na Assembleia Geral.

Por agora, só a África do Sul incorreu nessa falta.

Quanto aos quadros de pessoal da organização, o vice-secretário-geral disse que ele aumentou cerca de 20 por cento nos últimos cinco anos, o que representa um crescimento moderado.

Sobre a dedicação com que trabalham os funcionários da ONU, o vice-secretário-geral disse que ela é tão intensa como em 1945, quando se criou a organização, embora as perspectivas tenham mudado.

Há 40 anos, disse, trabalhava-se para a paz e a segurança, enquanto agora o esforço é dirigido para o desenvolvimento

Suíça vende menos armas

O valor das exportações de armas suíças diminuiu 20 milhões de dólares durante 1982, totalizando 235 milhões, face a 255 em 1981, informou o departamento militar federal.

A venda de material de guerra a 69 países representou em 1982 0,85 por cento do total das exportações suíças, face aos 0,97 por cento em 1981.

A Grécia figura em primeiro lugar na aquisição de armas suíças, num valor de 50 milhões de dólares em 1982 (15 milhões em 1981), seguida da Alemanha Federal com 49 milhões (72 milhões), Nigéria com 44 milhões (75), Áustria com 34 milhões (38) e Suécia com 18 milhões (22 milhões em 1981).

As estatísticas do departamento militar federal assinalam que o resto das vendas de material de guerra se repartiram durante 1982 por 64 países.

No comunicado oficial não se pormenorizam os tipos de armas exportadas, devido ao segredo exigido pelos compradores ao firmar os contratos de venda.

A lei suíça de 1972 sobre material de guerra proíbe as exportações de armas para países que se encontrem em guerra ou atravessem tensões internas perigosas.

Novo ministro na URSS

Grigori Vatchenko foi designado sexta-feira ministro do Comércio Interior da União Soviética, anunciou hoje a agência Tass, citada pela Efe. Vatchenko, que substitui Alexander Struev, «libertado das suas funções» pelo Presidium do Soviete Supremo da URSS, tem 53 anos e é membro do Comité Central do Partido Comunista. Entre 1959 e 1966 Vatchenko ocupou importantes cargos no Comité do partido em Jarkov, na Ucrânia, sendo desde 1972 até hoje primeiro-vice-presidente daquela República.

OM PORTUGUESA S.A.R.L.

Laboratórios de Especialidades Farmacêuticas

Informam a Ex.ma Classe Médica de que o mercado se encontra já abastecido da

VACINA ANTIGRIPAL E ANTICATARRAL

PULMONAR-OM

abreu

FUNDADA EM 1840

DEPARTAMENTO DE CARGA

SERVIÇOS ESPECIALIZADOS EM:

- Transportes Internacionais TIR
- Carga Aérea
- Carga Marítima
- Serviços Regulares em Camiões Completos e Grupagem de e para toda a Europa
- Grupagem Aérea para todo o Mundo
- Serviço Marítimo convencional e contentorizado

PORTO
Av. Aliados, 221
Telef. 317921
Telex. 22315 ABREU·P

LISBOA
Av. Liberdade, 164 - 4º
Telef. 368783/371341
Telex, 16426 ABREU·P

Também em CARGA a tradicional qualidade

Em visita ao ENDIEL/83

Ministro da Indústria anunciou campanha "comprar português"

O ministro da Indústria, Energia e Exportação, Bayão Horta, afirmou ontem em Lisboa, que a campanha «comprar português» poderá permitir uma diminuição de cerca de 350 milhões de dólares no défice comercial do país».

Falando no Terceiro Encontro para o Desenvolvimento das Indústrias Eléctricas e Electrónicas – ENDIEL-83, durante uma sessão presidida pelo Presidente da República, Bayão Horta expôs publicamente os objectivos e princípios orientadores da nova campanha «comprar português» que o seu Ministério decidiu lançar em 1983.

De acordo com Bayão Horta, a campanha «comprar português» incidirá especialmente no «sentido de uma redução de 5 a 7 por cento do volume de aquisições, que em 1982, ascenderam a cerca de 5,5 mil milhões de dólares (480 milhões de contos)».

Entre os objectivos da referida campanha, Bayão Horta citou a «promoção e divulgação da qualidade e capacidade competitiva dos produtos da indústria nacional, a promoção da inovação tecnológica nacional, assim como de todas as acções tendentes a optimizar a curto e médio prazo o valor acrescentado nacional em todas as operações industriais».

Na medida em que esta campanha apresenta aspectos bastante delicados, Bayão Horta anunciou que foi constituída uma comissão consultiva composta por representantes da Confederação da Indústria Portuguesa, Confederação do Comércio Português, Associação Industrial Portuguesa, Associação Industrial Portuense, Instituto António Sérgio, União Geral dos Trabalhadores e Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses – Intersindical.

O ministro da Indústria e Energia e Exportação referiu que esta campanha surge na sequência dos resultados positivos da campanha lançada em 1982 – ano da exportação.

Os últimos valores conhecidos – salientou Bayão Horta – mostram que o crescimento das exportações portuguesas de mercadorias, em 1982, ultrapassou o objectivo pretendido de 7 por cento em volume, sendo admissível que possa mesmo ter atingido 8 por cento».

O optimismo do ministro não é todavia partilhado pela maior parte dos industriais de material eléctrico e electrónico a quem se dirigia, nem pela respectiva associação, a ANIMEE. Conforme o seu presidente, eng. Morais Gomes, afirmou há dias em conferência de Imprensa, os resultados do «ano de exportação» não corresponderam às expectativas criadas no sector. Segundo outras fontes esse facto deve-se fundamentalmente à falta de acompanhamento pelo Ministério das Finanças com os necessários meios financeiros e não à concepção da campanha.

Bayão Horta considerou que o lançamento em 1982 da campanha «ano da exportação» resultou do facto de ser um objectivo imperioso para Portugal, exportar mais e melhor, acrescentando que «os empresários portugueses corresponderam ao apelo lançado».

«Como resultado do crescimento das exportações – sublinhou – e apesar da variação muito desfavorável do valor do dólar, o ano de 1982 deve ter-se saldado com uma melhoria da balança comercial portuguesa superior a 300 milhões de dólares».

Investimentos de 10 milhões de contos

Antes do discurso de Bayão Horta, usou da palavra o eng. Morais Gomes, presidente da Associação Nacional de Material Eléctrico e Electrónico (ANIMEE), promotora do ENDIEL. Na sua intervenção Morais Gomes anunciou que os industriais deste sector «concretizarão, no biénio 1983-84, investimentos que totalizarão dez milhões de contos e que representam 7 por cento do valor previsional das suas vendas».

Considerou «imperativo manter o ritmo ascensional do valor da produção das indústrias de material eléctrico e electrónico, que, em 1982 atingiu um nível que se aproxima dos 60 milhões de contos, dos quais cerca de 40 por cento seguiram o fluxo da exportação».

Salientou que os industriais deste sector assumem o compromisso de «à estagnação contraporem o desenvolvimento, mas exigem, como contrapartida, que se ataquem os problemas estruturais da economia nacional e que se definam com urgência e coerentemente os vectores, políticos do desenvolvimento português».

Estas medidas, disse Morais Gomes, «não são certamente compatíveis com a atonia que o país político dramaticamente vem revelando».

Frisou que o que se joga actualmente é «demasiado grave» pois, «muito mais do que o presente, está em risco o futuro de Portugal e das gerações que despontam».

A ANIMEE representa 130 empresas que envolvem cerca de 32 000 trabalhadores.

Negociações Portugal/Mercado Comum

Próxima reunião ministerial na terça-feira em Bruxelas

Na primeira reunião de negociações CEE-Portugal deste ano, na próxima terça-feira em Bruxelas, os «Dez» irão abordar juntamente com o ministro demissionário João Salgueiro o tema-chave dos assuntos sociais à margem do Conselho dos Negócios Estrangeiros da CEE.

Os meios da comunidade não esperam grandes resultados dessa reunião, nomeadamente por causa da crise governamental em Lisboa.

No capítulo dos assuntos sociais, os negociadores portugueses reclamam uma total liberdade de circulação para os portugueses dentro da CEE logo a partir da data de adesão, ao passo que a CEE deseja instaurar limites para a liberdade de circulação durante um período de cerca de sete anos. O Luxemburgo, onde os emigrados portugueses representam uma percentagem elevada da população, deseja que esse período seja de dez anos.

Relativamente à agricultura, os «Dez» já definiram praticamente uma posição comum de negociação. No entanto, antes da reunião com Portugal, irão reunir-se na próxima segunda-feira para discutirem a posição francesa que recomenda uma transição em fases para a integração dos sectores mais atrasados da agricultura portuguesa, as frutas, os legumes e o vinho, nas estruturas comunitárias.

O ministro francês encarregado dos assuntos europeus, Andre Chandernagor, propôs no passado dia 19 de Novembro que Portugal mantivesse, numa primeira fase, as suas barreiras alfandegárias nesses sectores e se esforçasse por adaptar as suas estruturas de produção e de exportação. Segundo Chandernagor, a segunda fase permitirua aproximar progressivamente os preços agrícolas portugueses e comunitários e suprimir os obstáculos aduaneiros.

Por seu turno a Comissão Europeia mostra-se muito reservada. Essa proposta, segunda ela, deveria incidir sobre o conjunto do sector agrícola português e não alongar a duração de todo o período de transição. Segundo a Comisssão é preciso evitar colocar Portugal numa situação de membro da comunidade «à experiência».

Pescas

Proposta portuguesa mal recebida em Espanha

A proposta portuguesa para um protocolo provisório de pescas será hoje apresentada, no meio de grande cepticismo, aos armadores dos barcos espanhóis que, habitualmente, pescam nas águas lusitanas, revelou a agência EFE.

Os armadores exprimiram, ontem à noite, as suas dúvidas de que o sector aceite as condições portuguesas, apresentadas quinta-feira às autoridades espanholas, e afirmaram temer que as condições sejam muito semelhantes às de finais de Dezembro.

As primeiras impressões recolhidas pela EFE nos meios oficiais de Madrid indicam que a proposta portuguesa «é inaceitável para o sector pesqueiro espanhol».

Com um ano de antecipação sobre as previsões

Desempregados na CEE já são 12 milhões

O número de desempregados dentro da CEE atingiu um novo e inesperado recorde em fins de 1982, com um total de 12 milhões, ou seja, 10,8 % da população activa, indicam as estatísticas publicadas, ontem, pela Comissão Europeia em Bruxelas.

A Comissão sublinha a gravidade do problema e indica que o aumento do desemprego no conjunto da CEE foi de 16,7 % durante o ano de 1982.

Nas suas previsões do passado mês de Outubro, a Comissão previa que a marca dos 12 milhões de desempregados só seria atingida em fins de 1983.

O aumento do desemprego foi mais forte na Holanda (36 %), na RFA (3,5 %), e na Irlanda (27,5 %). Pelo contrário, parece que o fenómeno se estabilizou em França e na Dinamarca, com aumentos respectivos de 5,8 e 2,6 %.

O agravamento da situação do desemprego atinge especialmente os jovens que representam 40 % do total. Finalmente, sublinha-se que com 12 milhões de desempregados a CEE atinge o nível dos Estados Unidos, quer em número quer em percentagem da população activa.

Segundo as estatísticas da Comissão Europeia, a Bélgica detém o recorde do desemprego em percentagem da população activa com uma taxa de 15 %.

A seguir vem a Irlanda (14,7 %), o Reino Unido (12 %), a Holanda (12 %), a Itália (11,5 %), a Dinamarca (9,9 %), a França (9,4 %), a RFA (8,4 %), a Grécia (2,4 %) e o Luxemburgo (1,6 %).

Em números absolutos é a Grã-Bretanha que vai na dianteira com 3,097 milhões de desempregados, seguida pela Itália (2,6), pela RFA (2,22) e pela França (2,13 %).

EUA

Inflação ficou em 3,9%

A inflação aumentou apenas em 3,9 por cento em 1982, a taxa mais fraca de aumento desde há dez anos, anunciou ontem o governo americano.

Durante o mês de Dezembro, o índice de preços ao consumidor diminuiu em 0,3 por cento. Esta foi a segunda queda mensal da taxa de inflação desde 1965.

Segundo o departamento do trabalho, o fraco aumento da inflação em 1982 deve-se principalmente à diminuição das taxas de juro sobre os empréstimos hipotecários e sobre os preços da energia.

A gasolina, em finais de 1982, desceu 6,6 por cento e o resto dos capítulos que compõem o índice de preços registaram aumentos moderados.

Para a maior parte dos economistas, este resultado no controlo da inflação foi em parte determinado pela recessão, que fez cair a procura e em parte pelas boas colheitas e abundância de produtos petrolíferos no mercado mundial.

10º ANIVERSÁRIO 1973 – 1983
GIBEL
CABELEIREIRO DE SENHORAS
Quick Set
O sistema GIBEL
— Técnica perfeita
— Muito mais rápido
— Muito menor preço
GRATIFICAÇÕES ABOLIDAS
DAS 8 H ÀS 20 H
Cç. do Sacramento, 38 LISBOA

É mais cómodo.
É mais económico.
É mais funcional.
É o novo serviço TECAM para o transporte de furgões e camiões.
É verdade!
Este novo serviço TECAM, para o transporte de veículos comerciais médios e pesados, até 11 toneladas, funciona entre Lisboa/Sta Apolónia e o Porto/Campanhã. E é muito simples! Basta entregar o veículo, com ou sem carga, até às 21 horas e ele poderá ser levantado no seu destino às 8 horas do dia seguinte
Isto significa enormes vantagens para as empresas de transporte rodoviário de mercadorias. Em tempo ganho. Em economia de custos humanos e de material. Em funcionalidade.
Este é o novo serviço TECAM. As vantagens são suas!
Para informações mais completas contactar
Departamento Comercial (Serviço Comercial de Mercadorias)
Lisboa - Stª Apolónia Tel 86 61 01
Serviço Comercial da Região Centro
Lisboa Tel 86 77 85
Serviço Comercial da Região Norte
Porto – Tel 56 41 41
Serviço Comercial da Região Sul
Barreiro Tel 207 30 28
CP/Design
Comboio, a opção inteligente.

exclusivo

Itália

Estradas inundadas pelas bicicletas

☐ Eduardo da Forno ■ IPS

ROMA, « A gasolina está mais cara? Já não há lugares para estacionar sem que o multem? Há engarrafamentos de trânsito? Tem pressa? Tudo tem solução. Utilize a sua bicicleta». Estas as palavras de ordem duma campanha que em Itália, um dos principais países industrializados da Europa, que se debate com os efeitos da crise energética mundial, procura novas formas de poupar o precioso combustível.

As estatísticas indicam que há um automóvel por cada três dos 57 milhões de habitantes da Itália e, embora a gasolina seja neste país uma das mais caras da Comunidade Económica Europeia (CEE) – aproximadamente 72 escudos o litro –, nenhum italiano se desloca para além de 500 metros, sem o seu veículo. Ora, chegou o momento de mudar essa mentalidade que se traduz em milhões de automóveis, motocicletas e ciclomotores que circulam em toda a Península, tendo em vista um menor consumo de carburantes, a conservação do meio ambiente, e a preservação dos bens culturais deste país-museu.

Os meios de comunicação de massas e o veterano «Touring Club» italiano, apelaram para o recurso a um meio de transporte independente da idade, condição social ou posição ideológica. A bicicleta a todos agrada. Andar de bicicleta é fácil. Para tal basta alguma força nos pedais, pôr-se em movimento e conservar o equilíbrio. Mas, será só isso?, pergunta o «Touring Club», que juntamente com vários matutinos de Roma e Milão começaram a promover o uso da bicicleta.

A fim de esclarecer qualquer possível dúvida, o «Touring Club» publicou há alguns dias um «manual prático de cicloturismo», que responde a todas as perguntas do futuro utente da bicicleta e dos potenciais neófitos. O primeiro argumento a favor é, obviamente, o de que a bicicleta não consome combustível, não paga patente nem selo de circulação, não exige seguro contra terceiros, e funciona com uma manutenção mínima.

Nas suas 160 páginas, com base na experiência recolhida neste país, fanático além do mais, pelo desporto que é o ciclismo, o manual explica praticamente tudo: como conduzir na cidade, onde arrumar o veículo, como fazer ciclocampismo, o que levar numa bicicleta, os problemas de equilíbrio e resistência ao vento e, evidentemente, a higiene e alimentação a seguir pelo ciclista.

Fisiologicamente, a bicicleta é considerada um dissuasor das doenças cardiovasculares, um estimulante da circulação sanguínea, um benefício para a sexualidade, e geradora da obtenção duma melhor capacidade pulmonar.

Muito poucas são as contra-indicações: a bicicleta é desaconselhável – segundo o manual – para aqueles que sofrem de deformações raquíticas, de diabetes, de epilepsia, de surdez e ainda para os que tenham graves defeitos de visão, tais como cataratas ou miopia aguda. A alimentação do ciclista deve ser nutritiva, porém, para que não se canse, desaconselham-se as refeições demasiado condimentadas, os fritos ou os alimentos muito cozidos ou crus.

O álcool em excesso é igualmente contra-indicado, recomendando o manual o consumo de um copo de vinho a cada refeição, pois é estimulante. O sempre proibido cigarro merece no manual um capítulo à parte. Nele, o «Touring Club» expressa que o facto de Gino Bartali, o grande campeão de ciclismo ter fumado, é apenas uma excepção à regra porque Bartali era «um fora de série».

Em relação ao sexo, a bicicleta não é apenas um exercício estimulante, tendo também um efeito vasodilatador. Curiosamente, e segundo destaca o manual, a Itália carece de boas pistas para ciclismo, apesar de ser um país muito dedicado a este desporto. Com efeito, há pistas apenas em Rimini, Grosseto e Teramo, porém, Roma nem uma tem. Em contrapartida, na Índia, para mencionar um país onde a bicicleta é muito utilizada, há cerca de 1 500 km de pistas para ciclistas, desde Peshawar a Pinapore. ■

Panamá

O canal em perigo devido à contaminação ambiental

☐ Rafael Cribari ■ IPS

PANAMÁ – Técnicos e cientistas panamenses chegaram à conclusão de que a acção do homem incide negativamente nos bosques húmidos tropicais da área do Canal do Panamá, de uma forma que afecta o funcionamento desta via marítima.

Pedro Galindo, um dos promotores da defesa do meio ambiente, assegurou, por ocasião do aniversário da Associação Panamense de Antropologia, que recentemente comemorou os seus dez anos de existência, ser ilógico permitir-se a destruição de 2000 km2 de ricos bosques tropicais com recursos inexplorados substituindo-o por terrenos de pastagens de inferior qualidade

Outro técnico, Dwight Walker, coordenador do projecto de viabilização das bacias hidrográficas por parte da Agência Internacional para o Desenvolvimento (ATD), um organismo norte-americano, concordou com o cientista panamense. A deterioração tem a sua causa na atitude depredatória dos camponeses que, através da queima ou corte de árvores indiscriminadamente eliminam a possibilidade de conservação da selva da «Zona do Canal», precisam os cientistas.

Contudo, pequenos grupos de camponeses, que promovem o corte de árvores a fim de cultivar produtos de subsistência como o milho e o arroz, e locais de pasto para o gado, defendem esta postura, em virtude de não possuirem outras terras para tal efeito. O Canal, que se alimenta de água através do rio Chagres, tem nos lagos Madden e Gatun as principais reservas e controlo de inundações, situação esta que pode ver-se seriamente comprometida caso as autoridades não tomem medidas rapidamente no sentido de preservarem a área florestal que rodeia ambos os lagos, notam.

Com o corte de árvores, o solo fica exposto aos intensos raios de sol e à erosão eólica e fluvial e aos desprendimentos de terras, com o consequente retrocesso da selva. Os técnicos asseguram que a selva, invadida e destruída, não volta a crescer de forma densa e típica, já que produz uma vegetação rala, o que leva os animais e aves da zona a partirem.

O Ministério do Desenvolvimento Agro-pecuário do Panamá promove, através da direcção dos recursos naturais e renováveis, programas nacionais e outros com cooperação internacional tendentes ao controlo e administração da reserva florestal, único tipo de selva tropical acessível ao homem na América Central. Actividades tais como a reflorestação, conservação de solos, construção de infra-estruturas de viveiros, trabalhos de protecção e uma política educacional de sensibilização da comunidade para a reforma agrária, fazem parte do programa previsto pelo Ministério.

Outra das actividades que desde há três anos, as autoridades vêm desenrolando no aspecto florestal são a sementeira de café, a melhoria dos pastos e a conservação dos solos contíguos à bacia hidrográfica do Canal do Panamá, num montante de investimentos de meio milhão de dólares.

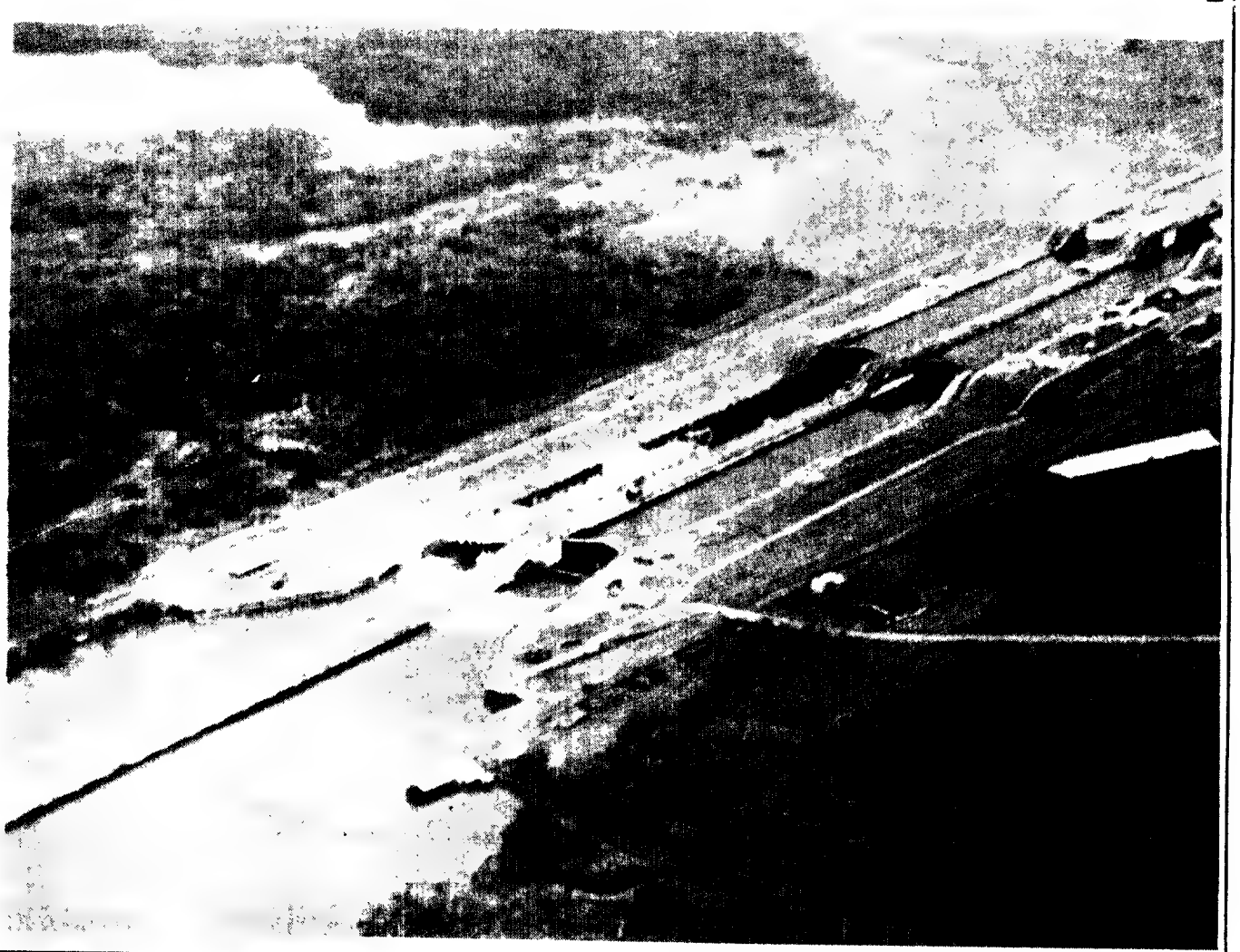
Não obstante, a comissão mista panameo-americana do meio ambiente que, através de tratados sobre o Canal do Panamá, deveria funcionar regularmente com o consequente benefício para a preservação da área, vê-se afectada por atrasos consideráveis, em virtude da não comparência dos funcionários dos Estados Unidos, segundo se assegura.

A parte panamense, desde que assumiu de forma progressiva a administração das águas e terras do Canal, procedeu, tendo em vista debruçar-se sobre esses recursos naturais, investimentos superiores a cinco milhões de dólares, que serão aumentados à medida que gradualmente, novas extensões da zona do Canal, forem entregues à soberania panamense, tal como o estipula o pacto firmado entre os Estados Unidos e o Panamá.

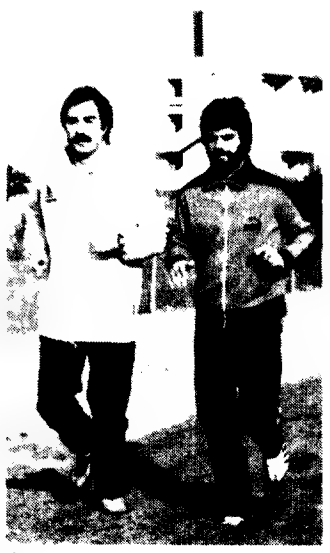
O cientista panamense Pedro Galindo afirmou que quando o país se vira para assegurar a viabilidade do Canal do Panamá, a regeneração duma cobertura vegetal em grandes sectores da bacia do Canal do Panamá, será um factor decisivo para as necessidades hídricas do país. A bacia do Canal do Panamá, além de assegurar o constante afluxo de água pela via interoceânica, abastece de água potável as duas principais cidades do país, Panamá e Colon que no conjunto somam metade da população total do país, calculada em 1,8 milhões de habitantes.

O livro de Alberto Mckay e Stanley Heckedon «colonização de bosques no Panamá», quase acaba de ser publicado pela Associação panamense de Antropologia, recolhe uma série de artigos sobre o assunto, e foca o problema da invasão camponesa e a destruição dos bosques na área do Canal sob diversos aspectos, tais como biológicos, antropológicos. sociais e económicos.

Os técnicos e cientistas panamenses são favoráveis à criação de áreas protegidas ou reservadas para que a selva tropical mantenha a sua clássica vegetação densa e não ser assim alvo da constante erosão da acção do homem. Essa acção, asseguram, afecta irreparavelmente a área do Canal do Panamá que no ano 2000 será administrado e controlado exclusivamente pelos panamenses, quando assumirem a sua plena soberania sobre essa faixa de território. ■



DESPORTO



Tróia: estágio sportinguista para o jogo, em Alvalade, com o Estoril. O dirigente Jaime Lopes acompanha o defesa Barão, em fase de recuperação da intervenção cirúrgica a que foi submetido

Taça: Benfica em Paços de Ferreira

A 4.ª eliminatória da «Taça de Portugal», correspondente aos 16 avos de final, tem amanhã os seus pratos fortes. Esperança de Lagos - Coelima, Peniche - Boavista, Futebol Clube do Porto -Famalicão, Sporting - Estoril, Os Limianos - Portimonense, Atlético de Valdevez - Comércio e Indústria, Paços de Ferreira -Benfica, Cinfães - Riopele, Vitória de Guimarães - Académico de Coimbra, Gil Vicente - Fafe, Lusitano de Évora - Sporting de Espinho, Poiares - Naval 1.º de Maio e Quimigal - Silves, (todos às 15 h). Igualmente amanhã, à noite, (21 e 30), com transmissão directa pela RTP jogar-se-á a partida entre o Sporting de Braga e o Ginásio de Alcobaça.

Futebol para hoje

Para hoje estão marcados vários encontros futebolísticos. Taça de Portugal: Leixões - Estrela de Portalegre, no Estádio do Mar, às 15 horas; S. Martinho - Farense, em S. Martinho do Campo, às 16 e 30. Campeonato nacional de juniores (jogo em atraso): Barreirense - GD Quimigal, no campo do Barreirense, às 15 horas. Jogos particulares: Vasco da Gama de Sines - CSKA de Sófia (Bulgária), às 15 horas. Penafiel - Salgueiros, no Estádio 25 de Abril (às 15 horas) e Pêro Pinheiro - Misto do Sporting (em Pêro Pinheiro), às 15 horas.

Amanhã: "Amendoeiras" nas Açoteias

Amanhã, a partir das 11 horas, a RTP estará em directo num belo acontecimento desportivo: o «Crosse das Amendoeiras», que animará a Aldeia das Açoteias, no Algarve. Favoritos no campo da lógica: Fernando Mamede e Rosa Mota, embora não possa menosprezar-se um bloco de nomes que inclui Aurora Cunha, Rita Borralho, Zaida Carvalhão, Lucília Soares, Luís Horta, Carlos Capitulo, José Sena, Delfim Tavares, Manuel Oliveira, José Abreu, Cidálio Caetano, Rafael Marques, Hélder de Jesus e Ezequiel Canário, para além de um lote de atletas estrangeiros.

Futebol olímpico: Portugal equacionado

O Comité Olímpico Internacional e a FIFA devem reunir-se em Fevereiro, para tentarem solucionar a questão do futebol olímpico – revelou o jornal «L'Equipe», relatando as graves divergências na Assembleia Olímpica em Los Angeles (EUA). Segundo aquele jornal francês, representantes dos dois organismos devem encontrar-se a 14 de Fevereiro, em Lausana, (Suíça), para esclarecer a situação e definir critérios de urgência, pois os jogos de qualificação iniciam-se em Março.

A questão do profissionalismo e da comercialização dos Jogos foi vivamente levantada por alguns países durante a reunião olímpica que decorre em Los Angeles, local dos Jogos de 1984. Segundo o «L'Equipe», a delegação da RDA contestou frontalmente as posições da FIFA, condenando que já não se fale em profissionais e amadores mas apenas em jogadores. Para a RDA, não se pode aceitar a participação nas Olimpíadas de jogadores que têm já no bolso um contrato profissional, ao mesmo tempo que o conjunto dos países do Leste europeu decidiu rejeitar a posição dos países ocidentais de seleccionar para as Olimpíadas jogadores considerados profissionais, mas com a reserva de nunca terem participado num campeonato do Mundo.

O Comité Olímpico Internacional ainda não reagiu formalmente a esta polémica sobre o amadorismo: a questão apenas deverá estar na agenda da sessão plenária do COI, prevista para Março, em Nova Deli (União Indiana). Porém, a questão relativa ao futebol começa a ser urgente de solucionar, dada a proximidade do início do torneio de agrupamento, pelo que o COI e a FIFA deverão discutir o assunto em Fevereiro.

A FIFA designou já como seus representantes Franchi (vice--presidente), Blatter (secretário-geral) e outros dois elementos a anunciar. Pelo COI, estarão em Lausana (nesta reunião que se prevê decisiva para o futebol olímpico) os seus dirigentes Daume (que preside à comissão de qualificação), Siperco (da Roménia) Ericsson (da Suécia) e Carraro (de Itália).

Recorda-se que o nosso país está inscrito no torneio futebolístico olímpico e que o seleccionador nacional (Otto Glória) escolheu precisamente um lote de jogadores profissionais que, no caso de êxito do ponto de vista das potências de Leste, ficam impedidos de actuar em Los Angeles, obrigando a novas convocações, desta feita de elementos que nunca firmaram compromissos monetários com qualquer clube português.

Por cá

Todavia, desconhecendo o que está a passar-se em Los Angeles ou imaginando que as coisas não vão sofrer qualquer alteração no tocante ao até agora previsto. Olímpicos e esperanças do futebol português voltam a defrontar-se, em treino marcado para terça-feira, no Estádio Nacional. Em comunicado, a Federação diz que o seleccionador Otto Glória convocou para este treino os seguintes jogadores:

● Olímpicos: Matos, Palhares e Reinaldo (Boavista), Jaime Pacheco (FC Porto), Coelho e Murça (Portimonense), Pires (Rio AVe), Barradas (Salgueiros), Frederico (Benfica), Paris e Fontes (Braga), Vitorino (Espinho), Virgílio, Festas e Lito (Sporting), Nunes (Setúbal), Paquito e Fonseca (Guimarães).

● Esperanças: Jaime e Jorge Plácido (Amora), Coelho (Boavista), João Pinto, Quinito e Jaime Magalhães (FC Porto).

Virgílio: Los Angeles será uma ilusão?

Alfredo (Rio Ave), Carlos Pereira, Bastos Lopes II e Carlos Manuel II (Benfica), Dito e Serra (Braga), Leonardo (Farense), Carlos Xavier, Venâncio e Mário Jorge (Sporting), Silvino e Laureta (Guimarães).

Estádios já escolhidos

A FIFA aprovou já a selecção de três estádios, feita pelo comité organizador da Olimpíada 84, para a primeira fase do torneio olímpico de futebol.

Os estádios sujeitos a inspecção definitiva posterior por parte da FIFA são o «Stranford Stadium» (a cerca de 60 quilómetros ao sul de São Francisco) o «Harvard Stadium» (em Massachussetts) e o estádio do corpo de «Marines» (em Annapolis, Maryland).

Um comunicado tornado público indica que o secretário--geral da FIFA (Joseph Blatter) manifestou a esperança de que **a eleição destes estádios relance a popularidade do futebol nos Estados Unidos.** O vice-presidente do Comité Organizador (Charles Cale) disse que os terrenos escolhidos **cumprem amplamente os requisitos da FIFA e permitirão que os adeptos das costas norte-americanas desfrutem de um dos desportos mais populares do mundo.**

Os três estádios aprovados juntam-se ao «Rose Bowl» (da cidade californiana de Pasadena, a cerca de 70 quilómetros a nordeste de Los Angeles) que já anteriormente havia sido designada como sede dos encontros olímpicos de futebol.

Das mais de cem equipas que disputarão as fases de qualificação para o torneio somente 16 (incluindo os Estados Unidos como país organizador e a Checoslováquia como campeã em Moscovo, em 1980) competirão nos Jogos Olímpicos de Verão. Na primeira fase, quatro turmas jogarão em cada um dos estádios. Os quartos-de-final disputam-se no «Rose Bowl» e em «Stanford», onde também se realiza cada uma das meias--finais. No «Rose Bowl» serão disputados os jogos para a atribuição da medalha de bronze (3.º classificado) e para a final olímpica.

A capacidade dos estádios escolhidos é a seguinte: «Rose Bowl» (104 696 espectadores), «Stanford» (84 892), «Harvard» (37 289) e «Marines» (30 000).

Os regulamentos da FIFA determinam que os quatro estádios terão de dispor de relva natural (a maioria dos campos de futebol nos Estados Unidos são de relva sintética) e de dimensões regulamentadas em 68 metros de largura por 105 de comprimento.

Los Angeles: o negócio são números

Entretanto, o Comité Olímpico Internacional e o Comité Organizador de «Los Angeles-84» (LAOOC) decidiram que cada um dos atletas participantes nos Jogos de 1984 deverá pagar 35 dólares (3250 escudos) pela estadia na aldeia olímpica. O LAOOC reduziu assim a sua exigência inicial (que era de 45 dólares) ao mesmo tempo que desistiu da sua proposta de obrigar cada atleta a depositar cem dólares, destinados a cobrir eventuais prejuízos que causassem nas instalações da aldeia olímpica. Em contrapartida, o COI comprometeu-se a pagar ao LAOOC os prejuízos que os delegados de cada país participante possam provocar nas instalações que lhes estarão reservadas.

Embora cedendo (alguns dos participantes da reunião classificaram como um «negócio de ciganos») o LAOOC conseguiu impor um acordo, segundo o qual o COI se compromete a fazer um depósito prévio de 4200 dólares, antes de 1 de Março de 1984, por cada país com menos de 50 delegados que se inscreva nos Jogos. Esse depósito será correspondente a 35 dólares diários por pessoa no caso das delegações com mais de 50 elementos.

Outra resolução tomada estipula que, até 1 de Março de 1984, os comités olímpicos nacionais deverão comunicar ao COI e ao LAOOC o número máximo de componentes das respectivas delegações, no qual porém não deverão incluir-se os participantes nas modalidades que se disputam por equipas.

O presidente do LAOOC (Peter Ueberroth) comentando a taxa de estadia estabelecida, considerou que ela é bastante moderada, pois **não cobre mais que 10 por cento do custo real** que implica o alojamento de um atleta. Opinião divergente foi expressa por vários outros participantes, que a consideram exagerada e difícil de pagar por algumas delegações, nomeadamente de países da América Latina. Também se pronunciou contra ela o vice-presidente do Comité Olímpico Soviético (Vitor Ivonini), que afirmou que os organizadores de «Los Angeles--84» estão a querer fazer das olimpíadas **um negócio para capitalistas.** Nas últimas Olimpíadas (realizadas em Moscovo) a taxa de estadia foi de 18 dólares por cada atleta.

Vilamoura vai ser rainha do ténis

Vilamoura vai ser, entre 22 e 25 de Abril, uma autêntica rainha em matéria tenística, pois abrirá as suas portas a um torneio internacional que, organizado pelo Clube D. Pedro (com o patrocínio da «Kispo: linha de vestuário ténis») promete atingir o mais alto nível de todas as competições da modalidade até agora promovidas no nosso país.

Trata-se de uma realização onde terá larga quota de responsabilidade um «expert» da publicidade portuguesa: Jaime de Sousa, figura muito prestigiada no circuito comercial, especialmente por ter encaminhado para o Desporto (ténis e automobilismo), a marca «Kispo», que por essa Europa fora já era vedeta nas mais espectaculares provas de esqui.

O «Torneio Internacional de Ténis de Vilamoura», para além de atraentes prémios monetários, coloca em equação troféus oferecidos pela «TMG» (Têxtil Manuel Gonçalves), Banco Pinto & Sotto Mayor e Hans Isler AG (Kispo Internacional, Suíça). As inscrições começam já a chegar ao Clube D. Pedro, sabendo-se que dentro de dias estará a funcionar (em Vilamoura, Porto e Lisboa) um circuito informativo que irá divulgando o rol de presenças neste conclave do ténis.

Nacional de basquetebol

Queluz (nas Antas): aliado do Benfica?

O Benfica, que no último fim--de-semana bateu o Queluz e o afastou do 1.º lugar do nacional de basquetebol, está empenhadíssimo no resultado de jogo de hoje, em que a equipa da linha de Sintra defrontará o FC Porto, no pavilhão das Antas. Se os «azuis e brancos» perderem, o Benfica (que tem hoje e amanhã jogos relativamente fáceis e em casa) assumirá o comando para não mais o largar visto que a 1.ª fase termina justamente amanhã.

A partida entre o Porto e o Queluz reúne condições excelentes para resultar num bom espectáculo, até extremamente competitivo pela dissemelhança do usual sistema de jogo preferido por ambos os «cinco»: tendência atacante e pouco prudente na defensiva, por parte do Queluz; mas versatilidade de manobra na defesa-ataque pondo sempre na luta um alto espírito defensivo, por parte dos portistas. Por alguma razão a turma de Jorge Araújo é (largamente) a que tem menos pontos sofridos e está em 2.º lugar nos marcados, logo a seguir ao Queluz.

O interesse da dupla jornada com que finaliza esta fase localiza-se inteirinho no Norte: no jogo das Antas e ainda porque em S. João da Madeira e em Ovar, processam-se duelos que decidirão o 8.º lugar, que qualifica para a fase seguinte.

Os encontros de hoje: Ovarense - CDUL, (17), Benfica -Olivais (17 e 30), FC Porto-Queluz (21), Atlético - Ginásio (21) e Sanjoanense - Barreirense (17). Este último jogo será transmitido directamente pela TV/2. Na jornada descansa o Sangalhos. Amanhã: Ovarense -Queluz (17), Benfica - Ginásio (17 e 30). Atlético - Olivais (17 e 30), FC Porto - CDUL (17 e 30) e Sangalhos - Barreirense (17 e 30).

Nacional de andebol

Cai o pano: fim do 1.º acto

Termina hoje, com os jogos pertencentes à 14.ª jornada, a fase de apuramento do nacional de andebol da divisão de honra. Em termos competitivos, só os jogos em que participam o Sp. Espinho e a Académica de Coimbra (defrontando o Desp. Portugal e o Póvoa) envolvem interesse classificativo, posto que um destes blocos (espinhenses ou academistas) integrará o lote dos oito finalistas: FC Porto, S. Mamede, Desp. Portugal, Sporting, Benfica, Belenenses e Almada.

A jornada inclui (ainda) a partida entre o Belenenses e o Benfica que irá dizer até que ponto os «encarnados» suportaram a estrondosa derrota na Luz frente ao Sporting, que colocou os «leões» no topo da tabela classificativa, empatados em pontos mas com melhor «goal-average».

Jogos Zona Norte: Académico do Porto, FC Porto, Académica de Coimbra - Desp. da Póvoa, S. Mamede - Fermentões e Desportivo Portugal - Sp. de Espinho. Zona Sul: Belenenses -Benfica, Vitória de Setúbal - Encarnaçã, Sporting - Almada e Paço de Arcos - Cascais. Todos os jogos estão marcados para as 21 e 30.

Nacional de hóquei em patins

Valongo em Sesimbra

Desenrola-se, hoje, mais uma jornada dos campeonatos nacionais de hóquei em patins, com o seguinte calendário no que respeita ao escalão superior: Juventude de Viana - Física (pav. Monserrate, em Viana, 21.30), Oliveirense - Oeiras (21.30), Sesimbra - Valongo (21.30), Benfica - Sp. Tomar (Cascais, 18 h.), FC Porto - Académica da Amadora (17.30), Famalicense -Paço de Arcos (21.30), Belenenses - Infante de Sagres (19 h.) e Sporting - Sanjoanense (pav. C. Rainha, 21.30).

Para a 2.ª Divisão (Série A): U. Paredes - Vigorosa. Visela -Fânzeres, Académico de Braga -Associação Grundig e OC Barcelos - Riba d'Ave (2130). Série B: Sp. Régua - Escola Livre de Azeméis, Ferpinta - Águias do Porto e Carvalhos - Académica de Espinho. Série C: Turquel -HC Leiria, Benfica das Caldas -Minas da Panasqueira, Académica de Coimbra - U. Seia e Termas - Sp. Marinhense. Série D: Sp. Torres - Torres Novas, Rossiense - Alenquer e Benfica e Stlella Maris - Tigres de Almeirim. Série E: GD Queluz - Parede, Alverca - Santos da Venda Nova e HC Sintra - Liga de Algés. Série F: GAJ Alcochete - Estremoz, GD Quimigal - CD Beja, Estrela do Areal - Mineiro Aljustralense e Azeitonense - HC Évora. Todos nos recintos dos primeiros às 18 horas, salvo os que têm indicação em contrário.

Placard

Vela: tentativa de recorde

Dois navegadores espanhóis partiram das Ilhas Canárias para o Norte da Venezuela, tentando bater o recorde mundial de distância em vela ligeira. Fernando Ramos e Alberto Franco largaram de Santa Cruz de Tenerife, num barco tipo «catamaran», com 24,5 metros quadrados de vela, para tentarem cobrir 3200 milhas Vinte dias é o que os dois velejadores pensam gastar na travessia que vão realizar apenas a 20 centímetros de água e apesar das possíveis intempéries.

A rota prevista por Ramos e Franco tem como primeiro objectivo Cabo Verde.

DESPORTO

ponta esquerda

Torriense contesta "doping" de Rui Silva

A propósito da análise do controlo antidoping que resultou positiva, relativa ao seu jogador Rui Silva, no encontro que o clube disputou com o Benfica de Castelo Branco, no passado dia 9, a direcção do Sport Clube União Torriense emitiu o comunicado seguinte:

«A Direcção do Sport Clube União Torriense, reunida em 20/1/83 e ao tomar conhecimento do resultado da análise do controlo antidoping, realizada no passado dia 9 de Janeiro, no jogo com o Benfica de Castelo Branco, deliberou:

«1.º – Ilibar o jogador Rui Manuel Ferreira da Silva de toda e qualquer responsabilidade, porquanto o referido atleta tomou parte nesse jogo estando medicamentado com o produto Naso Prieulina (gotas nasais) com conhecimento e autorização do médico do clube, dr. José Alberto Carvalho da Silva.

«2.º – Ilibar, igualmente o técnico e massagista pela sua total isenção no processo.

«3.º – Solicitar a contra-análise, de acordo com o que está regulamentado.

«4.º – Dar conhecimento a todos os Órgãos da Comunicação Social que, no momento do controlo, e de acordo com o que está estabelecido no mesmo regulamento, foi informado o médico encarregado do controlo, da lista dos medicamentos que o mencionado atleta vinha utilizando como consta do referido relatório.

«5.º – Reservar para melhor oportunidade uma exposição mais completa a todas as entidades oficiais relacionadas com todo este processo do controlo antidoping.

«6.º – Reiterar a total confiança no quadro de técnicos, jogadores e corpo clínico, pela sua idoneidade moral e profissional.»

Sporting de Braga atira futebolistas para tribunal

O futebolista Folha presentemente no Varzim indemnizou o Sporting de Braga em duas centenas de contos e fez a entrega do cheque recebido na altura da celebração de um contrato-promessa com o clube minhoto há quatro anos. Folha (porém) terá de comparecer dentro de dias no Tribunal de Matosinhos, por desvio da carta de desvinculação que lhe foi entregue pelo Leixões para legalização do contrato com o Sporting de Braga. Por motivos semelhantes aos de Folha, vão ser julgados Vítor Madeira e Salvador, ambos a instâncias também do Sporting de Braga, que pretende ainda accionar judicialmente os seus ex-jogadores Lito e Marinho, actualmente ao serviço do Sporting.

UEFA castiga mal comportados

A Espanha foi multada em 4200 dólares (cerca de 400 mil escudos) por «comportamento impróprio» no jogo com a Irlanda, para o campeonato europeu de futebol. A comissão de disciplina da UEFA considerou que a selecção espanhola teve «comportamento impróprio em campo», na partida disputada a 17 de Novembro (em Dublin) e que terminou com igualdade a três golos.

Também por «comportamento impróprio em campo» foi multada a equipa da Roménia (2525 dólares), no jogo para o campeonato europeu disputado em Itália e que finalizou com um empate sem golos, no dia 12 de Dezembro.

Quanto a clubes, os castigos da UEFA incidiram no Sevilha e no Colónia, multados em 1500 dólares ainda por **comportamento impróprio em campo** nas suas participações na Taça UEFA. Também o Boehemiens (de Praga) deverá pagar 3030 dólares devido ao comportamento dos seus adeptos durante o jogo disputado com o Servette (da Suíça), em 8 de Dezembro.

Futebolista italiano morre depois de operação ao joelho

O futebolista Enzo Scaini, jogador de uma equipa italiana da terceira divisão (Lanerossi, de Vicenza) morreu em Roma, em consequência de uma operação aos ligamentos de um joelho. Scaini (27 anos) sucumbiu a uma crise cardíaca, 45 minutos depois da intervenção cirúrgica. Antes da sua transferência para o Lanerossi, tinha jogado na 2.ª divisão (no Monza, no Verona e no Perusa).

Garrincha: último adeus ao som do hino brasileiro

O hino brasileiro foi entoado pela multidão que se concentrou no cemitério de Vila Inhomirin (Rio de Janeiro), onde «Mané» Garrincha foi ontem sepultado. Entre prantos e cenas de desespero, milhares de pessoas, vitoriaram pela última vez, o nome do ídolo do futebol brasileiro, falecido na 5.ª feira, na miséria e corroído pelo alcoolismo.

Um camião dos bombeiros transportou o caixão entre o Estádio do Maracanã e o cemitério, a 62 quilómetros de distância. A Polícia militar dispusera forças para impedir a invasão do cemitério, mas não conseguiu suster a multidão que avançou através das campas até ao local onde Garrinha foi sepultado. O corpo do que um dia foi apelidado de «alegria do povo», tinha estado em câmara ardente até ao meio-dia, no Estádio do Maracanã.

Foi velado por importantes personalidades da vida brasileira. O presidente João Figueiredo enviou o ministro da Segurança Social (Hélio Beltrão) em sua representação à câmara ardente do ídolo morto aos 49 anos, minado pelo alcool.

Declarações da viúva indicam que Garrincha morreu depois de 20 dias sem parar de beber e de três sem comer. O médico que autopsiou o cadáver da antiga «estrela» dos estádios, confirmou as informações de Wanderleia, a viúva de Manuel dos Santos (Garrincha).

Natação portuguesa: ouro em Genebra

A nadadora portuguesa Maria Helena Barros ganhou a final dos 200 metros estilos dos Campeonatos Internacionais de Genebra, (Suíça) conquistando a medalha de ouro, com o tempo de 2 minutos 28,87 segundos, recorde nacional absoluto. Nas eliminatórias. Maria Helena Barros vencera a segunda série, com o tempo de 2.28,93, que constituía recorde nacional, pouco depois logo batido pela mesma atleta.

Carol Brook (do Winterthur) ganhou em Genebra (Suíça) os cem metros femininos (2.ª Série) com 1.65,18, tendo a portuguesa Paula Lamego obtido a 6.ª posição, com 1.71,9.' Na 3.ª série venceu Ann Bosh (Bremér) com 1.9,28, ficando Teresa Villaret em 4.º lugar, com 1.10,62.

Esta nadadora está apurada para a final B.

Rebecca Hohener (Genebra) foi a melhor na 4.ª Série (1.7,89), conquistando Teresa Figueiras a 3.ª posição (1.9,95) tendo ficado apurada para a final A.

Nos 100 metros mariposa, masculinos (Série 5) venceu Andre Schadt (Darmstad) com 1.01,03. Henrique Villaret classificou-se em 3.º lugar, com 1.03,23. Na série 7 ganhou Marcel Gery (59,61) tendo Jorge Faria conseguido a 3.ª posição (1.02,12) que lhe valeu o apuramento para a final B.

Nos 4 x 50 metros estilos (femininos) Portugal classificou-se em 1.º lugar na série um, com 2.11,95, ficando apurado

Nos 4 x 50 metros estilos (masculinos), Genebra triunfou (1.57,68) classificando-se Portugal na 2.ª posição, (1.58,63) e apuramento para a final A.

Teresa Figueiras foi 2.ª na final dos 200 metros estilos, conquistando a medalha de prata, com o tempo de 2.29,86. A nadadora portuguesa fora também segunda na primeira série das eliminatórias desta prova com o tempo de 2.32,73. sua frente, na série, ficara a suíça Carol Brook (2.31,52).

Paula Lamego, que participou na 3.ª série foi eliminada da final.

Henrique Villaret foi 8.º na final dos 200 metros livres (2.06,74) depois de ter sido 2.º na 5.ª série das eliinatórias (2.04,54). Nessa mesma série, Pedro Soares foi 6.º (2.09,53) não ficando classificado para a final.

A prova de 200 metros livres (masculina) foi ganha pelo italiano Marco Berri, com 2.04,54.

Teresa Villaret foi 3.ª na eliminatória n.º 3 dos 200 metros livres (2.20,88) enquanto nos 200 estilos (masculinos) Carlos Moreira foi 4.º. na terceira série (2.24,46) e Jorge Faria o quinto na quarta série (2.24,00).

Na estafeta 4 x 50 metros livres, a equipa feminina portuguesa foi terceira classificada na primeira série (1.59,61) e qualificou-se para a final. Na estafeta masculina, Portugal foi também terceiro, na terceira série, com 1.47,46, mas falhou a qualificção para a final. À sua frente ficaram a França (1.43,73) e a RFA (1.45,67).

Braga: desporto tem porta fechada

O nosso camarada «O diário» revela, em termos eloquentes, a dramática situação que pende sobre a Associação dos Desportos de Braga, obrigada a encerrar as suas portas. Com a devida vénia, transcrevemos a notícia:

«A Associação de Desportos de Braga foi forçada, por falta de verbas, a encerrar as suas instalações e a suspender assim as suas actividades administrativas e desportivas até que a Direcção Geral dos Desportos «proceda em conformidade com a situação».

«Impedida de cumprir os seus compromissos mensais (renda, salários, telefone e expediente dos diversos departamentos), a direcção da ADB tomou aquela decisão, que entretanto transmitiu por comunicado oficial a todos os clubes filiados».

«A Direcção Geral dos Desportos, organismo que subsidia o funcionamento da associação, não distribuiu ainda as verbas referentes a 1983 e inviabilizou, na prática, o normal desenvolvimento da acção da ADB.

«Todos os assuntos de interesses desportivos dependentes daquela Associação sofrerão inevitáveis atrasos de que a ADB não pode sentir-se responsabilizada em face das circunstâncias que motivaram o encerramento temporário das suas instalações».

Vitória de Guimarães repudia acção da directiva do Sporting

O Vitória de Guimarães tornou pública uma carta que endereçou ao Conselho Nacional de Arbitragem:

«A Direcção do Vitória Sport Clube vem, por este meio, por imperativo da verdade desportiva e na salvaguarda da imagem da lealdade e da disciplina – valores orientadores dos seus profissionais de futebol sénior no confronto com os seus adversários – manifestar o mais vivo repúdio por toda a acção desenvolvida pela Direcção do prestigioso Sporting Clube de Portugal, relativa ao jogo realizado no Estádio Municipal de Guimarães, entre o Vitória local e o Sporting Clube de Portugal, a contar para a 15.ª jornada da época desportiva corrente.

«1.º – Lamentamos, por ser contrário às regras mais elementares do são desportivismo, que se pretenda minimizar, perante terceiros, a real incapacidade futebolística da equipa sportinguista no aludido encontro, tentando assim arranjar bodes expiatórios com o objectivo único de transportar responsabilidades do insucesso para quem nada contribuiu para tal evento.

«Aliás, a fazer fé em toda a Imprensa desportiva (ver «A Bola» «Gazeta dos Desportos», «Record») e demais Imprensa («Comércio do Porto», «Jornal de Notícias», e «Primeiro de Janeiro») de 10 e 11 de Janeiro de 1983, deve-se considerar ter tido o árbitro Santos Ruivo uma excelente exibição. Parabéns, pois, a ele e a todo o Conselho Nacional pela sua nomeação.

«2.º – Não podemos, de forma alguma, aceitar toda a campanha intimidatória tentada forjar a nível da arbitragem nacional, com dividendos bem conhecidos e cujas consequências não podemos avaliar, caso não sejam, desde já, tomadas medidas preventivas tendentes a estancá-la. A adopção dessas medidas aos senhores pertence.

«3.º – Mais deploramos as considerações tecidas à maneira como os nossos jogadores se entregaram durante o citado desafio; fizeram-no, isso sim, utilizando sempre processos límpidos, de uma forma dura mas não maldosa, viril mas não violenta. Actuaram como todos aqueles que «sentem» a camisola do clube que, com muitos sacrifícios, lhes paga.»

Ténis de mesa afirmou-se em Cardiff

A turma nacional obteve o quinto lugar entre dezena e meia de países concorrentes ao Torneio Internacional do País de Gales de ténis de mesa, que está ainda a decorrer em Cardiff, já que hoje mesmo se disputa a chamada «fase de consolação» (por equipas) em que Portugal participa, e as provas de pares e pares-mistos. A boa posição deveu-se (sobretudo) à vitória alcançada sobre a Escócia, por 3-2, país com o qual os portugueses haviam perdido (0-7) recentemente, em encontro a contar para a II Liga Europeia.

Individualmente, Ivanoel Moreira atingiu um nível muito bom, chegando até à 2.ª eliminatória, enquanto Anabela Fernandes atingiria a 3.ª eliminatória. Resultados parciais nos encontros em que a equipa portuguesa interveio:

Portugal, 3-Escócia, 2: Broe -Ivanoel Moreira, 22/20 e 21/16; McIlroy - João Portela, 17/21 e 19/21; Broe/McIlroy - Ivanoel-/Portela, 23/21 e 21/11; Broe -Portela, 7/21 e 17/21; McIlroy -Ivanoel, 13/21 e 10/21.

Portugal, 3-Malta, 0: Anastasi-Ivanoel, 11/21 e 15/21; Cardona - Portela, 15/21 e 20/22; Cardoona/Cini - Ivanoel/Portela, 10/21 e 10/21.

Portugal, 0-Inglaterra, 3: Johnson - Ivanoel, 21/11 e 21/9; Stanley - Portela, 21/13 e 22/20; Johnson/Stanley - Portela-/Ivanoel, 21/8 e 21/14.

Desfechos até à final do torneio:

Segunda eliminatória (16 equipas): Hungria - Rep. Irlanda, 3-0;Inglaterra - Turquia, 3-0; Checoslováquia - Luxemburgo, 3-0; RFA - Dinamarca, 3-1; Holanda - Suécia, -3; França -Noruega, 3-1; Polónia - País de Gales, 3-0 e Portugal - Malta, 3-0.

Terceira eliminatória (8 equipas): França - Checoslováquia, 3-1; RFA - Hungria, 2-3; Polónia - Suécia, 2-3 e Inglaterra -Portugal, 3-0. Meias finais: Inglaterra - Hungria, 3-1 e Suécia -França, 2-3. Final: Inglaterra -França, 3-1. A Hungria venceu a competição feminina, batendo a Inglaterra na final por 3-0.

Nas competições individuais, os portugueses lograram alguns triunfos, com relevo para Anabela Fernandes, que eliminou duas opositoras. Os resultados conseguidos pelo portugueses: João Portela perdeu com o inglês Spencer por 21/13, 18/21, 15/21 e 11/21; Ivanoel começou por vencer Morgan do País de Gales, por 21/12, 21/19 e 21/12, para de seguida perder com o inglês Prean, por 12/21, 21/18, 10/21 e 17/21; Anabela Fernandes bateu primeiro, Skeats, do País de Gales, por 17/21, 21/14, 21/9 e 21/16, e depois a irlandesa Sheeman, por 21/19, 21/14 e 21/9, perdendo então na terceira tentativa com a belga Boggaerts pelos resultados de 20/22, 14/21 e 16/21.

Valadares: 24 horas a correr

Uma prova de atletismo inédita em estabelecimentos de ensino portugueses vai realizar-se em Valadares (conselho de Vila Nova de Gaia): designada «24 horas de Valadares», decorrerá na pista de atletismo da Escola do Ciclo Preparatório local e nela participarão alunos e professores (de ambos os sexos) daquele estabelecimento e da Escola Secundária de Valadares. A corrida, que não terá classificações, iniciar-se-á às 8 horas de uma dia e terminará às 8 horas do dia seguinte. Os participantes (reunidos em grupo) revezam-se, por estafetas, ao longo das 24 horas, sem interrupção. **«O espírito que preside a esta iniciativa** (diz o professor Isolino Vaz) **é de carácter pedagógico e não competitivo»**

A ideia partiu de um professor da Escola Secundária de Valadres (João Oliveira) a ela se associando outros professores de Educação Física deste estabelecimento e do Ciclo Preparatório.

Isolino Vaz acrescentou que, para além da originalidade desta organização, **«importa chamar a atenção para a necessidade de se dotar o Norte do País de uma pista de 'tartan'».**

Em Valadares, a corrida «inspira-se na vital necessidade de sensibilizar a juventude escolar para actividades de sanidade física e psíquica, afastando-a dos caminhos da droga e da delinquência juvenil. E'pena que iniciativas desta natureza não mereçam um apoio mínimo do Ministério da Educação».

As «24 horas de VAladares» não tem data fixada, mas deverão realizar-se em fins de Feveriro ou princípios de Março. Isolino Vaz (65 anos) é um entusiasta do pedestranismo e em 1981, realizou uma prova de 45 quilómetros na mesma pista de Valadares.

MICROSCÓPIO

Ténis: mestres

O norte-americano Jimmy Connors eliminou (no Madison Square Garden, de Nova Iorque) o seu compatriota de origem sul-africana Johan Kriek (7/6, 6/2) qualificando-se assim para as meias finais do Torneio dos Mestres, onde defrontará o checoslovaco Ivan Lendl, que venceu ontem o francês Yannick Noah (6-4, 7-5).

Por seu lado, a dupla norte-americana constituída por John McEnroe e Peter Fleming qualificou-se para a final de pares homens, ao bater os checoslovacos Pavel Slozil e Tomas Smid. McEnroe e Fleming venceram com os parciais de 6/3 e 6/4.

Homenagem a Carlos de Oliveira

Vital Moreira afirmou ontem à noite em Coimbra que o escritor Carlos de Oliveira foi um caso à parte no panorama cultural português.

O antigo deputado do PCP falava na qualidade de membro da Redacção da «Vértice» durante uma sessão de homenagem a Carlos de Oliveira promovida por esta revista coimbrã.

Vital Moreira sublinhou que o escritor foi «um caso à parte pela originalidade da sua criação, pelo cultivo da irredutível autonomia da criação artística e pela constante preocupação de dar voz nova à luta pela liberdade e pela felicidade dos homens».

Recordou também outros nomes do movimento neo-realista português, entre os quais destacou os de Joaquim Namorado, Arquimedes da Silva Santos e João José Cochofel que pertenceram à revista promotora da homenagem.

Vital Moreira salientou ainda que a sessão de homenagem a Carlos de Oliveira sublinha também os quarenta anos de «uma revista posta ao serviço da cultura e dos sonhos dos homens», referindo-se ao quadragésimo aniversário da revista «Vértice», ocorrido em 1982.

A sessão, que teve lugar no Teatro Sousa Bastos, contou com a participação de Fátima Murta, José Manuel Mendes, bem com de Manuel Freire e o Coro Misto da Universidade de Coimbra, que declamaram poemas e interpretaram canções com letras de Carlos de Oliveira.

Foi também exibido o filme de Fernando Lopes «Uma Abelha na Chuva», baseado no livro homónimo de Carlos de Oliveira, seguindo-se um colóquio orientado pelo realizador.

Na ocasião foram lançados um número especial da revista «Vértice» dedicado a Carlos de Oliveira e uma medalha comemorativa dos quarenta anos da revista e inaugurada uma exposição documental sobre o escritor, organizada por Carlos Santarém.

Solidariedade com El Salvador

Sérgio Godinho cantou no Coliseu

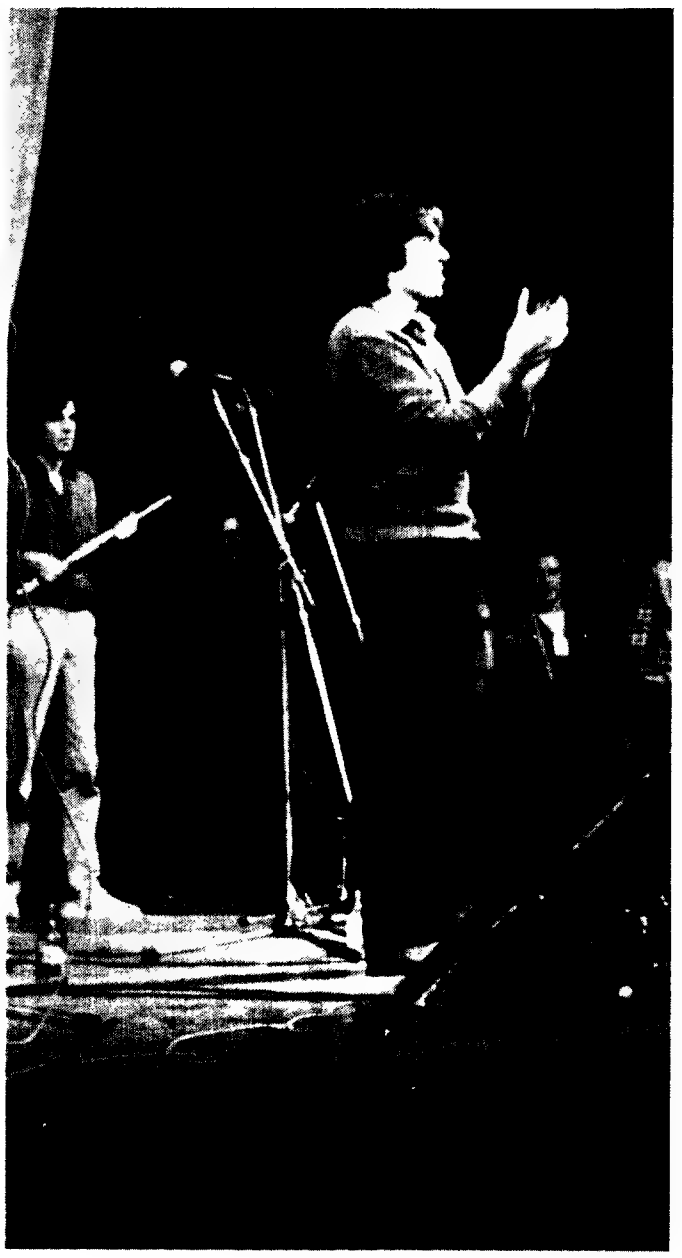
«O Dia de Solidariedade Internacional para com El Salvador» é hoje comemorado em todo o mundo democrático, associando-se Portugal a tal acto. Aliás, já ontem o Coliseu dos Recreios foi palco de uma sessão de solidariedade para com o povo de El Salvador, durante a qual foi denunciada a situação de repressão que aí se vive e atacada a política norte-americana na América Central – que mantém de pé o regime militar ditatorial de El Salvador.

O representante da Frente Democrática Revolucionária (FDR/FLMN) de El Salvador para a Península Ibérica, Henrique Rubio Robles, ontem recebido pela CGTP/IN, referiu a situação político-militar no seu país e adiantou que «a guerrilha mantém ocupadas cerca de 40 povoações, entre elas a guarnição militar de Morazán».

O representante do Comité Pró-Justiça e Paz Guatemalteco, Matteo Peter, que se definiu como cristão, apontou a «luta armada como o único caminho para derrubar a ditadura» do seu país (Guatemala) e de todos os outros, assinalando que a «repressão do regime guatemalteco atinge o genocídio, sobretudo na população indígena».

A sessão de solidariedade para com El Salvador teve a participação do cantor uruguaio Daniel Viglietti, de «A Barraca», José Mário Branco, Luís Cília, Mário Viegas, Octávio Sérgio, Vitorino e Sérgio Godinho (foto). A CGTP assinalará hoje a data com o envio de telegramas de protesto a órgãos do Governo dos EUA, «exigindo a não intervenção norte-americana naquele país».

Há mais de 280 mil refugiados políticos na América Central, 241 mil dos quais provenientes de El Salvador.



Greve dos artistas em França

As salas de espectáculo francesas estiveram anteontem encerradas na sequência do apelo à greve de 24 horas lançado pelos sindicatos aos cerca de 15 000 artistas franceses, para protestarem contra as novas medidas relativas ao subsídio de desemprego.

A Ópera de Paris, o Teatro da «Comédie Française» e todos os teatros nacionais, que não têm problemas de desemprego, também fecharam as suas portas em sinal de solidariedade.

Só a Orquestra de Paris manteve o seu concerto na Sala Pleyel. Sob a direcção de Daniel Barenboim e com a participação da soprano negra americana Jessye Normann, oferecia a estreia mundial duma obra inédita de Richard Wagner: «La Descente de la Courtille» (nome dum cortejo de Quarta-Feira de Cinzas que antigamente se realizava em Paris). No entanto, em sinal de solidariedade o concerto teve início com um quarto de hora de atraso.

Na província, muitos artistas juntaram-se ao movimento e os que mantiveram a sua programação decidiram dar as receitas dos espectáculos às suas organizações sindicais.

Os realizadores de cinema e de televisão também responderam ao apelo e quinta-feira não se filmou.

Esta greve foi decidida por causa do «impasse» em que se encontram as negociações sobre as modificações no subsídio de desemprego.

Um decreto governamental assinado no passado mês de Novembro prevê para os trabalhadores do espectáculo um mínimo de mil horas de trabalho e um subsídio de desemprego reduzido a 91 dias, contra um mínimo de 520 horas de trabalho e um ano de subsídio no sistema anterior.

Os sindicatos do espectáculo, que qualificam essas medidas de «catastróficas», conseguiram a manutenção do antigo sistema enquanto durassem as negociações, mas temem o futuro.

Os artistas estão entre os trabalhadores mais atingidos pelo desemprego, a tal ponto que o seu número diminui constantemente: 60 mil em 1936, 20 mil em 1968 e 15 mil actualmente, 85 por cento dos quais se encontram quase permanentemente desempregados.

Na sala experimental do D. Maria II

Teatro do Mundo estreia hoje

O Teatro do Mundo, que apresentou alguns dos mais interessantes espectáculos das últimas temporadas, recebendo três prémios da crítica em 1981, comemorará o 4.º aniversário da sua fundação no Teatro Nacional D. Maria II, em cuja sala experimental estreia hoje o seu 8.º espectáculo, «Anno IV D.C.», dirigido por Manuela de Freitas, com assistência de Rogério de Carvalho, que foi construído a partir de textos de Camus, nomeadamente o «Calígula».

A adaptação do espectáculo, que tem cenografia de Roberto Moscoso, autor dos diapositivos cénicos de «Terramoto no Chile» e «Cogumelos», ao espaço da sala experimental do Teatro Nacional, obrigou o Teatro do Mundo a reduzir consideravelmente a lotação, pelo que se aconselha o público a marcar bilhetes com antecedência.

O espectáculo estará em cena no D. Maria II só até 13 de Fevereiro, de terça a sábado, às 21.45, e aos domingos às 16.30.

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70
TELEF. 68 63 00 (subMCCC) (m/13)

UM DIA NA CAPITAL DO IMPÉRIO
Textos de A. R. Chiado. Direcção: Helder Costa
3.ª a SÁB. 21H30. DOM. (só) 16 H.
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CULTURA E CIÊNCIA

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
9.º JUÍZO CÍVEL

ANÚNCIO
2.ª Publicação

Faço saber que pela 2.ª Secção do 9.º Juízo Cível desta Comarca, correm éditos por vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio, citando os credores desconhecidos do executado Carlos Alberto Alves dos Santos, residente na Rua do Embaixador n.º 65 — r/c, em Lisboa, para no prazo de dez dias posteriores àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos nos autos de Execução Sumária Registada sob o n.º 9.979, movida por Estabelecimentos Electro-Ouro, Lda, com sede na Calçada da Estrela, 80 a 90, em Lisboa, desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1983

O Juiz de Direito,
Ramiro Luís d'Herbe Vidigal

O Escrivão-Adjunto,
João Albano Perfeito Macias

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA
HOJE às 21,45h
a CASTRO
DE ANTONIO FERREIRA • ENCENAÇÃO JOÃO MOTA
terça-feira a sábado às 21,45
sábado e domingo às 17 h
SUB SEC PRAÇA DE ESPANHA TEL 72 08 18
XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE CULTURA E CIÊNCIA
CURTA CARREIRA /SÓ ATÉ 21 DE FEVEREIRO

— Rua Tenente Raul Cascais, 1-A
1200 Lisboa
Tel. 66 15 15
teatro do barro duro

ORATÓRIA
uma colagem de textos de GIL VICENTE/GOETHE/BRECHT
CURTA CARREIRA
Todos os dias às 21.30 h
dom-17 h
seg-folga

Sinal de trânsito não é objecto decorativo. Respeite-o!

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA
3.º Juízo

ANÚNCIO
2.ª Publicação

Pelo 3.º Juízo do Tribunal de Família – 1.ª Secção – da Comarca de Lisboa, no Processo de Divórcio Litigioso n.º 2937 em que é autor PEDRO FRANCISCO DE PINA MASSANO DE AMORIM, residente no Campo dos Mártires da Pátria, n.º 67-2.º Esq., em Lisboa, e ré DUŠANKA ŽEGARAC MASSANO DE AMORIM, cuja última residência conhecida em Portugal foi a do autor e ora ausente em parte incerta, correm éditos de trinta dias, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando a referida ré para, no prazo de vinte dias, decorrido o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de divórcio litigioso que lhe move seu marido, pelos motivos constantes da petição inicial cujo duplicado se encontra à sua disposição neste Juízo e Secção.

O autor baseia o seu pedido de divórcio nos termos do disposto nos art.ºs 1779.º e 1672.º do Código Civil.

Lisboa, 19 de Janeiro de 1983

O Juiz de Direito,
(José Manuel Branquinho de Oliveira Lobo)
A Escriturária Judicial,
(Maria Campos Tomás)

CENTRO CULTURAL DE ÉVORA
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
NO TEATRO DO NOSSO TEMPO
PRAÇA JOSÉ FONTANA · TEL 573831
OS ESTRANGEIROS
SÁ DE MIRANDA
encenação de MÁRIO BARRADAS
cenografia de JOÃO VIEIRA
HOJE E AMANHÃ
SÓ ATÉ DIA 30

XVII EXPOSIÇÃO EUROPEIA DE ARTE, CULTURA E CIÊNCIA

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Da arte de salvar clássicos

«OS ESTRANGEIROS», de Sá de Miranda. Encenação: Mário Barradas. Cenário, figurinos e adereços: João Vieira. Interpretação: Mário Barradas, Pedro Hestnes Ferreira, José Alegria, Isabel Bilou, Amélia Varejão, Álvaro Corte-Real, José Russo, Alexandre Passos, Rosário Gonzaga, Fernando Mora Ramos, Victor Zambujo, Figueira Cid, Ana Meira. Cenas filmadas do «Auto da Barca da Glória» e «O Clérigo da Beira», de Gil Vicente, com realização e fotografia de Manuel Costa e Silva. Interpretação: Rosário Gonzaga, José Alegria, Figueira Cid, Glória Férias, Alexandre Passos e Álvaro Corte-Real. Centro Cultural de Évora. Estreia em Lisboa: T.N.T. 14-1-83.

No momento em que escrevo estas linhas, apenas foram estreados dois dos quatro espectáculos produzidos no âmbito da XVII Exposição Europeia de Arte, Cultura e Ciência. Foram eles, «A Castro», pela Comuna (que ainda não comentei mas que desde já proponho como visita obrigatória), e «Os Estrangeiros», de Sá de Miranda, pelo C.C.E., em cena no T.N.T., ali à José Fontana.

Mesmo sem os que faltam (o espectáculo da Barraca, e o espectáculo a criar em conjunto pelos três grupos), a iniciativa do Comissariado para a referida Exposição está amplamente justificada. O trabalho de recriação dramatúrgica e cénica da Comuna como da companhia de Évora, embora a níveis diferentes, aponta para pistas que poderão revelar-se altamente rendíveis para a redescoberta do teatro português.

No levantamento da peça de Sá de Miranda, Mário Barradas utilizou uma liberdade de processos, tanto no que se refere ao texto como à encenação, que podem ser discutíveis mas me parecem inteiramente correctos e eficazes pois permitiram que o encenador transformasse um texto insípido e teatralmente descaracterizado, para não dizer inepto, num espectáculo bem humorado, vivo, inteligente, que nos propõe elementos polémicos para a leitura não só do texto como do teatro do tempo Criando um centro conflitual da peça através da carga polémica das relações Gil Vicente-Sá de Miranda, Mário Barradas deu-lhes perspectivas insuspeitadamente ricas. Serviu-se para isso de cenas filmadas (e muito bem, por Manuel Costa e Silva) cenas do teatro Gil Vicente em que é posto em causa, precisamente, esse relacionamento dos dois autores e das formas pretensamente novas/velhas por eles utilizadas.

A este ponto, um outro igualmente fulcral, devemos acrescentar, o da contaminação do texto e da encenação pela commedia dell'arte, o que se justifica até pelas **origens italianas**, do século XVI, da comédia de Sá de Miranda. O jogo da comedia dell'arte é visível não só através do recorte das personagens (veja-se o exemplo de Calídio óptimo José Russo) como através dos efeitos utilizados e que implicam uma visão actual daquele tipo de espectáculo. Refiro-me, por exemplo, ao aparecimento de uma pistola, às relações que se estabelecem entre o narrador do prólogo (que aqui surge como o próprio autor e não a figura da Comédia que é no original), e as personagens relações que assumem por vezes o carácter de teatro no teatro, como se o narrador fosse o encenador a dirigir os seus actores: atentem-se ainda as referências a situaçoes do nosso tempo (uma delas invenção do dramaturgista creio), para se avaliar o trabalho feito pelo encenador e pelo grupo no sentido de tornar esta peça mais do que o mero exercício comemorativo que corria o risco de ser.

Para isso contou ainda o encenador com a colaboração de Joao Vieira, de quem cenário e figurinos respondem às questoes postas por este levantamento do texto, e ainda com um naipe de intérpretes que confirmam a escola de Évora como a mais eficaz e pedagogicamente coerente do teatro português.

Num espectáculo deste tipo, em que palavra, gesto, movimento, expressão participam de um jogo dúplice, ao mesmo tempo com o próprio texto e com o público, o papel do intérprete é fundamental. Os jovens de Évora, incluindo Mário Barradas, claro, contribuem fortemente para o resultado final atingido pelo espectáculo: exprimem com força, graça e intencionalidade essa dupla carga teatral que personagens e situações contêm. Entre eles o mais jovem, Pedro Hestnes Ferreira, de que suponho ser a primeira ou uma das primeiras actuações em público, revela-se um «galã» com presença, graça, comunicabilidade, instinto do palco, que garantem uma carreira a seguir atentamente. O que se chama, uma revelação. No outro extremo etário, Alexandre Passos, compõe um Petrónio admirável. E há ainda, como se deu a entender, um excelente trabalho de equipa.

Aí está como um grupo transforma o que podia ser uma estopada académica num óptimo divertimento, capaz de agradar a todos os públicos. E não será isto prova de que os nossos grupos independentes e estatais devem continuar a prospectar no nosso teatro, antigo e moderno, outras pistas possíveis?

Estúdios de Coppola em leilão

Os estúdios cinematográficos de Francis Ford Coppola deverão ser leiloados a 11 de Fevereiro pois o realizador de «Apocalypse Now» parece não conseguir cumprir os prazos dos bancos, indicaram, ontem em Hollywood.

Coppola tinha comprado os Estúdios Zoetrope em 1980 mas os problemas financeiros não pararam de se acumular. No entanto Coppola sempre conseguira salvar os estúdios do desastre.

Desta vez, contudo, a Security Pacific National Bank reclama oito milhões de dólares e, depois de ter concedido a 14 de Outubro último um prazo de 90 dias, decidiu ordenar a apreensão dos estúdios, o que provocaria a sua venda em leilão.

Acusado por alguns de megalomania, Francis Ford Coppola tinha pago mais de seis milhões de dólares por estes estúdios, dotando-os dos equipamentos mais modernos, em particular material vídeo. No entanto alguns dos filmes que produziu foram grandes fracassos financeiros, em particular a superprodução «One From the Heart».

RODA PÉ

José Duarte

O melhor e tudo (III)

«... no centro um violino concertante
engolfa o parque e o tédio na cisterna
a silva o dente a mecha de cabelos
o cheiro a bosh iô-iôs orangotangos...»

Olga Gonçalves

As duas partes anteriores investigou-se sobre tudo e, em particular, sobre o melhor que se passou na área do jazz, por cá, em 82 e nos capítulos de concertos e de mercado de discos. Reposta que está a verdade (como dizia o mentiroso) sobre a produção das editoras BELTER e DARGIL, há que continuar e por ordem rigorosamente alfabética, que é um critério original e muito usado.

EDISOM – a trabalhar com o conceituado catálogo SONET, especializado em blues, publicou quatro referências discretas, das quais o 2.º volume da colectânea 'Living Chicago Blues' é interessante e as gravações de 1965 do 'one-man-band' dr. Ross são curiosas. Para este ano é lícito esperar mais e melhor.

IMAVOX – com real interesse para o mercado de jazz e blues, esta editora apenas apresentou dois títulos: uma escolha de gravações de Johnny «Guitar» Watson e um disco captado ao vivo no festival de Montreux de 1977 do pianista James Booker, uma personagem original com música pura e transparente.

NOVA – também, apenas com dois discos, esta editora contribuiu para a cena-jazz de 82: uma gravação atípica do polaco Zbigniew Namyslowski e mais um disco de Rao Kyao, desta vez gravado no festival de Cascais em 81, acompanhado por músicos ingleses e que pouco vem acrescentar à obra dum dos nossos melhores músicos, que atravessa uma longa fase de estagnação, sem procurar condições ou provocações que o estimulem.

POLYGRAM – ora aqui está uma editora com um certo peso na totalidade do mercado de discos em Portugal que, finalmente, o ano passado, parece ter descoberto o jazz, que conta com o importante catálogo VERVE e que deu uma imagem tísica das suas possibilidades. Apostou, pelo seguro, em nomes fortes e da família: Aretha, B.B. King, James Brown e 'The Crusaders'; foi desencantar uma gravação do harmonicista Toots Thieleman, músico desajustado com as preferências ou interesses do mercado e escolheu três referências da VERVE, bastante discutíveis, no que se refere a oportunidade e importância para a procura: Ella com Basie, de 63, um disco que com o permanente movimento das fronteiras dos tipos de música é, hoje, quase banal, de repertório saturado e sem interesse histórico; Peterson (sempre ele!) em 56, no festival de Stratford, uma obra que apenas (pre)enche a discografia do virtuoso mecanicista; Bill Evans (a comercialização do póstumo) em Montreux, no festival de 1968. Embora seja um bom disco de jazz, convém não esquecer que, no jazz, os principais instrumentistas não se sentam ao piano. Sopram!

É exigível, para 83, uma melhor e mais abundante escolha no catálogo VERVE. A procura tem pressa e carência de obras históricas, na qual a etiqueta é tão pródiga.

RÁDIO TRIUNFO – foi a grande e boa surpresa de 82! Com cerca de três dezenas de referências editadas localmente, ignorou a importação e equilibrou a sua produção entre o disco antigo e a novidade. Destaque também para primeiras edições, em cima da hora, como um inédito de Parker, dois McLaughlins (versões acústicas e electrificada), um conjunto de inéditos de Bill Evans (excelentes, como em S. Carlos), um impecável Art Pepper e duas revelações vocais (Chaka Khan e Bobby McFerrin). Os inevitáveis violinadores (Grappelli e Ponty) também aqui voltam a aparecer, mais umas tangentes ao jazz que vão desde Al Jarreau a Tom Waits. Espera-se que, em 83, a RT aumente este seu interesse pela edição-jazz, trabalhando o seu importante conjunto de catálogos norte-americanos, como o WEA, ELEKTRA/MUSICIAN, ATLANTIC, MILESTONE/FANTASY, PRESTIGE, o que lhe permitirá cobrir, simultaneamente, o passado e o presente, e revelar, até que enfim, Coltrane em fase importante!

RCS – com esta sigla apresentou-se no mercado um disco da pianista e cantora Tânia Maria, um interessantíssimo ser que muito bem usa a influência que o jazz tem sobre um certo tipo de música brasileira. Como sou seu incondicional e futuro admirador, fui uma noite ao Coliseu de Lisboa, vazio e gelado, assistir a um seu espectáculo que passou despercebido. Restam os discos (tem um outro bem curioso, em duo, com Niels Pedersen, o contrabaixista dinamarquês mais gravado e menos dinamarquês) e saber que ela vive nos arredores de Manhattan, ao pé do meu amigo Braga, que a conhece!...

ROSSIL – apenas com meia dúzia de referências editadas com base ainda na etiqueta SONET, a sua participação no mercado foi, no entanto, interessante, pelo valor de dois discos: o do cantor e guitarrista Albert Collins, de título «Ice Pickin», e uma excelente colectânea de «Rare Blues» da prestigiada série TAKOMA.

VALENTIM DE CARVALHO – a actividade desta editora, em 82, foi a grande decepção e será a grande preocupação este ano, para quem segue, com ansiedade, a desejada melhoria, por cá, das condições de divulgação do jazz. Representando, pelo menos, um histórico e conceituado catálogo norte-americano (BLUE NOTE) que inclui muito do que nesta música se passou de interessante nos anos 60 e vizinhança, a queda editorial de 81 para 82 foi notável e preocupante. Agora que, por todo o mundo do jazz o mercado se rebruça com entusiasmo e porcos da etiqueta, marcados pelo tempo, de importância parada e muito relativa, excepções do catálogo que visitaram o experimental da época, meio dos anos 60. Embora contando com bons músicos e com nomes sonantes à cabeça (Andrew Hill (?) e Don Cherry) a escolha é também errada em função da realidade global (necessidades e existências e portanto prioridades) do mercado português. Até o próprio Bechet não é um BLUE NOTE típico como o são Silver, Blakey e dezenas e dezenas de outros. A escolha de Bechet é salva pela ímpar qualidade da música e pela consequente recolocação e reabilitação do músico no seu lugar de génio do jazz. Os outros (cerca de 18) discos editados na área do jazz ou dos seus parentes pobres, variam entre a notabilíssima obra de Chick Corea, em trio, em 68: «Now he sings, now he sobs», o histórico encontro de Coltrane com Taylor, hoje raridade discográfica em muitos países, e outras edições discutíveis, por insípidas (Menuhin e Grappelli, outra vez), ou inúteis (Previn com Perlman). Da marca CAPITOL, refira-se a única edição, um disco do grupo dos manos Adderley reforçado com Charles Lloyd. O inevitável Chet Baker surge também com mais um disco editado via EMI/PATHE. Mais um, e só isso. Resta referir uma referência EMI onde o rag está muito bem representado nas suas mãos de Joshua Rifkin, com pureza e fidelidade, mais a vaga de edições fim do ano que contemplou (mal) a estreia do catálobo AFFINITY com três grandes nomes em três discos secundários: Monk, Mingus e Shepp, este então escolhido duma época onde a Europa pensadora deteriorava a produção musical afro-americana. O título do disco é, ele próprio, elucidativo: 'Blasé'. V.C. contemplou ainda os blues, com duas referências, ambas vulgares e em forma de colectânea, uma dedicada à cena de Chicago, a outra aos harmonicistas.

Na área de importação, V.C. escolheu apenas dois títulos que o signatário comprou pela querida quantia de novecentos e muitos escudos cada, porque a música de Gil Evans e dos seus solistas e a de James Blood Ulmer lhe são caras...

E, para terminar esta tripla do melhor e tudo e do nada também, acho que o silêncio da CBS é incrível, inqualificavel e de ouro! Só pensar que Miles Davis grava para a Columbia desde 1956!...

Os melhores discos de jazz

(editados em Portugal em 1982)

MÚSICO	TÍTULO	ANO	ETIQUETA	EDITOR
ARCHIE SHEPP	'LOOKING AT BIRD'	1980	STEEPLECHASE	DARGIL
BILL EVANS	'ELOQUENCE'	1973/7.	FANTASY	RÁDIO TRIUNFO
CHARLES MINGUS	'PITHECANTHROPUS ERECTUS'	1956	ATLANTIC	RÁDIO TRIUNFO
CHICK COREA	'NOW HE SINGS, NOW HE SOBS'	1968	LIBERTY	VALENTIM DE CARVALHO
LENNIE TRISTANO	'REQUIEM'	1955/61	ATLANTIC	RÁDIO TRIUNFO
MILT JACKSON	'PLENTY PLENTY SOUL'	1957	ATLANTIC	RÁDIO TRIUNFO
SIDNEY BECHET	'JAZZ CLASSICS - VOL.1'	1939/46	BLUE NOTE	VALENTIM DE CARVALHO
THELONIOUS MONK	'BRILLIANCE'	1956/59	MILESTONE/FANTASY	RÁDIO TRIUNFO
Vários	ESQUIRE JAZZ CONCERT	1944	JOKER/UP	DARGIL

39

Desenhos M. Blanc-Dumont

Texto Laurence Harle

continua

Notícias da BD

Concurso e exposição em moldes inéditos

Promovido pela Associação de Estudantes de Arquitectura, encontra-se aberto até ao dia 25 de Fevereiro um Concurso-Exposição de Banda Desenhada destinado a promover os novos autores e a abrir «espaços úteis à formação e expressão criativa das personalidades».

O espírito da iniciativa é explicitado pelos organizadores em termos que merecem referência detalhada. «Especialmente para novos autores, lê-se no texto do regulamento, cada concurso-exposição é um estímulo para que não parem de se aperfeiçoar e trabalhar, e é uma recompensa pelo que já realizaram.»

Constitui ainda «uma ocasião de confrontarem várias técnicas, temas e processos de divulgação dos seus trabalhos». Mas uma segunda perspectiva está presente, enquadrando «a BD na Arte em geral e sua presença no quotidiano da evolução dos homens e das sociedades».

É neste quadro que a Associação de Estudantes de Arquitectura propõe um concurso de características inéditas entre nós, tanto quanto julgamos saber.

Inédito, porque aos clássicos prémios escalonados por hierarquia de «qualidade», prefere prémios para as BD's que no seu conjunto reúnam mais qualidade, mais se destaquem pela inovação e originalidade, melhor abordem com realismo a problemática da existência humana de forma actual, profunda e útil, ou que revelem maior poder de comunicabilidade e maior clareza na sua leitura e compreensão.

Não existem temas impostos e qualquer pessoa pode concorrer, em obras a preto e branco ou a cores, com um mínimo de três páginas.

O valor dos quatro prémios a atribuir por um júri integrado «por conhecidos autores e entusiastas da BD em Portugal e por um membro da direcção da Associação», é de valor igual (cinco mil escudos cada um). No próximo mês de Março, realizar-se-á na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa uma exposição de todos os trabalhos enviados a concurso, estando ainda prevista uma mostra de autores representativos da BD portuguesa da actualidade.

O envio dos trabalhos deverá ser feito para a Associação de Estudantes, Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 2, 2.º, 1200 Lisboa.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Do assalto do elitismo, ao didactismo do Assalto.

Foi ontem um dia cheio de que fazeres, como dizem os brasileiros. Culminou com o regresso a penates em marchas forçadas. Paixão pela TV? Não só nem principalmente. Aconteceu que pela própria televisão já eu conhecia o essencial da história da «Força de Intervenção»: tratava-se de assaltar uma joalharia...

Só um momento. O «jornal da tarde» apanhou-me na Gulbenkian, em fim de mais uma sessão de trabalho no Congresso dos Jornalistas. Então abanquei diante de um conjunto de televisores sobrepostos, o inferior dava o primeiro canal, o superior dava o segundo. Em baixo, tínhamos a crise política, em cima tínhamos o preço dos brócolos. Em baixo, falava-se do Balsemão, em cima davam a cotação dos nabos.

Bayão Horta aparecia misturado com alhos e cenouras, japoneses e americanos, em guerra bilateral, apareciam de envolta com os agriões, o trevo-mouro e a salsaparrilha. Perfeito. Ao contrário de muita gente, eu sempre acreditei no imenso destino reservado ao teletexto.

A notícia emprosada que acompanhava as imagens entre nipónicos e ianques, a sério, deixou-me perturbado. Tão amigos, tão colaborantes, tão já militarmente comprometidos que eu pensei se Pearl Harbour não fora um sonho e se tudo o mais, a seguir, não passara de uma grandessíssima peta. Tão encarniçados estavam uns e outros contra a União Soviética, que com outro telespectador a meu lado comentava:

– Querem ver que foi a URSS que lançou a bomba atómica sobre Hiroxima...

Ao mesmo tempo, o teletexto difundia as cotações da moeda em diversos mercados mundiais. Meu Deus, como vai sendo cada vez mais difícil viver...

Aterrei no telejornal precisamente quando Silva Costa, entrevistado na Gulbenkian referia, como um dos grandes pecados da informação produzida no País, o elitismo. Você que quer, somos um País de doutores...

Logo, logo a seguir, como se o telejornal se empenhasse em ilustrar a afirmação de Silva Costa, amanda com a reportagem dos endocrinologistas, no Porto. Parte imediatamente do princípio de que os quatro ou cinco milhões de portugueses televidentes comem endrocrinologias com a facilidade de quem avança no tremoço e no copo de três. Logo depois vem o depoimento do médico, a propósito de vários estudos verificados.

Conclusão: **encontramos alterações genéticas...**

Pfff!, claro, alterações genéticas. Fez bem **telejornal** em não fazer o mínimo esforço para dar a entender. Desnecessário. Todos haviam entendido. Alterações genéticas. Pois...

Ora eu tinha imensa pressa de chegar à «Força de Intervenção», mas antes havia de passar por «Gente Fina», numa história de César de Oliveira.

É conhecido do autor o seu poder de imaginação e de criação de tipos. É conhecida a sua facilidade em traçar as linhas de uma história.

Ontem, porém, deu-nos a sensação de ter andado um pouco à deriva, em busca dos pontos sólidos de apoio. Só se entende a intromissão do tio morto para justificar o trabalho de Varela Silva, aliás excelente e a provar em definitivo que a sua adaptação à TV está amplamente conseguida, ao contrário de Nicolau Breyner que parece a regredir, em termos de neo-comperismo.

Do mesmo modo, a invenção do Romanoff, para além de arrastar o episódio para situações de brincadeira de mau gosto em que Breyner gostosamente (claro!) colaborou, nada de específico carreou para o argumento. Tanto poderia ser um «czar», como um banqueiro, como um bispo, etc. Creio que para melhor servir Amélia Rey Colaço (louvavelmente, diga-se) não era preciso recorrer a tanta confusão e com recurso a formas de humor primário de que, aliás, César de Oliveira já se afastava.

Mas enfim. Chegara o grande momento ou, para usar a linguagem romanesca dos nossos avós, «chegara o momento tão ansiosamente esperado....» – **«A Força de Intervenção»**, tal qual.

Arregalei os olhos. Tomei notas. Gravei tudo na caixa dos pirolitos. Os mais ínfimos gestos. As ferramentagens. Os passos rápidos e silenciosos. A meia a fazer de barrete que logo desce, em máscara, sobre o rosto. A arma apontada, a voz imperativa, a intimidação em cada movimento. O vidro estraçalhado com uma pancada do martelo envolvido em trapo: a montra toda ao dispor das mãos ávidas. Ah, a volúpia com que a câmara lenta acaricia as jóias, aquela dança do colar de pérolas nas mãos da câmara lenta...

Foi uma rica experiência. Aprendi à brava. Aqui para nós, ando a pensar muito a sério em mudar de profissão. Isto de ser crítico de TV não dá. Façam as contas! Um assaltozito à Joalharia de bairro, um só, dá-me o equivalente a quinze anos de crítica. Depois disto, é mesmo assim, a gente admira-se como há ainda tanta gente que se resigna a ser honrada.

Agradeçamos à RTP o esforço que faz para abrir os olhos a tanta gente. Ainda há quem diga mal...

José Afonso
Coliseu
29 de Janeiro às 21 h. 30

A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA lembra aos condutores que a ultrapassagem é uma manobra perigosa, pois está ligada às reacções de 2 condutores: o que ultrapassa e o que é ultrapassado. Quando lhe solicitarem a ultrapassagem facilite-a desviando-se o mais possível para a direita e não acelerando.

TOP ROSS
ROSSIO, 85
7.º ANIVERSÁRIO

CAMISAS
Popeline c/m ~~545$~~ — 435$
Flanela c/m ~~495$~~ — 395$
Flanela c/m ~~450$~~ — 360$
Flanela c/m ~~425$~~ — 340$

CALÇAS
Sarja Terylene ~~1190$~~ — 950$

BLUSÕES
NYLON — ~~2190$~~ — 1750$

20% RESTANTES ARTIGOS
SAIAS-VESTIDOS-MALHAS-JEANS-ETC

TV MARCELO
Repara hoje em sua casa até as 24 horas todas as marcas com garantia.
Coloca ainda outro aparelho enquanto repara o seu.
Serviço permanente inc. sáb. e domingos.
Tel. 659118 - 659119 - 659110

Hoje

1 RTP

O dr. Jaime Gama é esta noite, o convidado do programa da RTP-1, Venha Tomar Café Connosco.

15.30 **Festa é Festa**
19.00 **«Galáctica»** – 14.º episódio. Intérpretes: Richard Hatch, Dirk Benedict, Lorne Greene, Ana Alicia e Paul Fix.
19.55 **O Tempo**
20.00 **Telejornal** – notícias do País e do estrangeiro.
20.20 **Semanário**
21.15 **«Dallas»**
22.10 **Venha Tomar Café Connosco** – convidado: dr. Jaime Gama.
23.00 **Última Sessão** – «Thriller», histórias de crime e mistério.

Gian Maria Volonté numa cena do filme «O Caso Mattei», que se exibe na RTP-2

2 RTP

15.02 **Troféu** – inclui a transmissão via Eurovisão do Torneio dos Mestres de Ténis.
21.30 **Cabra Cega** – «Caso Mattei». Intérpretes: Gian Maria Volonté, Luigi Squarzina Peter Baldwin, Renato Romana, Franco Graziosi. Realização: Francesco Rosi

Amanhã

1 RTP

09.30: 70 x 7; **10.00:** Eucaristia Dominical; **11.00:** Atletismo – Cross Internacional das Amendoeiras em Flor, transmissão directa; **12.30:** Tempo dos Mais Novos; **13.00** Sumário; **13.10:** TV Rural; **13.40:** Já Cá Canta; **18.30:** Vivá-música; **18.35:** «Fama»; **19.20:** Cartaz TV; **19.55:** O Tempo; **20.00:** Telejornal; **20.25:** «As Regras do Casamento»; **21.20:** Girabola – que inclui a transmissão directa do jogo **Braga** - Alcobaça a contar para a Taça de Portugal.

2 RTP

18.30: Ora Bem, **20.00:** Eurovisão – ténis, Torneio dos Mestres em Nova Iorque; **21.30:** Top/2, **22.30:** «A Lei de McLain»; **23.30:** Ténis – Torneio dos Mestres em Nova Iorque.

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1 RTP «Dallas» (21.15)

2 RTP «Caso Mattei» (21.30)

...e sugere para hoje...

1 RTP **21.15 – DALLAS**

Ray sugere a Donna que vá contar a Miss Ellie o que descobriu acerca de Jock, e JR vai tentar forçar Bobby a desistir das suas acções na Ewing Oil depois de ver os papéis de adopção de Cristopher.
Os problemas agravam-se entre Lucy e Mitch e Sue Ellen continua no centro das atenções de Cliff Barnes e JR.

RTP-2 **21.30 – Cabra Cega** «Caso Mattei»
Enrico Mattei foi o homem que teve um papel preponderante no desenvolvimento industrial de Itália no após guerra. Consciente das reais possibilidades do seu país e dos tesouros ignorados que o seu subsolo encerrava, Mattei consegue trazê-los à luz e colher deles os maiores frutos. Porém isto não lhe basta, quer fazer valer os direitos da Itália em todo o mundo, acabar com os monopólios. Admirado por uns, detestado por outros, Mattei acaba por perder a vida num acidente de aviação. As causas do acidente nunca foram devidamente apuradas, e uma dúvida subsiste: Mattei morreu num acidente ou num acto de sabotagem?

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

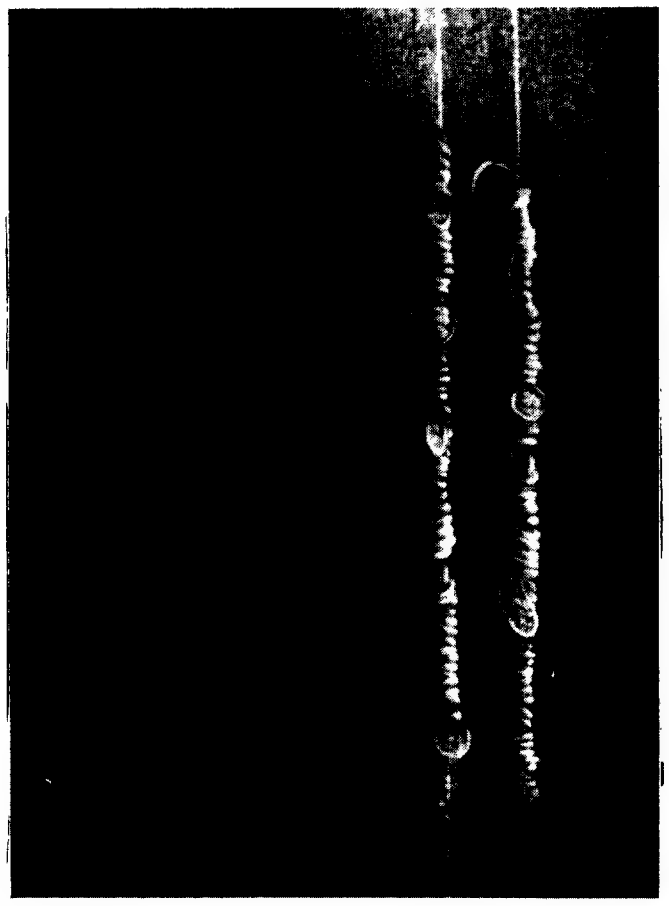
O grupo Pé de Vento, do Porto, estreia hoje um novo espectáculo: «História com Reis, Rainhas, Bobos, Bombeiros e Galinhas». Trata-se da história de um rei que, acometido de uma estranha doença, deixa de reinar. E reino sem reinação, é reino de reinação... O espectáculo tem texto de Manuel António Pina, cenário e figurinos de Maria Augusta Araújo, música de Jorge Paupério, interpretação de António Moreno, Jorge Paupério, Paula Seabra e realização de João Luís, sendo apresentado todos os fins-de-semana (sábados e domingos), pelas 16 horas, no local de trabalho do Pé de Vento, à Rua das Virtudes (junto ao Jardim da Cordoaria).

Ian Mckellen, um dos mais famosos intérpretes ingleses de Shakespeare, dará dois espectáculos nos próximos dias 24 e 25, pelas 19 horas, no pequeno teatro do British Council (R. Cecílio de Sousa, 65, ao Príncipe Real). De modo informal, sem cenário nem guarda-roupa, o artista irá recriar muitas das personagens de Shakespeare, ligando a sua representação com recordações pessoais e com excertos de comentários feitos por contemporâneos de Shakespeare.

Jornadas de divulgação da arte em Portugal

Esta iniciativa do Sindicato de Trabalhadores de Espectáculos prossegue hoje, às 21 horas, na Casa do Alentejo, com uma palestra colectiva dedicada a «Os Modernos» (Séculos XIX-XX), ilustrada com leitura de textos de peças nunca representadas e com a utilização de meios audiovisuais. A palestra terá a participação de Maria Helena de Freitas (música), Fernando de Azevedo (artes plásticas), Luís Francisco Rebello (teatro) e Tomás Ribas (bailado).

Amanhã, o dia será dedicado ao «Barroco»: às 18 horas, exibem-se o Quarteto de Cordas «Rossini» e as Marionetas de S. Lourenço e o Diabo; às 21 horas, haverá uma palestra colectiva com a participação de Natália Correia (poesia), Filipe de Sousa (música), Luís Miguel Cintra (teatro) e Vítor Serrão (artes plásticas). A conferência será ilustrada com a participação da Cornucópia em cenas de



«Da bandeira...», uma das obras de Pedro Saraiva expostas na Galeria Nova, de Torres Vedras

«O Labirinto de Creta», de António José da Silva (O Judeu), Eunice Muñoz (na leitura de poemas) e Fernando Serafim e Dulce Cabrita na interpretação de canções, acompanhadas ao piano por Filipe de Sousa.

Passeios

Amanhã, às 10 horas, na continuação do ciclo dedicado à XVII Exposição Europeia sobre os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento, o Centro Nacional de Cultura leva a efeito mais um dos seus habituais passeios de domingo, desta vez ao Museu Nacional de Arte Antiga (encontro no Museu).

Exposições

A Galeria Nova, de Torres Vedras, reabre hoje para uma exposição individual de Pedro Saraiva, que estará patente até final do mês. Instalada no antigo Convento da Graça, em espaço cedido pela Câmara Municipal, e sendo propriedade da Cooperativa de Comunicação e Cultura de Torres Vedras, esta galeria procura funcionar como centro dinamizador, tendo em vista a criação de um ambiente cultural que, apesar dos laços que inevitavelmente a unem a Lisboa, seja fundada sobre uma realidade própria e capaz de promover a formação de um público diferente.

O conhecido fotógrafo português Nuno Calvet apresenta na Gulbenkian a sua exposição de 60 fotografuas a que deu o título de «Além-Terra».

O projecto «Valparaíso», do arquitecto chileno Rodrigo Perez de Arce, recentemente apresentado na Architectural Association em Londres, vai estar exposto de 24 a 30 de Janeiro no departamento de Arquitectura da ESBAL, ao Largo da Academia de Belas--Artes, em Lisboa. Perez de Arce deslocar-se-á a Lisboa propositadamente para apresentação da exposição, aproveitando para proferir algumas palestras e ter encontros com estudantes e professores de arquitectura portugueses, abordando temas que têm sido objecto da sua pesquisa e o tornaram famosos na Europa, nomeadamente os referentes ao problema da continuidade da textura urbana e a «construção» (transformação) da cidade no tempo.

ADELAIDE TRINDADE
GODINHO MENDES

MISSA DE UM ANO DE ETERNA SAUDADE

Seu marido e família participam a todas as pessoas das suas relações e amizade que no dia 24, segunda-feira, pelas 18 horas, será celebrada uma missa por sua alma na Basílica da Estrela.

STAR TURISMO VIAGENS

UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO

Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 186
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	67$75	73$75
ALEMANHA FED (marco)	37$10	38$20
AUSTRIA (xelim)	5$15	5$35
BELGICA (franco)	1$719	1$919
BRASIL (cruzeiro)	$143	$293
CANADA (dolar - notas de 1 e 2)	72$80	74$80
(notas de 5 a 1000)	73$30	75$30
DINAMARCA (coroa)	10$50	10$90
ESPANHA (peseta)	$666	$786
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	89$45	91$45
(notas de 5 a 1000)	89$95	91$95
FINLANDIA (marka)	16$75	17$35
FRANÇA (franco)	13$05	13$75
HOLANDA (florim)	33$70	34$70
INGLATERRA (libra)	141$00	145$00
IRLANDA (libra)	123$80	127$80
ITALIA (lira)	$059	$069
JAPAO (iene)	$346	$381
NORUEGA (coroa)	12$65	13$15
SUECIA (coroa)	12$15	12$75
SUIÇA (franco)	45$25	46$35
VENEZUELA (bolivar)	16$85	17$85

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotaçoes devem ser consideradas a titulo meramente informativo.
2. – Todas as operaçoes de venda estao sujeitas ao imposto de 3 por mil

rádio

ANTENA UM

17.00: Informativo de trânsito – «Turma da um» (infantil) – – «Livros e gente»; **19.00:** Mosaico; **20.00:** Teatro radiofónico: «O indiferente, original de Jean Cocteau; **21.00:** «Livre e directo»; **23.00:** Títulos do jornal da Meia-Noite (RDP/Norte). Noticiários intercalares às **16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00** horas.

PROGRAMA 2

15.57: Stabat Mater, de Pergolesi; **16.45:** Solos de guitarra, por Narciso Yepes; **17.00:** Intercâmbio musical – o festival da Flandres de 1981. Em gravações cedidas pela BRT, Radiodifusão-Televisão Belga; **18.20:** Canções espanholas; **18.45:** Música de câmara; **20.10:** Solos de piano – Três Minuetes do Livro de Ana Madalena Bach, de Bach – Momentos Musicais op. 94, n.º 1 e 2, de Shubert – Quadros de uma Exposição, de Mussorgsky; **21.00:** Efeméride – Rose Ponselle, soprano americano, nasceu em Merifen, Connecticutt, a 22 de Janeiro de 1897; **21.15:** Música de Bailado – 2.º Acto de «Romeu e Julieta», de Prokofieff; **21.55:** Intérpretes portugueses – Obras do Barroco Italiano– O Trilo do Diabo, de Tartini – Chaconne, de Vitali; **22.00:** A Cantata de Bach BWV 42; **22.40:** Efeméride – A 22 de Janeiro de 1916 nasceu em Angers o compositor Henri Dutilleux – 2.ª Sinfonia «Le Double»; **23.15:** Intercâmbio musical – O festival de Salzburgo de 1982. Em gravações cedidas pela ORF. Radiodifusão Austriaca; **01.00:** Fecho Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
(283, 290 e 397 m)

14.00: Fim-de-semana alucinante; **20.00:** Quando o telefone toca; **21.30:** Tempo de desporto; **23.00:** 24.ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-ESTÉREO
(97,4 MHz)

15.00: Dançatlântico; **18.00:** Country music – música da América; **19.00:** Blues index; **200:** Baile mandado. Noticiários de hora a hora.

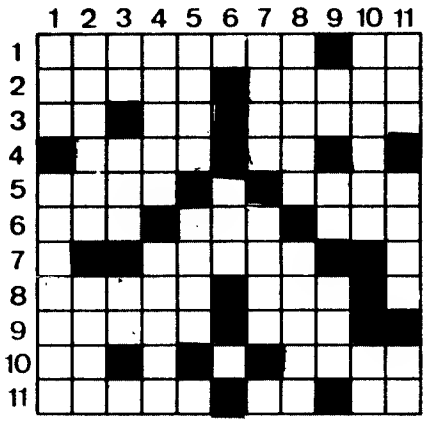
RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Sinfonia fim de semana; **17.00:** Cantigas à portuguesa; **18.00:** Magazine Regional. **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Saltitão (espaço infantil); **20.00:** Horizonte; **21.00:** Hora de música; **22.00:** Porto especial fim de semana (inclui «Portugal Experiência Histórica»); **23.55:** Meditando. Noticiários intercalares todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 495 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13633



HORIZONTAIS:

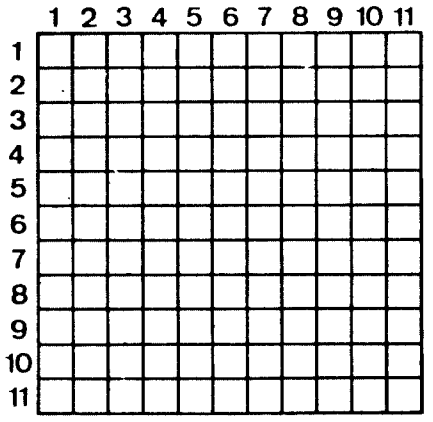
1 Cabelo raro e curto (pl.). Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor).
2 História. Rebolei.
3 Nome de letra. Artigo definido. Freguesia do concelho de Guimarães.
4 Irmão. Solitário.
5 Madeiro grosso para construções. Artigo definido. Raera.
6 Artilharia antiaérea. Costume. Ente.
7 Variedade de quartzo que apresenta lindas faixas coloridas.
8 Esculca. Antiga capital da Birmânia.
9 Derribar (fig.). Curso de água natural e abundante (inv.).
10 Érbio (s.q.). Nome de mulher
11 Grande sala. Aqui. Alumínio (s.q.).

VERTICAIS:

1 Executa. Cartas de jogar.
2 Astenia. Cura.
3 Batráquio. Nome de letra. Plural.
4 Espécie de forragem. Gemera.
5 Pronome demonstrativo. Apertar molhos.
6 Sufixo que designa abundância. Artigo definido.
7 Lavras. Imperador romano.
8 Irmã. Previne.
9 O lado do vento. Pertences. Arara.
10 Professor. Batráquio.
11 Esteiro. Apre! Alumínio (s.q.).

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9493



HORIZONTAIS:

1 Folha de videira. Taberna.
2 Caiam com estrondo. Prendeis com elos.
3 Érbio (s.q.). Cidade da Argentina. Abreviatura de Santíssimo.
4 Cidade de Portugal. Artigo definido. Cento e um em romano.
5 Agora. Gálio (s.q.). Irmãos dos pais.
6 Nome de homem. Letra grega.
7 Velhacas.
8 Metes em atoleiro. Ruim.
9 Parreira. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
10 Miadela. Prefixo que designa ar.
11 Restos mortais. Vala.

VERTICAIS:

1 Negro. Cada um dos cânticos da Bíblia.
2 Madrugada. Pronome demonstrativo.
3 Zomba. Pescadas jovens.
4 Medida antiga, correspondente ao alqueire.
5 Angustiado.
6 Freguesia do concelho de Guimarães.
7 Órgão mamário. Pequena ilha francesa fortificada do Mediterrâneo.
8 Espalhado.
9 Sadia. Uma das Cíclades. Fúteis.
10 Pó de carvão. Fontes (fig.).
11 Cidade de Itália. Viatura.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13632

HORIZONTAIS:

1 Acama. Laças.
2 Toca. A. Sari.
3 Aramá. MORTE.
4 Tal.
5 Fará. Sala.
6 Cor. Mac. Ari.
7 Ri. Porás. Ag.
8 A. Vãs. Rãs.
9 Sair. Boca.
10 TODOS Renal
11 Osa. Amorosa.

VERTICAIS:

1 Atar. Crasto.
2 Cor. Foi. Aos.
3 Acatar. Vida.
4 Mamar. Paro.
5 Álamos. Sa.
6 Ar.
7 Mascar. Ro.
8 Aso. Saber.
9 Carola. Sono.
10 Art. Ará. Cãs.
11 Sies. IGUALA.

Proverbio: A morte a todos iguala.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9492

HORIZONTAIS:

1 Rã. Corda. Sr.
2 Acuar. Olaia.
3 Passa. Maçar.
4 Abati. Avaro.
5 Ras. Mat.
6 Gás. Mel.
7 Arm. Com. Mês.
8 Ri. Ai. Ac. Só.
9 Otite. Gaita.
10 Lama. Rombos.
11 Arais. Aios.

VERTICAIS:

1 Rapaz. Arola.
2 Acab. Gritar.
3 Usaram. Imã.
4 Castas. Atai.
5 Orais. Cie.
6 Bo.
7 Domam. Mágoa.
8 Alavam. Cami.
9 Acatem. Ibo.
10 Siar. Lestos.
11 Raros Soas

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
– N. ac. men. 13 a.
007 E O HOMEM DA PISTOLA DOURADA

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
NOITES ESCALDANTES
– N. ac. men. 18 a.

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. m/13 anos
O ESCORPIÃO DE SHAOLIN

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
6.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a.
A LICEAL SEDUZ O PROFESSOR
3.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
6.ª semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
PAPUÇA E DENTUÇA
Falado em português
7.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho
às 15, 17, 19, 21.30
N. acons. men. 13 anos
THE ROLLING STONES
ÀS 24.00
PERIGO REACÇÃO CADEIA

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 24.00
REGRESSO DOS HERÓIS

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
ÁVIDAS DE SEXO
Às 24.00
O MAFIOSO REBELDE

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
VEIO DO OUTRO MUNDO
12.ª Semana
Às 24.00
ESPELHO QUEBRADO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.00, 16.30, 21.30
Não acons. men. 13 anos
UMA VIDA NA ESCURIDÃO
Amanhã às 11.00
ALADINA E LÂMPADA MARAVILHOSA

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14.00 – 16.30 – 19.00 – 21.30
N. acon. m. 13 anos
OLHO POR OLHO

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m/13 anos
A FORÇA DO DESTINO
Às 24.00
OS SETE MAGNÍFICOS LUTADORES

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. m/18 anos
ESCÂNDALOS NOCTURNOS

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
Int. m/18 anos
CONTRA ATAQUE
às 24.00
VEJO TUDO NU

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
ASSIM NASCE UM HERÓI
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
FITZCARRALDO

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
A ÚLTIMA PERSEGUIÇÃO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 14.15, 16.30 e 19.15
N. ac. men. 18 anos
Às 21.30
BRIGADA ANTIGANGSTER
Às 24.00
ZOMBI HOLOCAUSTO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A TEMPESTADE
c/ John Cassavetes, Gena Rowlands e Vittorio Gassman

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.00, 16.15, 18.30 e 21.30
N. acons. m/13 anos
EFFI BRIEST
Às 24.00
OS VAGABUNDOS DE NOVA IORQUE

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

às 15.15, 18.15 e 21.30
A LUTA PELA LIBERDADE

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19, e 21.30
OLHO POR OLHO
N. Acons. men. 18 anos

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 22 h.
N. ac. m. 13 anos
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO
Às 00.45
OUTRO LADO DA MEIA-NOITE

SALA 2
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30 h.
Int. m. 13 anos
DIVA
Às 00.45
MADRE JOANA DOS ANJOS

SALA 3

Às 14, 17.30 e 21.30
Maiores de 18 anos
ANDREI RUBLIOV

SALA 4
às 14, 16, 18, 20 e 22 h
N. ac. m. 18 anos
A SAUDADE DE VERONICA VOSS
às 00.45
OS DOIS INDOMÁVEIS

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
THE ROLLING STONES

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
JOVENS, BELAS E PROVAVELMENTE RICAS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a
NA CALADA DA NOITE
c/ Merye Streep
2.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
– N. ac. men. 13 a.
BAIRRO DA LATA
c/ Nick Nolte
2.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 16.15, 19 e 21.45
– N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO
13.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE
6.ª semana
Às 24.00
UM LANCE NO ESCURO

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 23.30
– Int. men. 13 a.
NA CALADA DA NOITE
Domingo, às 11.15, para todos
Os 12 TRABALHOS DE ASTERIX

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 15, 18.15 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
ÀS 00.00
NUNCA FORAM VENCIDOS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21 30 e 23.30
– N. ac. men. 13 a.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
A FELINA
2.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O PRÍNCIPE DA CIDADE
2.ª semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21 30
– Int. men. 18 a
NOITE FATAL
Às 23.45
O HOMEM QUE VEIO DO ESPAÇO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 – «A Felina», às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL – «E. T. o Extraterrestre», às 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «Assim Nasce um Herói», às 21.30 (18 anos)
OLIMPIA – «O Desejo das Ingenuas», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO – «O Ás dos Ases», 21.30 (13 anos)
CAPITÓLIO – «Cine Sexo» 21.00 e 23.00 (18 anos)
ZODÍACO – «Sofrimento de Amor», às 21.30 (13 anos)
2000 – «Veio do Outro Mundo», 21.30 (18 anos)
ROYAL – «O Santo em Acção», 21.30 (13 anos)
PROMOTORA – «Febre de Primavera», 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «As Portas do Céu», 21.30 (13 anos)
PAREDE – Royal Cine – «O Dragão do Lago do Fogo», 21.30 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Na Pista da Pantera», 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Orfão», 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Mestre Escola», 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «A Coragem de um Homem», 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

DAMAIA – D. João V – «Chamavam-lhe génio», 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Plaza – «O Bombardeiro», 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – 1Noites Escaldantes», 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «Loucos ao Volante», 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cinestúdio Flores – «O Caçador», 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «Guerreiros de Aço», 21.30 (13 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «E Tudo o Vento Levou», 21.30 (13 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «Perseguição Selvagem», 21.15 (18 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Poltergeist», 21.45 (18 anos)
ALMADA – Cine-Almada – «A Tragédia de Um HOmem Ridículo», 21.15 (13. anos)
ALMADA – Incrível – «Os Homens Preferem as Gordas», 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «Teerão 43», 21.15 (13 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Jazz Singer», 21.15(13 anos)

Porto

OLIMPIA – «Vamos a Isto que é Festa», 21.30 (18 anos)
TERÇO – «Intriga em Família», 21.30 (13 anos)
FOCO – «Depois do Amor», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Bobby», 21.30 (13 anos)
COLISEU – «Superstição», às 21.30 (18 anos)
RAIONE – «O Campeão», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «O Círculo dos Campeões», às 21.30 (13 anos)
BATALHA – «Fúria de Vencer», às 21.45 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Kung Fu em Explosão», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Doido por Ela», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE – «Noites Escaldantes», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE – «Annie», às 21.45 (todos)
LUMIÈRE-A – «Os Homens que Eu Amei», às 21.30 (13 anos)
ÁGUIA – «O Instrutor do Kung-Fu», às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «E. T., o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
CHARLOT – «Fitzcarraldo», às 21.30 (13 anos)
SÁ DA BANDEIRA – «A Filha de Elisabete», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO – «E. T., o Extraterrestre», às 21.30 (6 anos)
PEDRO CEM – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

AJUDA – Lídia Almeida – Cç. da Ajuda 170 Tel. 637318; **ALVALADE – Certaxo** – Av. da Igreja 21 C Tel. 897958; **AVENIDAS – Valle** – Av. Marquês de Tomar 47 Tel. 773043; BENFICA-IGREJA – Marques – Est. de Benfica 648 Tel. 700046; **CAMPO SANTANA -M. MONIZ – Silmar** – Rua de São Lázaro 128 Tel. 542829; **CAMPOLIDE – Pátria** – Cç. dos Mestres 30 A Tel. 680627; **PALÁCIO DE S. BENTO – Micael** – Rua São Bento 380-382 Tel. 661003; **PAMPULHA – Infante Santo** – Rua do Olival 290 Tel. 661003; **PENHA DE FRANÇA – Central da Penha** – Rua da Penha de França 58-60 Tel. 849245; **VALE FORMOSO-POÇO BISPO – Barros Gouveia** – Rua Vale Formoso Cima 79 Tel. 382180; **ALGÉS – Almeida Nifo** – Av. Comb. Grande Guerra 64 Tel. 2112070; **BRANDOA – Taveres de Matos** – Rua 8 Lote 308 Tel. 993220; **ODIVELAS-PATAMEIRAS – Amaral** – Rua Antero Quental 8-8 A Tel. 925455; **PAMPULHA – Hospital da Cuf** – T. do Sacramento Tel. 6091111.

AMANHÃ PERMANENTE

ALCÂNTARA – Proibidade – Rua de Alcântara 15 AB Tel. 638589; **ARCO CEGO-CEGO do Jorge** – Lg. do Leão 3 tel. 534027; **AREEIRO-APEADEIRO – Nova Lisboa** – Rua Guilhermina Suggia 12 Tel. 887721; **ESTRELA – Aurélio** – Cç. da Estrela 139 Tel. 661758; **GRAÇA – Almeida Dias** – Lg da Graça 38-39 Tel. 862909; **LARGO DO CAMPO PEQUENO – Miranda** – Lg. Campo Pequeno 36 BC Tel. 770776; **LUMIAR – Central do Lumiar** – Al. Linhas Torres 254 B Tel. 798063; **OLIVAIS VELHO – Olivais 6** Rua Alves Gouveia 19 Tel. 311237; **PALHAVÃ – Curie** – Av. Madame Curie 15-A Tel. 778439; **SÃO JOSÉ-TIVOLI – FERNANDES** – Rua São José 187 Tel. 326476; **ALGÉS – Dias e Saraiva** – Rua Maior Afonso Pala 19 Tel. 2114487; **ODIVELAS – Cruz Correia** – Est. St. Eloi 41 A Tel. 992453; **REBOLEIRA SUL-AMADORA – Solla** – Loja D – Lote 65 Tel. –

teatros

Lisboa

A BARRACA – «Um Dia na Capital do Império», 21.30 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «Oiçam Como Eu Respiro», 21.30 (18 anos)
IBÉRICO – «O Sonho do Amor e do Império», 15.00 21.30 (13 anos)
MONUMENTAL – «As Taradas», 21.30 (13 anos)
BAIRRO ALTO – «Oratória», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Sem Rei nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
COMUNA – 21.45 «A Castro» (13 anos
VARIEDADES – «Há Mas São Verdes», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA MATOS – «O Meu Rapaz é Rapariga», às 21.45 (18 anos)
ABC – «É Sempre a Aviar!», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

Linha de Cascais

CAXIAS – Nova – R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839) Permanente; **CARCAVELOS – Central** – R. 5 de Outubro, 25 (Tel. 2470037) Permanente; **OEIRAS – Alcântara Guerreiro** – P. Residencial Dr. Augusto Castro, Lote 10 (Tel. 2430691) Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS – Leal** – Quinta das Palmeiras, Lote 24 r/c (Tel. 2478737); **PAREDE – Macau** – R. J. Elias Garcia, 42 (Tel. 2471785) Permanente; **AMOREIRA – Abrantes** – Viv. Maria – Carlos Anj. (Tel. 2682313) Até às 22 horas; **CASCAIS – Misericórdia** – R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141) Permanente

Outra banda

ALMADA – Algarve – R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 2750271) Permanente; **COVA DA PIEDADE – Louro** – R. Alexandre Herculano, 6-B (Tel. 2763517) Até às 22 horas; **LARANJEIRO – Moderna** – R. Dr. António Elvas, 8-A (Tel. 2290305) Até às 22 horas; **COSTA DA CAPARICA – Carlos** – Av. do Mar, 34-A Quinta de St.º António (Tel. 2401060) Até às 19 horas; **SEIXIMBRA – Leão** – Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471); **BARREIRO – Avenida** – Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212) Permanente; **SEIXAL – Alves Velho** – L. Camões, 27 – Torre da Marinha (Tel. 2211131) Até às 22 horas; **MONTIJO – Diogo** – R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032); **MOITA – União Moitense** – Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025); **ALHOS VEDROS – Gusmão** – R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020); **ALCOCHETE – Gameiro** – L. António Santos Jorge, 15 (Tel. 234100); **SETÚBAL – Tavares da Silva** – R. das Gaivotas – Permanente; **Salão** – Av. Portela, 55 – Até às 22 horas

Linha de Sintra

AMADORA – Flama – R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485) Permanente; **QUELUZ – Queluz** – Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841) Até às 22 horas; **CAMARATE – Mendonça** – Apelação Até às 19 horas; **CACEM – Garcia** – Av. dos Missionários, 2 (Tel. 9242181) Permanente; **ALGUEIRÃO – Rodrigues Rato** – R. dos Morés, 1 (Tel. 9212038) Permanente; **MERCÊS – Claro Russo** – R. Abade Faria, 2-A (Tel. 9215275) Até às 22 horas; **RINCHOA – Cargaleiro Lourenço** – Até às 22 horas; **SINTRA – Colaree** – Abreja (Tel. 9290088); **S. PEDRO DE SINTRA – Valentim** – (Tel. 980456) Permanente

SACAVÉM – Cortes – Av. M.ª Luisa Braamcamp, 2-A (Tel. 2519420) Permanente

Porto

VITÁLIA – Praça da Liberdade, 34. **CONFIANÇA** – R. Santa Catarina, 960; **NAU VITÓRIA** – R. de Nau Vitória, 23 (ao Semide). **MENEZES DE LIMA** – Praça dr. Teotonio Pereira, 227; **COSTA LIMA** – Avenida da Boavista, 855.

Coimbra

UNIVERSAL – Praça 8 de Maio, 25.

DL

PORTE PAGO

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 366740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Camilo, 156-1.º – 1600 LISBOA
Telefones: 854631/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 390228

Endereço telegráfico: DIBOA
Telex 18333 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto:
Rua [illegible] – 4000 PORTO
Telefones: [illegible]

O TEMPO

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
8.15	3,5 m	1.45	1,7 m
20.53	3,4 m	14.24	1,7 m
DIA 23			
9.25	3,4 m	2.56	1,8 m
22.11	3,4 m	15.36	1,7 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	1º
BRAGANÇA	2º
VILA REAL	-1º
PORTO	6º
PENHAS DOURADAS	1º
COIMBRA	10º
C. CARVOEIRO	7º
PORTALEGRE	6º
LISBOA	6º
ÉVORA	4º
BEJA	5º
SAGRES	15º
FARO	11º
P. DELGADA	16º
FUNCHAL	13º

últimas

ESCLARECIDA A MORTE DO JOVEM Bernardino Manuel dos Santos Pacheco, morador na Rua do Pego Negro, em Campanhã, que faria 21 anos dentro de um mês: suicidou-se para não ser incorporado no serviço militar. O corpo foi descoberto no lugar das Carvalheiras, Rio Tinto, a poucas centenas de metros da sua casa. O jovem Bernardino já havia dito que para a tropa «só se o levassem morto». Segundo algumas pessoas, que descobriram uma garrafa com veneno de escaravelho ao lado do corpo, estava escrita no chão esta frase: «Morto por conta do Estado». O Bernardino Manuel, electricista de sua profissão, devia ter-se apresentado no quartel de Lamego na passada terça-feira. Segundo a família, desde muito novo que ele repudiava a ideia de vestir uma farda e pegar em armas.

JOSÉ FONTES FERREIRA faleceu ontem em Lisboa com 80 anos, indo amanhã à tarde a sepultar para o Cemitério do Lumiar. O corpo sairá às 15 e 30 da Igreja de Santa Catarina.

Antigo trabalhador da Renascença Gráfica/«Diário de Lisboa», José Fontes Ferreira, que deixa dois filhos, entrara para esta casa em Outubro de 1921. Chegou a ser chefe da rotativa do «DL».

CIENTISTAS DA UNIVERSIDADE DE CHICAGO iniciaram a construção de um microscópio que aumenta o tamanho dos objectos 150 milhões de vezes. A capacidade de ampliação deste microscópio servirá para emprestar a um vulgar balão de crianças, as dimensões do planeta Terra, disse Albert Creme, professor do Departamento de Física e Biofísica do Instituto Enrico Fermi, de Chicago. O microscópio, que será completado dentro de três anos, permitirá aos cientistas aprofundar o estudo do átomo e ver as partículas mais pequenas no seu meio natural. Cinco vezes mais potente dos que existem, o microscópio, construído por Albert Creme, permitirá observar, pela primeira vez, os átomos em separado.

Eanes ultimou hoje em Belém os vectores da sua decisão

Continuação da pág 1

que nem os seus mais directos colaboradores venceram. E foram tão numerosos e diversificados os cenários políticos criados ao longo dos dias pelo acumular de dados e acontecimentos que não custa a acreditar que o Presidente da República, ainda que eventualmente inclinado desde há uns dias para a dissolução só tenha tomado a sua decisão final no último minuto.

A forma como decorreu o Conselho de Estado terá decepcionado o Presidente. Não pelo resultado da votação, de resto nao vinculativa, mas principalmente porque uma parte dos conselheiros nada mais fez do que transportar para aquele órgão a estratégia dos partidos que representam. A dignidade do Conselho de Estado foi afectada logo à nascença. Ficou provada a enorme dificuldade da classe política em sair da órbita partidária mesmoquando estão em causa os grandes problemas de âmbito nacional. Ficou provado também que o Conselho de Estado saído da revisão constitucional era o Conselho de Estado da AD, e pela sua composição funciona como um reflector ao mais alto nível institucional das posições dos respectivos partidos.

Eanes não terá ficado a saber nada de novo além daquilo que já sabia, a não ser que Pinto Balsemão – que expressamente o declarou na altura – não aceitaria ficar como Primeiro-Ministro de um Governo de gestão caso o Presidente da República dissolvesse a Assembleia. Mas também não foi surpresa a posição do «leader» do PSD, como igualmente não surpreendeu ninguém a posição ontem assumida pela comissão permanente deste partido ao anunciar que os sociais-democratas devem retirar-se do Governo caso o Presidente opte pela dissolução. Trata-se de mais um dado novo e esta posição deve ser ratificada pela Comissão Política Nacional e pelo Conselho Nacional.

É toda uma estratégia de apego ao poder que visa criar factos políticos e situações que limitem ao mínimo o campo de manobra do Presidente da República e se possível transfiram a resolução da crise para o âmbito da AD como uma espécie de negócio em família. Ao Presidente restariam meras formalidades constitucionais e a solenidade dos actos.

É significativo como, depois de um lamentável espectáculo de quase duas semanas, em que até houve «ultimatos» (a terminar em consenso), a AD se uniu rapidamente quando viu que o perigo de ser afastada do Poder era real.

Este novo posicionamento do PSD é mais um dado para a difícil síntese que o Presidente da República terá que fazer entre hoje e amanhã.

A eventualidade do actual Governo permanecer em funções era um cenário possível na hipótese de dissolução da Assembleia da República, contestada por uma parte da oposição mas aceite pelos socialistas.

Face à decisão dos sociais-democratas de se retirarem do Governo, Eanes teria então que nomear Joaõ Salgueiro, como Primeiro-Ministro ou indicar ele próprio um Primeiro-Ministro. O nome de Vítor Alves tem sido frequentemente aventado, embora se saiba que, com a insólita campanha feita pelas forças de direita contra os militares em geral e os militares de Abril em especial, esta solução podia não ser bem entendida em certos meios internacionais, uma componente a ter também em conta.

Um Governo nestas condições terá que submeter um programa à Assembleia da República, o qual dificilmente passaria. Neste caso o Presidente era então obrigado a dissolver a Assembleia e convocar novas eleições mas o Governo permaneceria em funções até lá.

Augusto Vilela

Codeco já tinha feito a escolha

"O Diário" recusa publicar documentos roubados ao MAI

A direcção do jornal «o diário» considerou «uma provocação» o anúncio de ex-elementos dos denominados Codeco de que decidiram enviar para aquele matutino os documentos do Ministério da Administração Interna alegadamente em sua posse.

O director de «o diário», jornalista Miguel Urbano Rodrigues, disse à ANOP ter dado instruções na portaria do jornal no sentido de rejeitar qualquer entrega dos referidos documentos.

«O 'o diário' não é receptáculo de documentos roubados», salientou.

Ex-elementos dos denominados Codeco (Comando Operacionais de Defesa da Civilização Ocidental), tinham anunciado ter decidido divulgar os «documentos do Ministério da Administração Interna» alegadamente em sia posse.

Os documentos foram furtados no dia 7, em Cascais, do carro de Maria Manuela Romão, chefe de gabinete do ministro da Administração Interna, acção que os Codeco reivindicaram.

Em comunicado recebido ontem na ANOP, os ex-Codeco afirmaram que «reunidos todos os elementos operacionais» decidiram que aqueles documentos fossem entregues ao jornal «o diário», para os publicar, decisão tomada porque aquele jornal «não se encontra dominado pela AD e as forças da burguesia».

O comunicado afirma que «por termos sido enganados pela AD, vários elementos dos Codeco encontram-se totalmente desligados da Aliança Democrática e seus partidos» e acentua que «continuamos por todas as maneiras a lutar até à eliminação da AD, assim como dos partidos que a integram».

Os ex-Codeco pretendem que o Governo nomeie para a RTP «uma direcção com o um deputado de cada partido com assento na Assembleia da República».

Nada «top secret» – diz chefe no MAI

«Nada de 'top secret' entre os documentos da pasta roubada, segundo declarações da chefe de gabinete de Ângelo Correia, hoje publicadas pelo 'Expresso».

«Não recebi treino no sentido de saber verificar se ando ou não a ser seguida» – disse ainda Maria Manuela Romão, mulher de Sousa Brito, ex-secretário de Estado da Comunicação Social.

A chefe de Gabinete entende que se está a dramatizar o incidente dando à documentação «uma importância que ela não tem».

Lutam contra Angola e Moçambique

Embaixador sul-africano elogia "tropa" portuguesa

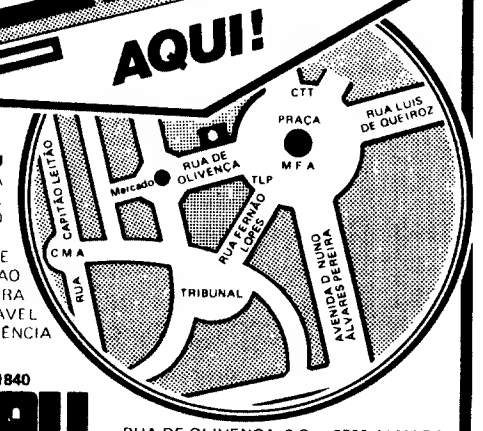
O novo embaixador sul-africano em Lisboa elogiou os «numerosos jovens» portugueses, que no exército sul-africano lutam «em defesa dos povos da África do Sul e do sodieste africano», território ocupado pelo seu país.

Os nomes de alguns desses elementos, da «grande e nobre comunidade portuguesa», mortos no combate «contra os agentes terroristas empenhados em impor a ditadura do comunismo na África Austral» figuram mesmo no «monumento em honra dos mortos da força de defesa sul-africana em Pretória» – acrescentou o embaixador em mensagem de saudação ao povo português.

O embaixador do regime sul-africano de «apartheid», Willem Pretorius, que esta semana entregou as cartas credenciais ao Presidente da República, general Ramalho Eanes, fez ainda referência aos «três séculos de convivência histórica e de cooperação amistosa» entre a África do Sul e Portugal.

Na Africa do Sul vivem cerca de 600 mil portugueses, comunidade de «gente honrada, dinâmica e empreendedora que se distingué em todos os domínios da actividade humana, contribuindo assim, em larga escala, para o desenvolvimento económico, cultural e social» – refere Willem Pretorius.

LONDRES
Férias ou negócios
VOOS TAP AIR PORTUGAL
Especialmente fretados
Partidas todos os domingos e 5.as-feiras
Preços excepcionais desde
16.800$00
Peça-nos programa detalhado
ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA abreu fundada em 1840
LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341
LISBOA - Av. de Roma, 66-B - Tel. 803609
PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921
COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6
FUNCHAL - Rua Gorgulho, 1 - Tel. 31077/8
UMA EMPRESA PRIVADA DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

Para viajar... não precisa atravessar o rio
abreu
agora também em
ALMADA
AQUI!


A AGÊNCIA ABREU PENSA EM SI NA SUA COMODIDADE E QUER SERVI-LO MELHOR NO CORAÇÃO DE ALMADA, JUNTO AO MERCADO ESPERAMOS A SUA AMAVEL VISITA E PREFERÊNCIA
DESDE 1840 abreu
RUA DE OLIVENÇA, 9 C 2800 ALMADA
TELEFONES. 2755756/2756272/2750136

Diário de Lisboa

Sete Ponto Sete

VÁLIDO ATÉ À PRÓXIMA SEXTA-FEIRA

SÁBADO 29 DE JANEIRO DE 1983

Desempregados num banco do Terreiro do Paço – Foto de Benoliel, publicada na «Ilustração Portuguesa» de 16 de Dezembro de 1907 e agora recuperada no álbum «Retrato da Lisboa Popular, 1900», de António Barreto e Maria Filomena Mónica

Imagens de Lisboa

Pág. 7

Nacionalismos armados na Europa "ocidental"

TÊM razão cedo de mais, ou erram teimosamente e demasiado tarde? Os independentistas armados da Europa Ocidental usam facilmente uma linguagem marxizante, projectam-se como futuros homens de Estado — desses Estados que, de momento, são sobretudo uma aposta linguística e militar, ou apenas militar — e têm menos fé numa eventual vitória castrense do que nos êxitos da usura psicológica.

Eles não destruirão o exército britânico, espanhol, francês.

Mas esperam que a opinião pública medite, tarde ou cedo, sobre se vale a pena continuar a pagar em mortos, e na perpetuação da «guerra suja», a sujeição do Ulster, de Euzkadi, da Córsega.

Pág. 4

"A Felina" de Paul Schrader

Schrader é um moralista? Não, Schrader é talvez o único cineasta americano da actualidade cujo referente subterrâneo é um universo moralista mas cujas emanações são exactamente o seu contrário: o pecado, a transgressão.

O pecado, é claro, é predominantemente o sexo, que nos filmes de Schrader é repulsivamente fascinante ou fascinantemente repulsivo. O pecado é o inferno: Há os que nele caiem (a jovem prostituta de **Taxi Driver**, a rapariguinha em fuga de **Hardcore** os operários assaltantes de **Blue Collar,** o gigolo de **American Gigolo,** a Nastassia Kinski deste **A Felina)** e os que os tentam salvar. À vezes conseguem, outras não. Em **A Felina** não é bem assim.

Porque o que é fabuloso neste filme é o que o instinto sexual está em indissolúvel ligação com a morte. Quem goza mata e mata, em primeiro lugar, o companheiro de prazer. Só matando se regressa à normalidade, isto é à ânsia de um novo êxtase, de uma nova prova de sangue. Ou seja, para isto não há salvação.

Schrader como que presentifica o cúmulo da punição do prazer e, simultaneamente, a transgressão e o risco do orgasmo. O erotismo é literalmente devorador. Dentro do corpo se esconde um monstro que é a pele dos humanos quando se aproximam dos deuses e arrasam as proibições. Nenhuma imprecação puritna definiria melhor o que é o proibido e quais as maldições que caem sobre quem ousar transpô-lo.

Malcolm McDowell, à espera, na noite de «A Felina» de Schrader

Schrader, vertiginosamente, transpõe-o. E é por isso que Nastassia Kinski nunca é tão desejável como quando já sabe (e nós sbemos) a alma que alberga em si (quando deixa de ser virginal e bela e passa a perversa e fatal). E é por isso que neste filme o medo, o horror, são sempre uma fascinação incontrolada. Não tememos ser vítimas, tememos da volúpia de sermos habitantes daquelas noites de fúria e sangue.

Mas há pior/melhor (neste filme os degraus que sobem e descem são indistintos): o incesto (que liberta...) ou o sado-masoquismo (que faz um prisioneiro do outro). As histórias de amor que se cruzam em **A Felina** são sempre pecaminosas. A maior de todas é a que une Oliver à pantera, tão grande e imensa que uma mulher nela se torna, e prisioneira. Não devedora, enjaulada e a vir comer à mão. O mais belos dos animais assim sacia a sua ânsia?

Estranhos caminhos para a paz. O que é certo é que a calma volta. Até que um novo animal nos possua e se ponha a vaguear pelas noites da cidade.

Ficha:

Título original: Cat People.
Realização: Paul Schrader (USA-1982)
Argumento: Alan Ormsby, segundo história de Dewitt Bodeen.
Fotografia: John Bailey, Paul Vom Brack (New Orleans).
Música: Giorgio Moroder **(Tema de «Cat People»: letra e interpretação** de David Bowie).
Cenários: Edward Richardson **(art director)**, Bruce Weintraub **(set decorator).**
Montagem: Jacqueline Cambas **(supervisão:** Bud Smith).
Efeitos especiais visuais: Albert Whitlock.
Interpretação: Nastassia Kinski **(Irena Gallier),** Malcolm McDowell **(Paul Gallier),** John Heard **(Oliver Yates),** Annette O'Toole **(Alice Perrin),** Ruby Dee **(Female),** etc.
Distribuição em Portugal: SIF.
Cinemas: Alfa 3 e Tivoli.
Classificação: Interdito a menores de 18 anos.
Duração: 118 minutos.

Toughlove

Nos Estados Unidos, os pais associam-se para se verem livres dos filhos drogados ou violentos

Pág. 5

Cinema

● Uma Comédia Sexual numa Noite de Verão
de Woody Allen
(USA-1982)

Pelos caminhos do amor, da ironia e da irrisão anda este filme, um daqueles momentos inesperados que cristalizam o que de essencial há na obra de um cineasta. O cineasta é Woody Allen e está de volta, em pleno.

Cinemas Cine 222
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
Quarteto — sala 1
(14, 16, 18.20 e 22 h)
e Terminal
(11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● A Saudade de Veronika Voss
de Rainer W. Fassbinder
(RFA-1982)

Um cinema triste, já sem raiva, apenas dolorido, magoado. Uma Alemanha traçada a preto-e-branco, chuva, morfina, senhores e escravos. Apaixonante.

Cinema Quarteto — sala 4
(14, 16, 18, 20 e 22 h)
(não acons. men. 18 anos)

● E.T. — O Extraterrestre
de Steven Spielberg
(USA-1982)

Um caso de maravilhamento. Spielberg a provar que apurou a eficácia do seu cinema até à perfeição.

Cinemas Alfa 1
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
Berna e Mundial
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(para todos)

● A Felina
de Paul Schrader
(USA-1982)

Schrader e o pecado, de novo. Uma história de amor e posse levada ao extremo da transgressão, quando o sexo é devorador e a posse é literalmente enjaulante.

Nastassia Kinski em primeiro plano, inesquecível.

Cinemas Alfa 3
(14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 24 h)
e Tivoli
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(interdito a men. 18 anos)

● Romance em Nova Iorque
de Peter Bogdanovich
(USA-1981)

Uma comédia pelas ruas de Nova Iorque e do amor. Onde todos se riem, não sem um pouco de tristeza.

Cinemas Apolo 70
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
e Satélite
(14, 16.30, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● Os Salteadores da Arca Perdida
de Steven Spielberg
(USA-1981)

Qualquer dia dir-se-á deste filme o que outrora se dizia dos não adeptos do Benfica: quem não o viu não é bom chefe de família.

Cinema Alfa 2
(13.45, 16.15, 18.45, 21.15 e 23.45 h)
(não acons. men. 13 anos)

● A Diva e os Gangsters
de Jean-Jacques Beineix
(França-1981)

O **charme** e uma certa dose de insólito, a arte de contar bem uma história com chaves. É suficiente? É. Mas o cinema é mais que isso.

Cinema Quarteto — sala 2
(14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h)
(não acons. men. 18 anos)

● Poltergeist
de Tobe Hooper
(USA-1982)

Spielberg argumentista-/produtor não atinge Spielberg realizador. A ideia e boa, a carne é fraca.

Cinema S. Jorge 3
(14, 16.15, 19 e 21.45 h)
(não acons. men. 18 anos)

● Na Calada da Noite
de Robert Benton
(USA-1982)

Meryl Streep justificaria por si só a visão deste filme. O plano em que ela conta a sua vida passada é um daqueles só possíveis com uma actriz rara. Mas **Na Calada da Noite,** mau grado o desfecho frágil, contém em si outras qualidades a não desmerecer. Pena é um certo convencionalismo narrativo, a não dar azo a fulgores.

Cinemas S. Jorge — 1
(15.15, 18.15, 21.30 h)
e 7.ª Arte
(14.45, 17, 19.10 e 21.30 h)
(interdito a men. 13 anos)

● Veio do outro mundo
de John Carpenter
(USA-1982)

O medo do outro é maior quando travestido no próximo. Carpenter não agarra a totalidade desse medo. E é pena.

Cinema Cinebloco
(14.30, 16.45, 19 e 21.30 h)
(não acons. men. 18 anos)

● A Tempestade
de Paul Mazursky
(USA-1982)

Como é que um filme pode ter coisas tão boas e outras (a maioria) tão precárias? Mais pormenores na crítica aqui mesmo em baixo.

Cinema Monumental
(15.15, 18.15, 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

● **Fitzcarraldo**
de Werner Herzog
(RFA-1982)

A grande desilusão do início de 1983. Um projecto de desmesura para um filme irrisório. A montanha (com barco e tudo) pariu um rato.

Cinema Londres
(15.15, 18.30 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

Nastassia Kinski é «**A felina**», a última transgressão de Paul Schrader

As estrelas

Uma comédia sexual numa noite de Verão	★★★★
A saudade de Veronika Voss	★★★★
E.T. - o Extraterrestre	★★★★
A felina	★★★
Romance em Nova Iorque	★★★★
Os saltéadores da arca perdida	★★★★
A diva e os gangsters	★★
Poltergeist	★★
Na calada da noite	★★
Veio do outro mundo	★★
A tempestade	★
Fitzcarraldo	★
Noites escaldantes	★

A «CHAVE»

★★★★ — Excepcional
★★★ — Bom
★★ — Interessante
★ — Desinteressante
● — A evitar

"A Tempestade" de Paul Mazursky

O leitor vai-me desculpar, mas hoje tenho a ingrata tarefa de criticar **A tempestade.** E como me parece que, provavelmente não percebi o filme, receio que as minhas palavras sejam apenas uma expressão da enorme confusão que em mim habita.

Ou então o filme é um disparate, um naufrágio (já que de tempestade se trata). O pior é que se o for trata-se de um naufrágio sem sobreviventes.

Vamos por partes: **A tempestade** seria a história de um cansaço (Phillip em New York), de uma fuga (Phillip na Grécia), de um paraíso impossível (Phillip na ilha), de um regresso.

A história do cansaço, tudo bem, disso percebe Mazursky (mas Gena Rowlands é tão irregular que confrange...). A fuga também tem algumas coisas conseguidas (a ida de Phillip-/Cassavetes ao quarto de Aretha/Susan Sarandon, por exemplo) mas o olhar de Mazursky é já turístico. O paraíso impossível é mesmo impossível: inconvincente, caricato, sem traves que sustentem uma ficção à deriva (embora Raul Julia fique na memória) e com alguns momentos de franco mau gosto (a tempestade, a reconciliação de todos com todos...). Quanto ao regresso, já a falta de paciência nos tocava em extremo: ainda deu tempo para admirar New York na alba mas a confusão baralhava tudo.

A Tempestade é um filme para prova que no fundo, é tudo boa gente? É um filme para nos propor um cruzeiro às ilhas gregas? É um filme a dizer que o inferno da vida é a coisa melhor do mundo? Phillips na ilha pratica o celibato consciente (com a belíssima e exasperada Susan Sarandon ao seu lado) porque carga de água? Philipps invoca os deuses e provoca a tempestade como apocalíptica vingança ou só para utilizar o imenso tanque da Cinecittá? Tantas perguntas na minha cabeça que, em verdade, em verdade vos digo, não entendo patavina. E depois aqueles **flash backs** todos eram mesmo de quem não tinha uma história linear escorreita.

De maneira que o leitor vai-me desculpar mas hoje tinha que falar deste filme. Tarefa ingrata já que, embora não me tendo chateado de morte ao vê-lo (valha-nos isso), cheguei ao seu termo completamente descoroçoado. E dessa confusão, aqui dei conta.

Susan Sarandon e John Cassavetes em «**A tempestade**» de Paul Mazursky

FICHA:
Título original: Tempest
Realização e produção: Paul Mazursky (USA-1982)
Argumento: P. Mazursky e Leon Capetanos
Fotografia: Don McAlpine
Cenários: Pato Guzmann **(production designer)**
Música: Stomu Yamashta
Montagem: Don Cambern
Interpretações: John Cassavetes **(Phillip),** Gena Rovolands **(Antonia),** Susan Sarandon **(Aretha),** Vittorio Gassman **(Alonzo),** Raul Julia **(Kalibanos),** Molly Ringwald **(Miranda), etc.**
Distribuição em Portugal: ColumbiaWarner
Cinema: Monumental
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos

DICIONÁRIO

Vinte anos de cinema português

Jorge Leitão Ramos

TOTOBOLA — Relatório e contas
— curta metragem
— 35 mm/cor

Realização: António de Macedo: **Locução:** Cândido Mota. **Fotografia:** António Escudeiro. **Animação:** Mário Neves. **Produção:** Francisco de Castro. **Director de produção:** Vítor Barbosa. **Assistente de produção:** Amílcar Lyra. **Duração:** 20 minutos. **Rodagem:** 1970. **Estreia: Localização de cópias:** Direcção-Geral de Educação de Adultos.

Trata-se de um filme onde se pretende, no essencial, mostrar o destino das receitas do Totobola, à data da sua rodagem. Daí um lado informativo (em gráficos, dá-se a evolução do número de apostas, receitas e sua distribuição, ao longo doa anos) e um lado exemplificativo (por lá passam centros de reabilitação, centros de medicina desportiva, pavilhão gimnodesportivos, piscinas, etc., para os quais contribuiram os dinheiros do Totobola).

Grande parte do filme decorre com imagens de modalidades desportivas, geralmente bem articuladas na montagem e captadas por uma câmara segura. Procura-se a ideia de que o Totobola está a impulsionar essas modalidades, o que não é falso. Mas para lá da escorreiza, o filme pouca atenção desperta. Bons acabamentos, competência, técnica, é tudo.

Paulo Rocha, o realizador de «Sever do Vouga – Uma Experiên·cia»

SEVER DO VOUGA — Uma experiência
— curta-metragem
— 35 mm/côr

Realização: Paulo Rocha. **Supervisão:** Manuel de Oliveira. **Sequência:** Fernando O'Neill. **Fotografia:** Acácio de Almeida. **Música:** Fernando Lopes Graça. **Montagem:** Paulo Rocha, Noémia Delgado. **Efeitos sonoros:** Alexandre Gonçalves. **Produção:** António da Cunha Telles, para a Shell Portuguesa. **Duração:** 29 minutos. **Rodagem:** 1971. **Estreia:** 25 de Janeiro de 1972 («Monumental», Lisboa). **Localização de cópias:** Direcção-Geral de Educação de Adultos.

Este filme de 1971 dá bem a imagem do estado das coisas no cinema português dessa data. Paulo Rocha, Manuel de Oliveira, Fernando Lopes, Acácio de Almeida, Alexandre Gonçalves, Cunha Telles, são demasiados nomes importantes para 29 minutos de filme. Só que, em 1971, não havia outro cinema possível. Constituído em 1970, arrancando em 1971, com frutos visíveis em 1972, o CPC estava no início. A Lei 7/71 (e os respectivos subsídios do IPC) só em 1974 se poria em acção.

Sever do Vouga — Uma Experiência desmerece dos nomes que o fabricaram? Não, mas também não adianta.

Trata-se, claro, de um documentário «bem feito», sobre uma cooperativa agrícola, apontando-a como exemplo a seguir. E se o carácter propagandístico é algo apressado (demagógico?) o lado «verdadeiro» do documentário é bastante agudo. Lá está a caracterização da vila (com o posto da GNR, o Largo Doutor Oliveira Salazar, a igreja, o pelourinho...), a caracterização da vida quotidiana (o labor no campo, o bilhar surrado das noites de província, a Televisão...), a palavra das pessoas (pela primeira vez?), a mostrar que se pode acertar. Depois o filme torna-se apologético e perde credibilidade e força.

Eduardo Serra

Vitória Abril em **«Sem sombra de pecado»**, direcção de fotografia de Eduardo Serra.

SERRA, EDUARDO
— director de fotografia

Eduardo Serra nasceu em Lisboa, a 2 de Outubro de 1943.

De 1960 a 1963 frequenta o Instituto Superior Técnico. Colabora activamente no movimento estudantial (ao nível da AEIST e do Secretariado da RIA) e é dirigente cineclubista (ABC-Cine-Clube e Cine-Clube Universitário de Lisboa). Funda e é um dos dirigentes do Teatro Univessitário de Lisboa (TAUL). Colabora no jornal «República» onde chega a ser responsável pela página «Liceum». Em Agosto de 1963 Eduardo Serra vai para Paris onde fixa residência. Cursa, de 1964 a 1966, a École Nationale de Photographie; obtém o «brevet» de technicien superieure du cinema (diplôme d'ETAT); licencia-se em História de Arte e Arqueologia na Universidade de Paris I (1970).

A partir de 1970 começa a trabalhar no cinema como assistente de câmara e enceta uma profusa carreira profissional. Em 1981 inicia-se como director de fotografia, vindo a Portugal em 1982 para a rodagem de **Sem Sombra de Pecado.**

FILMOGRAFIA: 1) Como assistente de câmara: **M comme Mathieu** de Jean-François Adam (1970); **Someone Behind the Door** de Nicholas Gessner (1970); **La Cicatrice Intérieure** de Philippe Garrel (1971); **Faustine ou le Bel Éte** de Nina Companeez (1971); **L'Heritier** de Philippe Labro (1972); **Les Chiennes** de Michel Lemoine (1972); **Tout le Monde il est Beau, Ttout le Monde il est Gentil** de Jean Yanne (1972); **Athanor** de P. Garrel (1972); **Vivre Ensemble** de Anna Karina (1972); **César et Rosalie** de Claude Sautet (1972); **Les Grands Sentiments Font les Bons Gueuletons** de Michel Berry (1973); **On s'est Trompé d'Histoire d'Amour** de Jean-Louis Bertucelli (1973); **Touche pas la Femme Blanche** de Marco Ferreri (1974); **Vicent, François, Paul e les Autres** de C. Sautet (1974); **Les Fleurs du Miel** de Claude Faraldo (1976); **Le Plein de Super** de Alain Cavalier (1976); **La Victoire en Chantant** ou **Black and White in Color** de Jean-Jacques Annaud (1976); **La Communion Solennelle** de René Feret (1977); **Molière** de Ariane Mnouchkine (1978); **Pourquoi Pas?** de Coline Serreau (1978); **Martin et Léa** de A. Cavalier (1978); **La Zizanie** de Claude Zidi (1978); **Les Bronzés** de Patrice Lecomte (1978); **Le Coup de Sirocco** de Alexandre Arcady (1978); **Rue du Pied de Grue** de Jacques Grand-Jonan (1978/79); **Les Bronzés Font du Ski** de P Lecomte (1979); **Je Vais Craquer** de François Leterrier (1980); **La Banquière** de Francis Girod (1980); **Viens Chez moi, J'Habite Chez Une Copine** de P. Lecomte (1980).

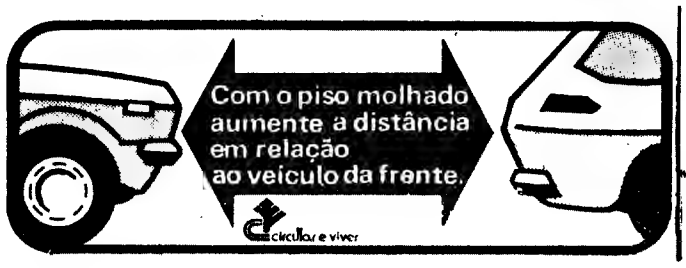
2) Como director de fotografia: **Itineraire Bis** de Christian Drillaud (1981); **Sem Sombra de Pecado** de José Fonseca e Costa (1982); **Trois Morts à Zero**, dois filmes TV de Jacques Renard (1982).

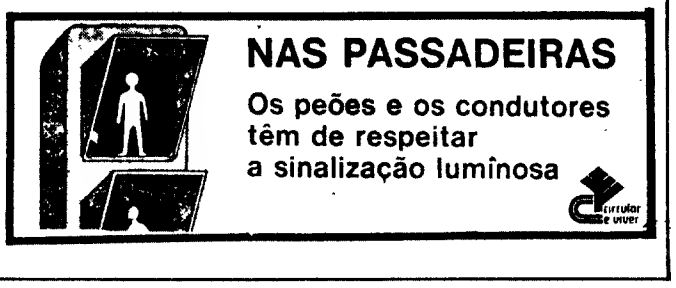
3) Como realizador: **Um Aniversário** CM (1975).

Eduardo Serra está neste dicionário não pela prolífica carreira na indústria francesa de cinema mas pela direcção da fotografia de um único filme português até à data: **Sem Sombra de Pecado.**

E justifica-se a sua presença porque, de facto, o seu trabalho nesse filme coloca-o logo na primeira fila. Não só pela utilização de uma paleta de cores onde o quente e **flou** amarelo--dourado dá bem o tom retro dos anos 40. Não apenas pela segurança técnica dos movimentos de câmara. Mas sobretudo pelo excepcional (no cinema português) trabalho de iluminação. Raramente um estúdio em Portugal terá visto tal acuidade na criação de ambiências, tais gradações de luz e sombra.

Mais que um bom começo uma certeza.





Utopias armadas na Europa

A arte de provocar "guerras sujas"

O desafio lançado pelas organizações separatistas combatentes às democracias europeias não é o primeiro nem o único que estes regimes defrontam no terreno minado da violência política. Mas os separatistas põem um tipo de problema a que estas democracias não estão habituais. Elas estão relativamente mal armadas para lhes fazer face, apesar, por vezes, das aparências...

DIFERENTES formas de terrorismo se manifestaram na Europa ocidental desde os últimos anos 60. Em especial aquela que consistia, para pequenos grupos não recuando diante do rapto seguido de assassínio nem diante de outras formas de crime — o atentado «cego», por exemplo — em tentar mudar, pela força, a própria natureza do regime democrático. Cada um em seu registo próprio, movimentos como a Fracção Armada Vermelha na RFA, os GRAPO em Espanha, as Brigadas Vermelhas em Itlia ou a recente e menor Acção Directa em França lançaram-se, com fortunas diverss e efémeras, neste género de operações.

Esse terrorismo repousava nomeadamente sobre um tão completo desprezo pela democracia que era difícil não sugerir que esse despreso era extensivo ao povo propriamente dito, talvez até em primeiro lugar. Sobretudo quando ele pretendia exprimir, contra toda a verosimilhança, vontades ou aspirações populares: as Brigadas Vermelhas, por exemplo, asseguraram sempre que as vítimas dos seus raptos se encontravam detidas em «prisões do povo»...

Mas, apesar do discurso — às vezes apesar da verdadeira logorreia destas organizações terroristas, as coisas eram claras: as opiniões públicas respectivas de cada país, inclusive as opiniões públicas de esquerda, onde se poderia ter sido algo receptivo à sua fraseologia pseudo-revolucionária, em nenhum caso se deixaram longamente enganar.

Estes terroristas não procuravam conquistar simpatias (salvo em pequenos círculos cuja benevolência lhes poderia ser útil) e, na realidade, não as conquistavam, nem no interior nem no estrangeiro.

Uma outra forma de terrorismo, esse «importado», flagelou igualmente a Europa ocidental, bruscamente obrigada a contar com a existência de organizações vindas de longe com as suas siglas pouco conhecidas. Os feitos de armas destes comandos visam por vezes alvos — diplomatas turcos ou atletas israelitas — bem definidos, mas, não reivindicados, chegam a tornar-se conhecidos apenas pelo nome da rua ou local onde foram realizados.

A luta dos micronacionalismos violentos é de outra natureza. Não se trata, nestes casos, nem de tentar modificar um regime político e social através de uma pretensa «vanguarda» armada, nem de o incomodar tanto quanto possível, nem de ajustar, no solo do velho continente, contas feitas algures. Trata-se sim de conduzir, contra regimes políticos cuja forma pouco importa porque eles são sobretudo classificados de «estrangeiros», guerras de «libertação nacional».

A psicologia no cenário

Esta argumentação conhece diferentes graus de crediblidade na opinião. A corrente nacionalista é forte em Euskadi-Sul, como se chama, ali, ao País Basco espanhol, mas mesmo os mais intransigentes militantes da ETA-Militar reconhecem que as coisas são diferentes no Norte, quer dizer, do lado francês. Além disso, no seio da família nacionalista basca espanhola, que é provavelmente um caso-limite na Europa, os partidários «duros» da independência, defensores da luta armada, são a minoria.

Na Irlanda do Norte, o IRA tem na comunidade católica partidários de que seria um erro subestimar o número, mas essa comunidade, devida, é verdade, ao traçado da «fronteira» com a República, não representa senão um terço da população local. Os defensores do IRA são um terço desse terço, a avaliar pelos resultados das recentes eleições locais (1).

Na Bretanha, na Occitânia, na Alsácia francesas, regiões onde um autonomismo musculado pareceu durante alguns anos querer ouvir falar de si, o «modus faciendi» separatista não vingou, e a sua necrose é hoje evidente. Constatá-lo não desculpa os excessos do centralismo, nem esquecemos que o reconhecimento de culturas regionais se deveu a relações pouco pacíficas.

Porém, à guerra que os independentistas declararam aos Estados centrais não interessam as estatísticas. Se há alguma coisa pouco susceptível de desarmar os seus argumentos é exactamente o recurso ao sufrágio universal. Recurso tão mais fácil de recusar quanto se pode sempre lembrar que é o «ocupante» que o organiza. No espírito dos independentistas, o poder, hoje como ontem, não está nas urnas; está, sim, «na ponta das espingardas».

Não que as centenas de genuínos combatentes clandestinos da ETA, do IRA ou (menos numerosos) da FLNC (Córsega), esperem razoavelmente vir, um dia, a vencer militarmente os exércitos britânico, espanhol ou francês. Uns e outros perceberam desde há longa data que os conflitos são pelo menos tão psicológicos como militares — as guerras «nacionalistas» especialmente.

Um pouco por toda a parte no Ocidente, os separatistas lutam na única parte do mundo onde os Estados não usam contra eles os meios expeditivos e mortíferos que impediram, por exemplo, a secessão biafrense. Mas a acção de algumas centenas de combatentes clandestinos pode levar uma democracia a expedir para o terreno da luta efectivos militares ou policiais dez ou vinte vezes superiores em número, e a adoptar métodos de repressão que acabam por «sujar» a sua imagem de marca.

Quanto mais os britânicos afirmam que o IRA é ultraminoritário, isolado e impopular, mais os seus dez mil soldados na Irlanda do Norte (mais as suas balas de plástico que, por vezes, matam) parecem política e humanamente inaceitáveis, porque desproporcionados.

Quanto mais a Espanha de Juan Carlos e, agora, do PSOE mobilizam para o País Basco, sobretudo tratando-se, amiúde, de «especialistas» antigos, insensíveis à imagem deixada pelo seu tipo de actividade, mais apoios políticos a ETA encontra — apoios com que, em princípio, não deveria poder contar.

É por isso que os procedimentos eleitorais com que os Estados tentam frequentemente combater a luta armada pouco efeito têm sobre a estratégia dos dos movimntos separatistas. O recursos ao sufrágio — geralmente para eleger uma assembleia regional — leva mesmo, em alguns casos, a um efeito contrário ao pretendido: fazendo emergir um notável da Córsega ou o «Centro» político basco, o sufrágio radicaliza a acção das segundas gerações, sempre prontas a denunciar a «traição» dos eleitos.

Não se pode, porém, dizer que o combate dos nacionalistas despreza a opinião: pelo contrário. O que ele não pretende é persuadi-la directamente; antes espera utilizá-la como «alavanca».

O IRA não tenta convencer a massa dos britânicos de que, feitas as contas, a Irlanda do Norte não deve ser parte da Grã-Bretanha.

A ETA ou a FNLC não tentam convencer os espanhóis e os franceses do bem fundado das suas teses. O que as organizações separatistas fazem é dar tempo à opinião pública para que um dia, cedo ou tarde, ela se interrogue sobre se o Euskadi, o Ulster ou a Córsega valem essas «guerras sujas» em que os Estados, pouco a pouco, se foram cada vez mais envolvendo... se valem o tributo dos mortos, cada vez mais pesado, e o descrédito internacional que engendram.

Este raciocínio — para não lhe chamar prognóstico está muito mais generalizado nos meios separatistas do que a fé num sucesso militar convencional. Ele enraiza-se talvez numa análise discutível, ou numa subestimação quase completa, do que foram as verdadeiras guerras de descolonização. Especialmente a guerra da Argélia, muitas vezes citada como exemplo. «Dizem que somos minoritários» argumenta-se nos meios separatistas, «mas quantos havia na FLN em 1954 ou mesmo em 1960?». Haverá sem dúvida aqui alguma auto-intoxicação: à força de tanto citar o «colonialismo», o «imperialismo», o «genocídio cultural», um separatista acaba provavelmente por julgar-se um Ben Bella.

Vocabulário revelador

Um separatista acaba também facilmente, nestas condições, por sonhar com o papel que poderia desempenhar num Estado enfim «nacional». É muito revelador, a este respeito, o facto de o vocabulário dos movimentos independentistas se parecer tanto com o dos Estados legais: faz-se pagar o «imposto» (mesmo se ele é «revolucionário»), castiga-se com «multas», «condena-se» de preferência diante de um «tribunal», e evidentemente «executa-se».

Estranha deriva da palavra, à qual aliás a Imprensa geralmente se presta: pode pensar-se que toda e qualquer execução é sempre, também, um assassínio, mas é no mínimo muito singular classificar de «exceução» um assassínio político! Igualmente é-se menos um guerrilheiro ou um franco-atirador do que um «soldado» integrado num «exército». Roupagens nobres para uma realidade por vezes menos gloriosa? Não só: existe, em muitos animadores de movimentos independentistas, uma aspiração a ser Homem de Estado e à falta de melhor, de momento, esse desejo realiza-se nas palavras, na escolha do vocabulário.

Também aqui, a memória — ou um conhecimento excessivamente aproximativo — dos combates da descolonização ou da Resistência, desempenham um papel importante.

Acrescentem-se a este cenário simpatias terceiro-mundistas (nomeadamente pelos movimentos revolucionários da América Latina) e uma relativa conivência com outras organizações sobre as quais se pensa que conduzem uma luta vizinha, ou mesmo idêntica. Até onde vão essas solidariedades? ETA, IRA e outras organizações negam trocas de serviços e financiamentos exteriores. Pode-se imaginar, para além do que é geralmente dito a este respeito nos comunicados oficiais, que se os governos dispusessem de informações precisas sobre tal matéria, não deixariam de revelar o que dizem saber — pelo menos a posteriori.

Esse é um domínio onde a imaginação se pode exercer sem limites, sem o risco de ser desmentida a não ser através de comunicados que contêm afirmações inverificáveis. Uma dúvida, porém, subsiste: por vezes, a agitação separatista coincide bem demais com interesses hostis às democracias europeias. O facto de vários destes movimentos se reclamaram não apenas da independência local, mas igualmente do socialismo mais ou menos marxista, não constitui resposta suficiente. Os sumos sacerdotes do socialismo costumam desejar melhores aliados na Europa ocidental. O problema é, sem dúvida, diferente, lá onde a tese do combate anticolonial é legitimamente defensável — veja-se o caso das Antilhas ou da Nova Caledónia.

Combatentes de uma utopia sangrenta para uns, precursores e libertadores para outros, são os independentistas os herdeiros de um nacionalismo mal compreendido, vítimas de uma deriva dupla, marxista e por vezes xenófoba, como recentemente na Córsega — ou homens cujo principal defeito é «terem razão cedo demais»? Diante da persistência e do recrudescimento de fenómeno, muitos começam, na Europa ocidental, a perguntar-se se eles não procuram afincadamente, pelo contrário, «Não ter razão demasiadamente tarde».

Bernard Brigouleix

(1) Seria necessário marcar a diferença entre os «provos» do IRA, nacionalistas e católicos, e os membros do INLA, mais marxistas.

Toughlove

O novo "Amor Duro" e desculpabilizante dos pais americanos

Nos Estados Unidos, muitos pais, fartos dos conflitos com filhos violentos ou drogados, decidiram não ceder mais, manter uma relação distante ou, em último caso, desembaraçarem-se deles...

VIERAM de todos os lados: do Tenessee, da Carolina, de Idiana e de New jersey... Está ali a «América profunda». Casais, mulheres sós, com uma média de idades entre os 40 e os 60 anos, endomingados, à vontade, falando alto e bom som. Todo este mundo se dirige alegremente para a mesa do pequeno-almoço, café com **donuts,** e no entanto não estão ali para brincar. Vieram para resolver algumas dificuldades familiares bem definidas, e vieram fazê-lo em conjunto, entre gente que se compreende e se entreajuda.

«Toughlove» (Amor Duro), simbolizado por um punho que aperta um coração, é um dos 500 mil grupos de entreajuda actualmente recenseados nos Estados Unidos. É uma organização não-lucrativa que pede 110 dólares (um pouco menos de 10 mil escudos) por um seminário de dois dias (viagem, hotel e jantar não-incluídos) e obriga à compra do «manual» (mais 6 dólares) indispensável à compreensão da filosofia de David e Phillis York, co-fundadores da associação.

Phillis é loira e maquilha-se sobriamente, veste um conjunto negro com ramagens e está nas suas sete quintas, de olhar duro. David é um senhor de cabelos cinzentos, relativamente baixo, mais silencioso, de olhar severo.

A minha vizinha, que já passou os trinta anos, espera muito do seminário: a sua filha Deborah, de 17 anos, foge de casa, insulta-a, decidiu deixar o emprego, recusa encontrar-se com o padrasto e droga-se. Deborah foi adoptada aos seis meses e só lho disseram há dois anos, quando a mãe constatou o início da «crise». Deborah não se entende com o padrasto, um europeu que não percebe nada dos americanos. A mãe de Deborah parece reviver ao contar tudo isto com uma espécie de alheamento, de desenvoltura que surpreende.

Domingo à noite, quando o seminário termina, ela parte com redobradas forças: Deborah está de novo em fuga desde há um mês, e ela veio ali em busca de uma razão objectiva para lhe recusar um regresso a casa...

Atento na assembleia: são 160 pessoas que ouvem ansiosas, ávidas, esta espécie de «último sermão». Algumas trouxeram magnetoscópios, outras blocos para tomarem notas. Esperam qualquer coisa...

Para abrir o fogo, Phillis decide contar a sua própria história, explicar «Touglove». Silêncio na sala.

A campainha de David e Phillis toca, uma bela tarde de 1976. A sua filha não está em casa. A bem dizer, nunca se sabe exactamente onde ela está. Três polícias entram de armas em punho: foi lançada uma ordem de prisão contra a filha deles, que não tem senão 18 anos, por tráfico de cocaína e participação num assalto.

É o drama absoluto. O medo, a angústia, uma situação que eles não estavam preparados para aceitar — e no entanto, nessa época, ambos trabalhavam como conselheiros em centros de reabilitação de menores delinquentes... Começa a grande marcha em direcção aos «Psi»: psiquiatras, psicólogos, psicanalistas são consultados. Sem resultado.

Acabar com hesitações

A 24 de Dezembro, ao voltarem a casa para passarem o Natal com familiares, David e Phillis são informados de que sua filha foi presa. Apanhada pela polícia na manhã desse mesmo dia, ela reclama dinheiro e cigarros. Desespero, abatimento, lágrimas, e depois, subitamente, a reacção: acabou-se. Chegou o ponto sem retorno: decidem não ir visitá-la à cadeia, não tentar reconfortá-la. Não pagarão as suas dívidas e não a apoiarão. Tomam estas decisões contra tudo e todos, nomeadamente apesar do parecer muito severo da assistência social da prisão.

David e Phillis pedem então ajuda aos vizinhos, a amigos, que de algum modo os substituem junto da filha. Decidiram ser «duros». Pediram às suas relações a ajuda que quem ali está, hoje, pode pedir a «Toughlove».

Que é, portanto, a associação? Um grupo cujo objectivo consiste essencialmente em «desculpabilizar» os pais, evitando ao mesmo tempo que eles se transformem em «vítimas» dos filhos incapazes de compreenderem, e de corresponder, ao amor que aqueles lhes votaram. Quando a crise se desencadeia, trata-se de resolvê-la, e não mais de **hesitar.**

Teresa, membro do grupo, vem por seu turno contar, num tom patético, a sua aventura com a filha, que ela julgava amar como «devia». Uma noite, porque a via emagrecer, julgando que engravidara, pergunta-lhe o que se passa e fica a saber que a sua filha é heroinómana. Segue-se a narrativa da agonia, da lenta descida aos infernos (Teresa acabará por fazer prender sua filha) e depois a redenção, graças a «Toughlove».

O álcool e a droga são as duas maiores preocupações dos pais ali reunidos. «É um problema de toda a classe média branca americana». De facto, a assembleia não inclui nem pobres nem negros: os filhos desta gente não se justificam com a miséria ou com o desemprego.

Pouco importa que os pais se droguem ocasionalmente ou fumem erva. Se um adulto decide beber ou drogar-se, «ele sabe o que está a fazer», põe em jogo a sua experiência, as suas crenças, os seus valores. Além disso «é lá com ele», «é o seu problema». Mas se um filho se revolta e não compreende, o que à primeira vista parece legítimo, um pai «Toughlove» está no «direito» e no «dever» de lhe proibir a entrada em casa, de não pagar as suas dívidas, eventualmente de o levar à prisão. Pouco importa que assim se corra o risco de agravar a situação — os filhos têm, muitas vezes, entre 13 e 18 anos...

Levanta-se uma religiosa que se ocupa de um adolescente de 13 anos. Três anos antes, a criança foi violada por seu pai e, há seis meses, ele próprio violou irmãs e irmãos mais novos. Deve ela utilizar o método «duro»? Sem sombra de dúvida que sim, responde-lhe Phillis sem hesitação: «Não é porque seu pai abusou dele que ele pode abusar de outros». Lógica imparável, evidentemente.

A filosofia dos York destina-se a pais ultrapassados, submersos. Ninguém pergunta como e porquê se chegou até ali, trata-se, sim, de ser realista e de pôr termo a uma situação intolerável, depressa e bem. É o manual «Toughlove» quem o diz, com todas as letras:

«Não é importante saber-se porque é que eles são assim, a questão está em saber se você quer viver com alguém que se comporta de um modo destrutivo». «Sentir-se em falta torna-o impotente, e você necessita de todo o seu poder».

Em nome deste princípio, os pais atribuem-se a si próprios o direito de fazer emancipar os seus filhos (em certos Estados aos 16 anos), porque, como diz o manual, «nesse caso você não perde uma criança, antes ganha um adulto». Perturbador atalho!

Uma senhora levanta-se para ir lavar as mãos: «Importa-se de vigiar o meu saco por um instante?» A vizinha responde-lhe: «Os nossos filhos não estão cá, pode ir sossegada».

De tarde, trabalhos práticos: como resolver concretamente uma crise?

Pamela, quarentona, originária de Maryland, grávida, vestida de azul marinho, levanta-se e expõe o seu caso. Também ela tem aborrecimentos com sua filha Jo Ann, de 16 anos. Jo Ann é filha de um seu primeiro casamento. Tendo voltado a casar, a mãe espera agora um quinto filho. Jo Ann recusa aceitar as regras da casa, desrespeita a hora de chegada nocturna e rouba sua mãe!

De uma vez para sempre

O caso vai resolver-se pelo método duro: 1) fixar até que ponto limite se aceita ceder ao filho; 2) decidir que consequências tirar daí; 3) estabelecer um plano rigoroso; 4) por fim contactar o grupo «Toughlove» mais próximo da residência e fazê-lo intervir em seu lugar.

Que quer Pamela? Ela hesita por segundos, e depois lança como num desafio: «Quero que Jo Ann me deixe em paz de uma vez para sempre». A assembleia fica um pouco chocada. David julga poder traduzir o que Pamela quis dizer: «Quero ter uma relação decente com a minha filha»...

São as seguintes as decisões que Pam (Pamela) toma, de acordo com os York: mandar Jo Ann viver para casa do pai; recusar eventuais pedidos seus de ajuda; não mais responder às suas cartas; mudar todas as fechaduras das portas de entrada em casa se, no prazo de uma semana, Jo Ann não tiver aceitado as decisões de sua mãe.

Finalmente Pam deverá entrar em contacto com pais «Toughlove» em situação de a apoiarem caso os amigos, a família, os professores e assistentes sociais ou equivalentes a virem a condenar. O grupo também servirá de intermediário e de mensageiro para resolver em seu lugar as situações críticas.

Três outros casos são apresentados durante a tarde. Nomeadamente, decide-se abandonar um filho de 15 anos e deixá-lo na prisão sem que ele tenha podido voltar a ver a família.

No dia seguinte, o trabalho é retomado por grupos. Aplaudem-se os que se mostraram duros, visto que são pedidas contas das decisões a que cada um chegou. O dia termina com o estudo das possibilidades de se criar um grupo ao nível regional.

«Toughlove» está hoje implantada em praticamente todos os Estados: funcionam nos EUA setecentos grupos, cada um com cerca de uma dúzia de membros. A associação pretende expandir-se para a Europa, e conta já adeptos na Alemanha Federal. O manual foi confiado há alguns meses a uma canadiana, que o está a traduzir para francês.

O sucesso de «Toughlove» suscitou entretanto, inevitavelmente, alguma controvérsia: alguns psicólogos admitiram que o seu método é conveniente em alguns casos de adolescentes em crise. Assim, Barry Schwartz, psiquiatra em Filadélfia e especializado em crianças «problemáticas», considera que «é necessário encarar as coisas de frente»: psiquiatras e psicólogos não alcançaram êxitos apreciáveis com drogados. Nestes casos, «um enfoque que se distancia da abordagem intelectual pode por vezes fornecer resultados positivos». Mas, diz ele, o método «Toughlove» não deve ser empregue senão quando todos os outros falharam.

Outros clínicos julgam «perigoso» o método, ou, no melhor dos casos, «ineficaz». Segundo estes, «Toughlove» não constitui senão um modo de os pais se desembaraçarem sem vergonha de responsabilidades, e ao mesmo tempo evitando colocar as verdadeiras questões. O dr. Bocchini, do centro de saúde mental do hospital da Pensilvânia, acusa, por exemplo, «Toughlove», de ignorar deliberadamente as causas do mal. Bocchini teme que estes adolescentes «deitados à rua» percam definitivamente toda e qualquer «moral», e que alguns deles, mais «fracos», caiam na prostituição, nas drogas duras e no suicídio.

Mais geralmente ainda, teme-se que os pais americanos de «Toughlove» vejam no método um remédio miraculoso utilizável em todas as circunstâncias. O próprio David York sublinha que «Toughlove» é sobretudo um recurso em caso de crise, quando «o amor falhou»...

John Hinkley, que em 30 de Março de 1981 disparou contra o presidente Ronald Reagan, tinha exactamente sido «posto fora» por seu pai três semanas antes, com 200 dólares no bolso (cerca de 18 mil escudos), por causa do seu «comportamento irresponsável». Isto a conselho do psiquiatra que o assistia, dr. Hopper. Durante o processo, na Primavera passada, o pai de John Hinkley declarou que tinha feito, então, «o maior erro da sua vida». Nunca tinha conseguido perceber com exactidão, disse ele em tribunal, se o seu filho era um «perturbado» ou se, pura e simplesmente, lhe faltava um pouco de disciplina. Tinha sido «duro» sem o saber... (1)

Muriel Hees

Serviço exclusivo
«Le Monde Dimanche»
«Diário de Lisboa»

(1) Afinal John Hinkley, como os nossos leitores estarão lembrados, foi considerado irresponsável pelo tribunal, que decidiu a sua transferência para uma instituição psiquiátrica (V. imprensa de 22 de Junho de 1982)

Autobiografia, por Bruno Richard. O texto é extraído de diálogos na TV

Na Índia

Actor de cinema quer ser deus de verdade

HÁ dois anos em Fevereiro andava, pior que estragada, às voltas na Connaught Place, praça circular de Nova Deli, picadeiro dos turistas em trânsito na capital administrativa da Índia. Arrependida de não ter adquirido, pagando claro, a licença que permite aos estrangeiros consumir álcool (uma cerveja fresca vinha mesmo a calhar) bebo um chá com leite. E, longe de mim qualquer intenção cultural, meto-me num cinema. Pretendia apenas passar duas horas no gozo do ar condicionado. Entretanto, no écran, o actor Rama Rao fingia de deus Khrisna, papel que desempenhou em cerca de trezentas fitas. Nunca imaginei que o tipo, ainda mais canastrão que o Victor Mature, viria a ser candidato nas eleições realizadas naquele país em 6 de Janeiro último. E ainda menos que viesse a limpar os votos em dois estados, deixando o partido do Congresso no sobressalto.

Indira Gandhi é uma **ladie.** Ele é um deus do celulóide com ambições políticas que admite instalar-se no panteão dos 33 milhões de deuses que o hinduísmo exibe sem modéstia. Ao que parece essa coisa dos deuses tornou-se uma indústria doméstica na Índia. Há-os para todos os gostos e em abundância. Em grande: à medida dos seiscentos milhões de indivíduos e dos cinco mil anos de história que suportam aquele país imenso.

O que define, afinal, a Índia? Talvez o tamanho, gigantesco mundo entre o mar, o Arábico e um oceano, o Índico. Ou (porque não?) a monotonia. Aquela paisagem intensa e igual que observei das janelas dos comboios em que os elementos se repetem de uma forma obsessiva. E também a religião em que tudo penetra e se imiscui. Encontrei-a nos cheiros, na comida, na arte, nas diferenças sociais e nos comportamentos.

Embora esteja em evidência em toda a Índia, é na cidade sagrada de Benares que ela atinge um carácter mais absurdo. Noite inteira de viagem desço do **Assam Mail,** vinda de Deli, na esperança de uma surpresa. Nem por isso. A mesmíssima arquitectura, herança inglesa, o mesmíssimo ambiente. Seja a que hora do dia ou da noite as estações estão a abarrotar de corpos amontoados. De gente que não mostra inpaciência nem o mínimo sinal de tensão, própria de quem aguarda. Está. Exactamente como nos templos.

Assediada por dezenas de **rickchaws** decrépitos e sujos escolho um, ao acaso. Ainda não me habituara a tão insólito meio de transporte, puxado por homens. Sempre que podia optava pelos ministáxis, amarelos e pretos, que a empresa Vespa construíra especialmente para os países do Oriente. Nas ruas eram visivíeis os estragos causados pelo clima destemperado e cruel... e pelo estigma da pobreza e da falta de cuidados urbanísticos.

Um sadhu quase cego de tanto olhar o sol...

Os peregrinos vão morrer no Ganges...

Nojo

Instalo-me num hotel, espécie de vivenda com jardim, todo seco e corroído pelo calor. Ao compasso da cadeira de baloiço, no tal jardim, um jovem estrangeiro comia papaia. «**Tem muitas vitaminas»,** dizem. Eu por mim, preferi, um pequeno-almoço completo: panquecas de banana, tostas e chá. De seguida, numa excitação louca, corro para o Ganges, o purificador **Ganga.** Ao primeiro quilómetro, o condutor de **rickchaw,** um «velho» de trinta anos, esquelético e de rosto triste, metido no tradicional pano enrolado à volta dos rins, desmaia. As suas pernas escanzeladas não aguentaram o esforço das subidas. Recomposto lá recebe o dinheiro, evitando o contacto dos meus dedos. Era um intocável. Olhei o rio com ódio, daqueles ódios que me costumam dar, às vezes. A partir daí o pesadelo nunca mais me abandonou...

É o rio Ganges que imprime toda a originalidade a Benares. Quatro quilómetros de margem com templos e palácios de uma antiguidade corrupta e sombria, erguido no cimo de monumentais escadarias. De súbito, o sonho — um sonho perturbador transporta-me para aquela babilónia inacreditável. Um sonho de que se acorda com o focinho húmido de uma vaca contra as costas ou com o repugnante contacto da mão viscosa de um leproso. Benares causa uma impressão profunda aos ocidentais por mais prevenidos que estejam. Tudo parece irreal... A ultrapassagem da fila de leprosos, prostados junto ao **Gath** principal, foi difícil e morosa. Todos eles agitavam, barulheira infernal, as caixas de alumínio pendentes dos pulsos. Durante três dias fui incapaz de ingerir comida.

Quanto ao Ganges, um nojo. Amarelo, lodoso, dejectos a boiar — é lugar de banhos constantes para centenas de pessoas que parecem não se incomodar com o seu aspecto. Garantiram-me, todavia, haver pouca poluição no rio sagrado. «**Os sábios espantaram-se de encontrar raros micróbios no Ganges.**» Eis a versão de um americano, batido nas lides da Índia. Diversas teorias foram tecidas sobre o mistério. Consta que os gérmenes são mortos pela rádioactividade anormal das águas. Há quem defenda, todavia, que os micróbios se comem uns aos outros.

A beira-rio, em cima de estrados, protegidos por cogumelos gigantes de palha, os peregrinos meditam na posição de **lótus,** até ao sol posto. Vacas e búfalos, magros que nem cães vadios, percorrem as margens. Esfomeadas as vacas tombam desconsoladamente nas escadarias com as carcaças à vista.

Imperturbáveis, naquele cenário de cinema, os actores cumprem os rituais, alheados dos espectadores estrangeiros que os olham com incredulidade. Eram os **Jadhus,** adoradores de **Shiva** que juraram fixar o sol até à morte e alguns deles já cegaram. Eram **gurus,** ascetas, pregadores e astrólogos. Eram santões barbudos, longos cabelos repartidos em inúmeras tranças, entregues a complicados exercícios de **yoga.** Há um que consiste na paragem de respiração.

O que faz aquele em posição tão esquisita? O americano especialista das Índias explica: **Está a imitar Shiva.** Lembro-me de ter visto uma estampa do deus, na posição vertical, a descansar sobre um único pé. Segundo a tradição, **Shiva** passou todo um período cósmico naquela singular atitude. Muitas das coisas que se vêem na India são inexplicáveis. Contaram-me que há meia dúzia de anos no Hotel Claks, um dos mais caros estabelecimentos de Benares, perante numerosos estrangeiros, e entre os quais se destacavam jornalistas de televisão londrina, o Yogi Sri Raj Balli fez uma demonstração espantosa de controlo respiratório.

Sobre o seu corpo estendido passou um camião pesado e nada lhe aconteceu...Os médicos examinaram-no. O pulso tinha parado durante uns segundos...Depois levantou-se sorridente sem uma única cicatriz. Truque? Sugestão hipnótica? É possível. Julgo porém que corresponde a um hábito mental inacessível aos ocidentais.

Benares, também denominada Vananci, é na tese orientalista de Surenda Chandra **a alma da India.** Não tem que ser explicada ou interpretada. **Aceitai-a como se aceita o lotus que nasce no lago...**Junto ao Ganges evoca-se a velha India através dos rituais dos cânticos védicos, do fogo votivo que nunca se apaga. Para a mentalidade racionalista ocidental tudo aquilo carece de sentido. Mas convém não esquecer o peso cultural da religião na India. A extrema santidade de Benares deve-se ao Ganges, dom do deus **Shiva,** nele omnipresente. É a cidade santuário onde permanece viva a filosofia brâmica.

Muitos hindunistas, quando pressentem a morte, vão morrer nas margens do rio. Benares, cidade da morte?

Cremações

Deprimida virei as costas ao rio e perco-me no labirinto tortuoso das vielas que lhe dão acesso. O universo dos bazares de «pure silk», paraíso dos turistas americanos de meia-idade. Volto a sentir a presença da morte no hotel. O vento atirava sobre a cidade ondas de um cheiro enjoativo e acre. Ao longe o som dos tambores afirma-se com nitidez. **Estão a queimar os corpos,** diz-me uma professora australiana, companheira do jantar que eu não comi. Curiosamente, cheirava a frango assado.

De madrugada, ainda escuro, ingresso numa excursão, uma entre as muitas que convergem àquela hora para o Ganges. Um silêncio de expectativa cobria o autocarro. No rio, um panorama resplandecente que recordava planos do **Apocalipse Now.** Nas águas polidas incidia uma claridade esbranquiçada. Barcos a navegar contra a corrente cruzavam-se, sem ruído. Somente se ouvia o **clik** das máquinas fotográficas a fuzilar os peregrinos absorvidos pelas abluções matinais. O Sol, alaranjado, erguia-se já sem hesitações. Cor de laranja, também eram as vestes de alguns dos intervenientes daquele espectáculo. Corpos de mulheres insinavam-se na transparência dos saris molhados. Homens e crianças seminus banhavam-se com dignidade.

Ganges acima deslizámos. O remador, dezassete anos envelhecidos, chamava-se **Shubes.** Uma luz esparsa envolvia, como uma manta de tule, Benares, compenetrado na devoção.

Observámos o lugar das cremações, o **Jalsaim Gath.** Nem o incenso nem o sândalo queimados sucessivamente conseguiam atenuar o cheiro da carne queimada. À distância adivinhavam-se os contornos dos cadáveres: os dos homens envolvidos em linho branco e os das mulheres, em tecido vermelho.

Ardem durante horas até serem reduzidos a cinzas. O vermelho das piras quase não se nota, ofuscado pelo brilho intenso do Sol. Amiúde assomam das ruelas estreitas cortejos transportando os defuntos sobre paus de bambus que depositam no chão, ao lado dos que aguardavam carniceiros disponíveis. As famílias assistem, sem drama à função. A morte é encarada com naturalidade. Também nas cremações está presente o arcaísmo dos sistemas das castas, e, ainda mais fortemente, as marcadas diferenças sociais. Nem todos os corpos são, por completo, devorados pelo fogo. Tudo depende dos recursos económicos das famílias. Daí, que, com frequência, se vejam bocados de carne, a serem disputados pelos cães. Finalmente, ao largo do Ganges os corvos terminam o trabalho que os carniceiros não fizeram...

Vómitos de repugnância impediram-me de observar minuciosamente a cena.

Diz a filosofia indiana que o mundo dos sentidos é **Maya.** Isto é: uma ilusão. Uma fugidia aparência. O tanas! Olhei de novo, mas a visão estava lá, insuportável. E acusadora. É. Esta mania que eu tenho de me envergonhar com as acções dos outros, de sentir também minhas as suas culpas.

Lourdes Féria

Classe têxtil na Rua de S. Paulo a caminho de S. Bento, autor não identificado, 1911

Dois albuns sobre Lisboa

«RETRATO da Lisboa Popular, 1900» é o primeiro álbum publicado por investigadores portugueses com o objectivo de dar a ver, pela memória fotográfica, determinado «corpus» histórico — os lisboetas do princípio do século. É um trabalho pioneiro, que tem por detrás uma relativamente jovem tradição sobretudo italiana: a fotografia tem sido, especialmente em Itália, um instrumento de trabalho precioso na investigação em arqueologia industrial e na tarefa, dela em parte decorrente, de tornar presente ao nosso olhar o clima, a realidade urbana, a iconografia, os hábitos, os ofícios, o «cenário» de uma época.

Até na escolha do título e da imagem para a capa (Classe têxtil a caminho de São Bento, na Rua de São Paulo, de autor não identificado, e provavelmente de 21 de Agosto de 1911), este álbum se inspira nos italianos; um e outra evocam irresistivelmente o «1900» de Bertolucci, filme que invoca, por seu turno, o imenso labor de vivificação de arquivos e de recolha etnográfica que tem criado numerosas obras de grande valor cultural nos domínios da música, da imagem e do texto, na Itália dos últimos 15 anos.

Este álbum apetecia desde que o arquivo de «O Século» passou para a posse do Estado, e desde que a Câmara Municipal de Lisboa decidiu enriquecer a sua memória começando a comprar, onde os encontra, arquivos de fotógrafos ou de seus familiares. Era, com efeito, indispensável iniciar algum trabalho de recuperação das dezenas de milhar de chapas de vidro, muitas vezes já quase inutilizáveis e em certos casos perdidas em caixas de papelão, por sótãos e caves do País, que conservam imagens valiosíssimas de realidades que não têm ainda cem anos mas que a nossa incúria e desmemória mataram, condenando-as à inexistência como objectos de estudo ou como espectáculo.

Por isso estão de parabéns António Barreto e Maria Filomena Mónica, e também a editorial Presença, que publica o seu trabalho. Os autores tentaram aproximar-se tanto quanto possível do primeiro anos, do século, mas os materiais encontrados acabaram por os conduzir a um período que se estende especialmente de 1903 a 1914, embora o álbum inclua imagens de 1922.

De entre os fotógrafos antologiados, um há que, pelo seu trabalho na «Ilustração Portuguesa» e pelo espólio que deixou (boa parte do qual foi felizmente recolhido pela Câmara), emerge sem dúvida como principal fonte de imagens: trata-se de Benoliel, o primeiro repórter fotográfico da Imprensa portuguesa, e também o homem que acabaria por tornar verdade, antes de outros, o que António Barreto e Filomena Mónica dizem no seu texto de apresentação acerca da imagem fotográfica: «se a gravura e o óleo eram a iconografia dos poderosos, dos que tinham posses e pose, a fotografia será a memória do povo». De facto, com o seu trabalho para a segunda série da «Ilustração Portuguesa», que se publicou a partir de 1906, Benoliel veio a consumar essa passagem do «pictorialismo» ao «realismo» que define a emergência da fotografia como linguagem autónoma: ela deixa de adquirir a sua importância por fixar imagens de personalidades importantes, como anteriormenre fazia a pintura, e passa a fixar imagens do «banal», a tal ponto que o «banal», porque fotografado, passa, ele, a ser personagem importante.

Triotar 75mm, Tri-X, 1/25 a f. 4.5. Uma das primeiras imagens do álbum de Victor Palla e Costa Martins

Os saloios em Lisboa, a pequena burguesia com o seu comércio e os seus cafés, os trabalhadores industriais no trabalho e na rua, os transportes e os bairros, o surto grevista de 1911 logo após a derrocada da monarquia e a partida para a guerra, poucos anos depois, são os principais «objectos» deste álbum, primeiro «salto» dado, entre nós, até um pouco mais além do interesse dos coleccionadores pelos postais ilustrados e pela segunda série, que ainda há três ou quatro anos era possível encontrar, incompleta, da «Ilustração Portuguesa».

Esperamos que o exemplo de António Barreto e de Filomena Mónica seja seguido por outros investigadores, outros antologiadores.

Este seu trabalho, e imagens dispersas da «República» que têm sido irregularmente publicadas para servir diferentes enfoques, mostram que a nossa «memória fotográfica», muito maltratada embora, é sem dúvida consideravelmente rica. Seria lamentável não a aproveitar para descobrirmos, todos, muito mais acerca de nós próprios.

Um outro álbum sobre Lisboa recentemente divulgado é o «Lisboa, cidade triste e alegre», edição dos autores originalmente distribuída pelo Círculo do Livro, e recentemente à venda no Centro de Animação Fotográfica «Éther/Vale Tudo Menos Tirar Olhos», da Rua Rodrigo da Fonseca. Foi realizado por Victor Palla e Costa Martins, e as fotografias são «faladas» por poemas de Alexandre O'Neill, Armindo Rodrigues, David Mourão Ferreira, Eugénio de Andrade, Jorge de Sena e José Gomes Ferreira, e por um texto de José Rodrigues Miguéis.

No final do álbum, um índice das imagens publicadas é, ao mesmo tempo, um texto dos autores sobre o seu trabalho fotográfico e sobre a prática de fotografia em geral.

Aqui, trata-se sobretudo da Lisboa dos anos 50-60, numa espécie de grande reportagem impressionista onde a rua, os seus personagens e os seus cenários ocupam um papel central. Esta cidade, apesar de recente, já não existe, e o álbum tem o duplo valor do olhar pessoal e do documento sobre anos de transição cujo rasto mal se sente hoje. A sua edição, dadas as dificuldades do meio e o clima em que foi concebida, é, além do mais um gesto corajoso contra o imobilismo e a incapacidade de tomar iniciativas. Não só os coleccionadores e os amadores de fotografia se deixarão cativar por este grande catálogo da «alegria» e da «tristeza» da cidade, vistas por Vítor Palla e Costa Martins.

Amanhã

Como se escolhe a mudança

«Intentional changes: a fresh approach to helping people change» (Mudanças voluntárias: um novo modo de ajudar as pessoas a mudar), de Allen Tough, é um trabalho que resulta de 330 entrevistas individuais efectuadas nos EUA, no Canadá e na Grã-Bretanha entre 1977 e 1980; procurou-se saber como escolhem as pessoas modificar um aspecto importante da sua vida (no domínio do conhecimento de si próprio, das relações com outrem, da situação profissional, etc.). O autor tentou sumariar elementos susceptíveis de ajudar consultantes, psicólogos, educadores, padres ou outras pessoas chamadas a aconselhar outros que devem escolher mudar. As mudanças voluntárias são sobretudo frequentes no domínio profissional, e depois nas relações com outrem, nas emoções e na percepção de si, nos tempos livres e no lugar de residência. Metade dos interrogados realizou com êxito as mudanças que desejaram.

● Follet Publishing Company, 1010 West Washington Boulevard, Chicago, Illinois, 60607, USA.

Habitação autogerida

Philippe Bonnin e Paul Reynaud publicam no n.º 11 da revista francesa «Autogestions» um dossier sobre os «Utopistas do Metro Quadrado». Aí analisam o fenómeno social conhecido pelo nome de «habitat agrupado autogerido» — movimentos e experiências passados e em curso. Estes movimentos continuam a multiplicar-se em França e noutros países da Europa. Caracterizam-nos a participação activa na concepção arquitectónica, a autogestão da construção, da manutenção e vida dos edifícios, e a construção de espaços colectivos.

O «dossier» estuda a génese destes grupos, as condições do seu aparecimento (inadaptação ao alojamento do pós-guerra, recusa das estruturas de concepção, produção e gestão do habitat instaurados pela promoção imobiliária de massa), e a sua filiação em movimentos anteriores, que se enraizam no socialismo utópico. São analisados três grupos, que testemunham um leque de possibilidades desde a simples co-propriedade até à comunidade.

● Autogestions, 54, Boulevard Raspail, 75006 Paris

Empregos futuros

No número da «New Scientist» consagrada às tecnologias da Informação, (vol. 96, n.º 1335), um artigo sobre o emprego compara os dados de um estudo prospectivo efectuado em Inglaterra pelo Instituto da Investigação sobre o Emprego da Universidade de Warwick, com os das estatísticas americanas sobre emprego.

Principais previsões: de 1980 a 1990 a população activa passará na Grã-Bretanha de 24,2 a 23,6 milhões de pessoas, enquanto nos EUA passará de 97,6 para 121,4 milhões.

Profissões cujos efectivos mais aumentarão: As da saúde (GB mais 18%, EUA mais 64%), os engenheiros e quadros científicos (GB mais 15%, EUA mais 38%), os técnicos em geral (GB mais 15%, EUA mais 44%).

As profissões em declínio ou de pequeno crescimento nos dois países serão sobretudo os professores (GB menos 1%, EUA mais 5%), os empregados de escritório (GB mais 3%, EUA mais 26%). São previsíveis distorções consideráveis entre os dois países no tocante aos trabalhadores manuais, sobretudo operários qualificados (GB menos 12%, EUA mais 22%).

● New Science Publicitions, Commonwealth House, 1-19 New Oxford Street, London WCIA ING, Great Britain.

Libération co-produz programas em video

O diário francês «Libération» vai associar-se a «Nicéphore Productions», um dos mais prestigiados grupos independentes de video em França. Este grupo realizará, em equipa com jornalistas do «Libération», inquéritos e retratos de personalidades culturais, «dossiers» sobre desporto ou sobre os fenómenos da vida social. Estes programas serão vendidos aos canais de Televisão, e talvez, em seguida, editados em videocassette. Os dois primeiros programas que concretizam a associação estão já a ser realizados.

Nenhum financiamento

Entrevistados pelo «Le Monde», dois dirigentes da ETA-Militar, organização separatista basca, responderam do seguinte modo à pergunta «recebem ajuda dos países que se reclamam oficialmente do marxismo?».

«Sejamos muito claros, porque periodicamente se dizem muitas asneiras a este respeito. Nós defendemos o internacionalismo proletário. Lutamos contra o imperialismo em nossa casa, e os que fazem o mesmo em casa deles não podem deixar de nos ser simpáticos. Nós não combatemos apenas pela libertação nacional; também combatemos pelo socialismo. Tudo isso cria afinidades, convergências em certos domínios. Mas não nos submetemos, à partida, a nenhum modelo estrangeiro. É preciso dizê-lo e redizê-lo: não existe qualquer relação orgânica, nenhuma ligação estrutural entre a ETA e outros movimentos, designadamente o IRA irlandês, nem entre a ETA e qualquer país socialista. Não existe nem financiamento nem cooperação técnica e militar. É absurdo tomarem-nos por um, entre outros, elemento de uma máquina de desestabilização do Ocidente».

TRIBUNAL DE COMARCA DE LISBOA — 10.º JUÍZO CÍVEL

2.ª Publicação

2.ª SECÇÃO — PROCESSO N.º 2079-B — ANÚNCIO

ANÚNCIO

O Dr. ANTÓNIO ALEXANDRE PINTO, Excelentíssimo Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca de Lisboa — 10.º Juízo Cível — faz saber que por este Tribunal, nos autos de execução que Companhia de Seguros Império EP move a Elio Augusto Boleto Cavaco, residente na Estrada do Alvor, em Portimão, correm éditos de vinte dias, contados da publicação do segundo e último anúncio, citando os credores desconhecidos daquele executado para, no prazo de dez dias posterior aos dos éditos, virem à execução deduzir os seus direitos. Para constar se passou o presente edital, que vai ser devidamente afixado.

Lisboa, 10 de Janeiro de 1983

O Juiz de Direito — a) António Alexandre Pinto.

O Escrivão de Direito — a) António Lopes de Albuquerque.

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confeccoes

Av. Joao XXI 5-D 1000 (Metro Arroios)

Rua Infantaria 16, 55-G 1300 LISBOA

Estórias de Portugal

O Peter, pum!!!
Popularizado, entre nós, por ser um tipo cheio de princípios, o Peter deu um estoiro de todo o tamanho. É o fim do Peter!
Também o que queriam?...
Com tanta falta de princípios que há por aí que Peter era capaz de resistir?.... E porque se estranha a falta de princípios?... Não falta já quase tudo?...É a crise, meus, a crise de que se fala todos os dias e que, de tão repetidamente apregoada acaba banalizada.
O pobre do Peter é que pum! Ele tinha um princípio mas não tinha meios...Nos meios é que está a virtude. Não importa que meios...Pelo que está à vista todos os meios servem para atingir os fins. Ou para atingir o fim?
Quando se fala em criar um Governo forte e para durar querem que o dito dure ou procuram a ditadura?...Eles saem batendo com a porta para logo entrarem todos sorrisos. Às vezes, dá-se, exactamente, o contrário: entram todos sorrisos para saírem, logo, batendo com a porta. Tanto faz: a ordem dos doutores é arbitrária.
O árbitro é que, impenetrável, se mantém imperturbável. Fala pouco para fora, e se ri, ri, para dentro. Com «a faca e m Crespo na mão», como muito bem dizia o jornal, consente que partam, repartam, e, de certo modo, o mandem aquela parte. Estará Jesus, em Belém? Se estiver não está mal; anjinhos é que não faltam por aí...E burrinhos...E — vaquinhas...Isto é que não interessa nem às palhinhas!...

E o pobre do Peter é que lá, pum!...

Francisco Nicholson

Tony Morgon, o mau da fita: no fundo sou um romântico

HÁ actores que sendo «estrelas», nunca chegam à cabeça de elenco, possuem presença tão marcante, que mesmo num pequeno papel coadjuvante, destacam-se pela correcção e força interpretativa que dão aos seus personagens. O actor Tony Morgon é um desses. Sempre escolhido para viver papéis de o mau-da-fita, Tony empresta tanta verdade no seu desempenho que fica sendo para o público, o mauzão, o durão, embora no caso de Tony Morgon o que ele gostaria de fazer era papéis cómicos e românticos, como ele próprio.

No filme «Sem Sombra de Pecado», de José Fonseca e Costa, com estreia marcada para o dia 11 de Fevereiro, Tony Morgon será novamente, o durão impedernido. É o destino.

Na carteira Profissional está escrito: Tony Morgon — Actor Profissional n.º 17637. No seu cartão de visitas lê-se: Tony Morgon — actor cinematográfico profissional e assistente de produção profissional.

Imodesto, no mesmo cartão, Tony Morgon acrescentou: «Produtores e não só... Asseguro, transportes para filmagens no país e estrangeiro». Não sei que faz aquela vírgula entre o **asseguro** e o **transportes,** mas desconfio que faz parte da estilística literária do actor.

Mais do que as dezenas de filmes em que participou, a vida do Tony Morgon daria uma belíssima fita. Uma emocionante fita. Mistério, paixão, aventura, humor, suspense. Todos os ingredientes necessários para a realização de uma película estão presentes na vida deste profissional português.

Tony Morgon, aquariano do Barreiro, nascido a 18 de Fevereiro de 1945, já na tenra idade dos 13 anos, abandonou família e casa, pagou 32 tostões no barco e encalhou no clube Desportivo da Mouraria, onde começou a jogar o boxe. Era a dura luta pela vida: a porrada. A mesma dureza que enfrentou como moço forcado pegando touros de caras. Cruzou os mares como marinheiro de longo curso e cruzou a fronteira espanhola contrabandeando relógios, casacos de pele e doçaria. Ganhou muito dinheiro como contranbandista:

— Era muito perigoso, mas sempre joguei pelo seguro. Nunca quis ser mais esperto do que as autoridades — relembra.

Foi proprietário de três restaurantes (O Século, Mascote do Bairro e Apolo 70) e de uma casa de fado (A Toca do Tony) no Bairro Alto. Ganhou e perdeu muito dinheiro. Sobreviveu.

Foi enfermeiro e cozinheiro de bordo: «Não tenho medo do Michel nem do chefe Silva na cozinha, ensinaria a eles uns bons pratos de minha autoria», desafia.

Casado três vezes, descasado outras tantas, divorciado na forma da lei, Tony Morgon vive actualmente uma fase de tranquilidade familiar, com a «quarta» mulher, já há onze anos e pai de um miúdo, **O Sopas.**

Vida de artista

No cinema Tony Morgon começou muito cedo, em 1952, no filme «Pequenos Vagabundos» (não era sua biografia), de Rui Ferrão e Augusto Cabrita. Gostou. O vírus impregnara-se marcantemente, como tatuagem ou cicatriz.

Seu físico de **boxeur** e a cara de mau-da-fita é sempre lembrada para papéis violentos: polícia, bandido ou durão, embora «preferisse papéis cómicos e românticos — como eu: só me escolhiam para vilão». Geralmente papéis arriscados e perigosos, como o que desempenhou no filme «O Capitão Sigrid», rodado em Angola, onde na pele de um soldado destemido «nadei ao pé de crocodilos, sem saber», admite Tony Morgon.

Foi agente da PIDE, em «O Rei das Berlengas», guarda-republicano, em «Os Demónios de Alcácer Kibir», chulo-malandro-capanga, em «Kilas o Mau da Fita» e, agora, com estreia marcada para Fevereiro, Tony Morgon estará novamente em cena, no filme «Sem Sombra de Pecado», de José Fonseca e Costa não num personagem cómico e romântico como ele gostaria, mas para mais uma vez vestir a farda de um sargento durão e incomplacente.

Enquanto sua hora e sua vez não chega, Tony Morgon continua a sonhar com futuros trabalhos no cinema, ser chamado para a TV, «gostaria muito de fazer uma experiência nas telenovelas» e acalenta um desejo secreto de «abrir uma grande casa de fados para criar muitos postos de trabalho», onde o próprio Tony possa dar vazão a mais uma das suas múltiplas habilidades: cantar o fado, pois o Tony Morgon também é fadista com um Lp e um «single» à venda nas boas casas do ramo.

Sempre optimista e extrovertido, Tony faz uma revelação quase patética: «No fundo, desde menino-moço, o que eu queria ser era médico-cirurgião. Até hoje sonho com isso».

Não se espante, leitor, se num futuro próximo, no seu novo cartão de visitas, além de «actor cinematográfico profissional e assistente de produção profissional», Tony Morgon venha acrescentar: «Médico-cirurgião».

Duda Guennes